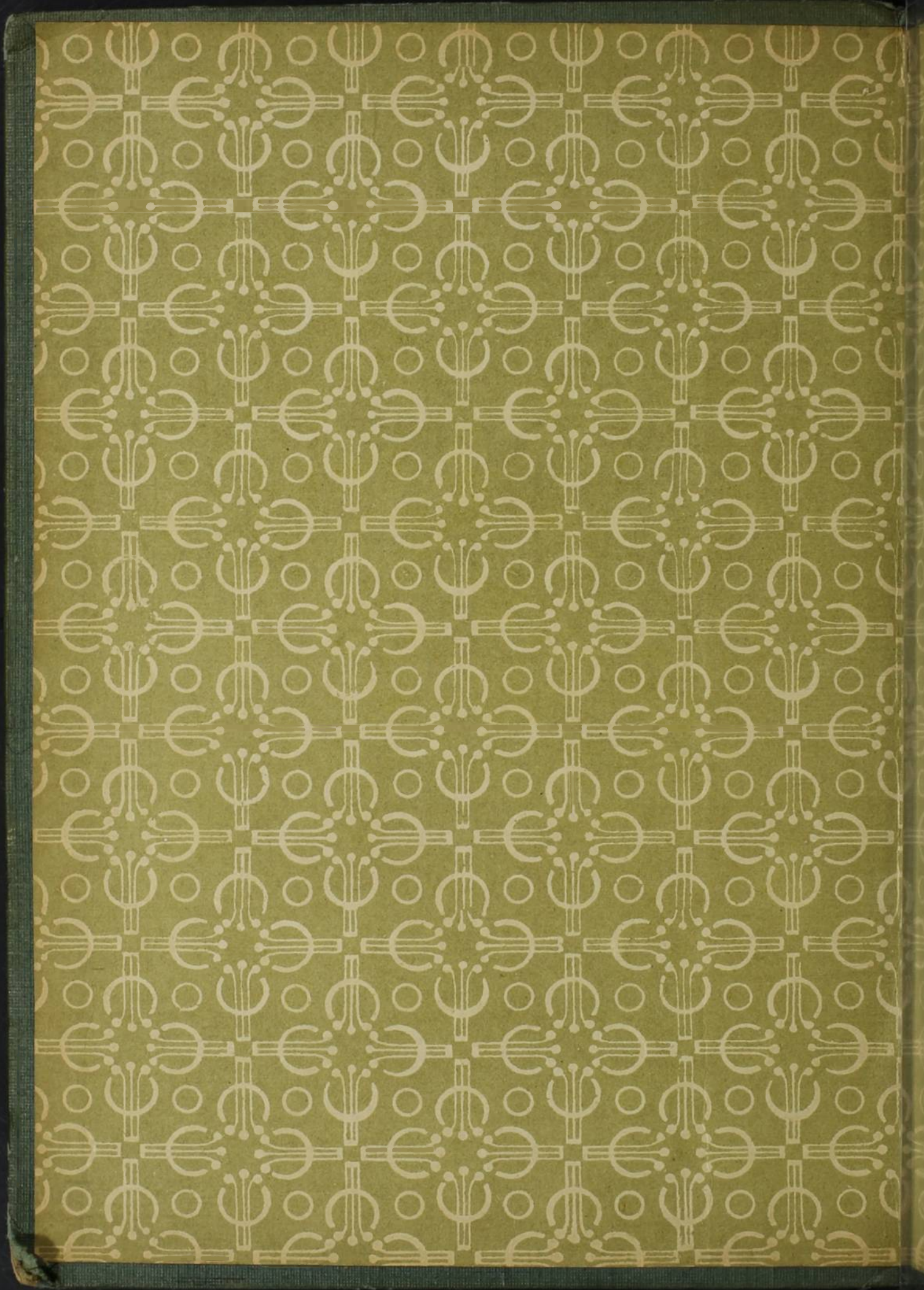
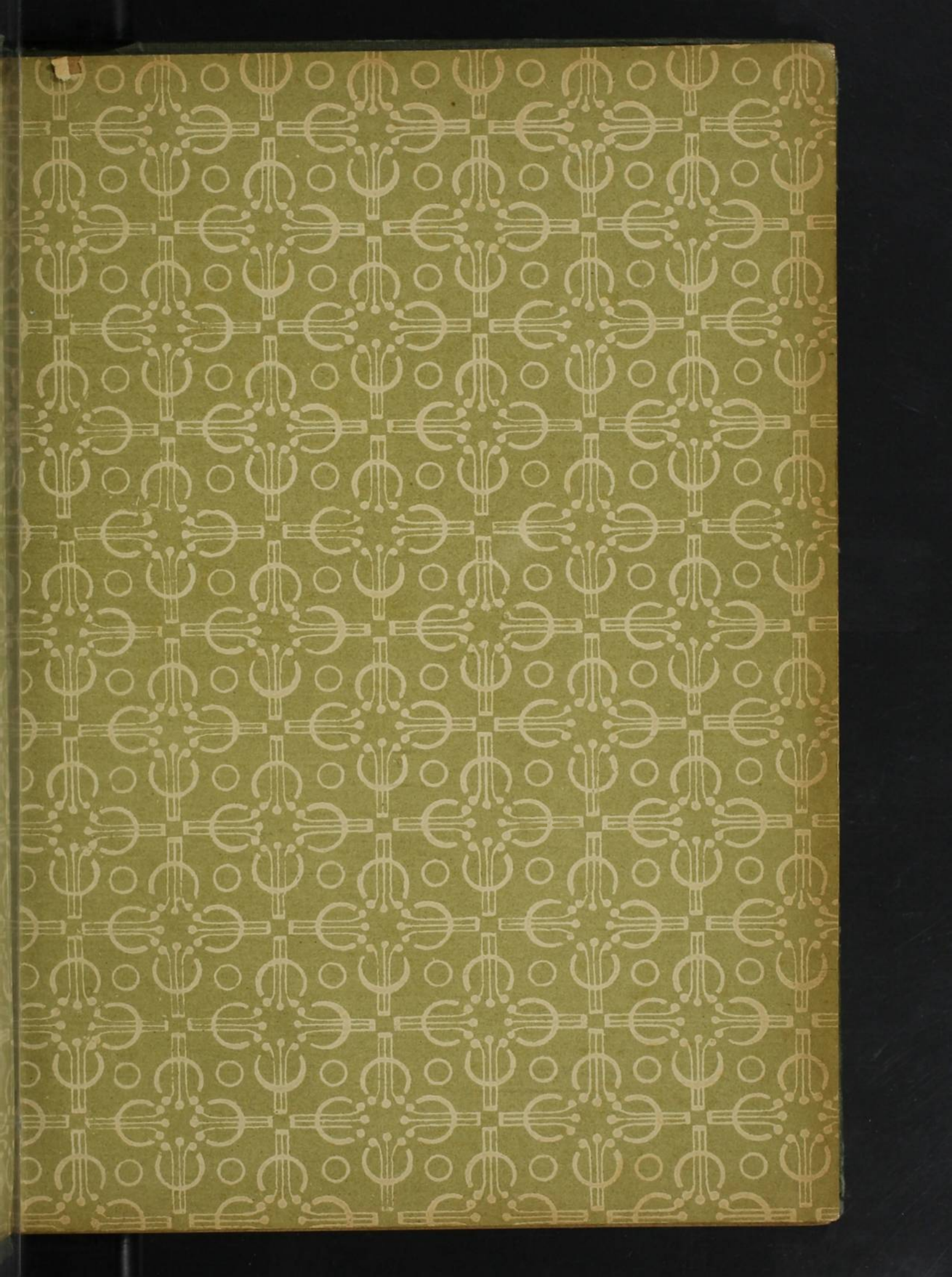


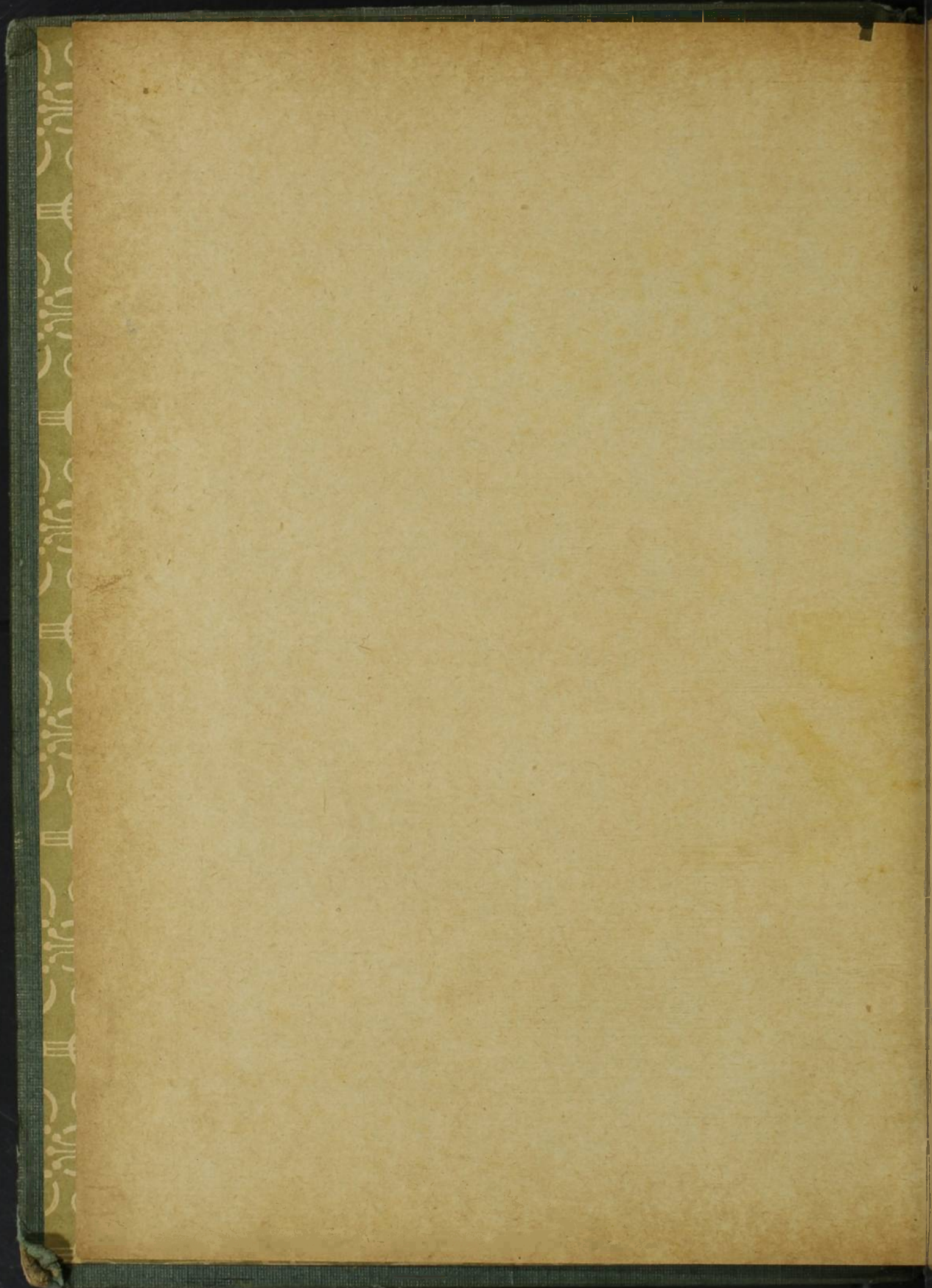
HISTORIAS
DO
REINO ENCANTADO



Livraria Francisco Alves





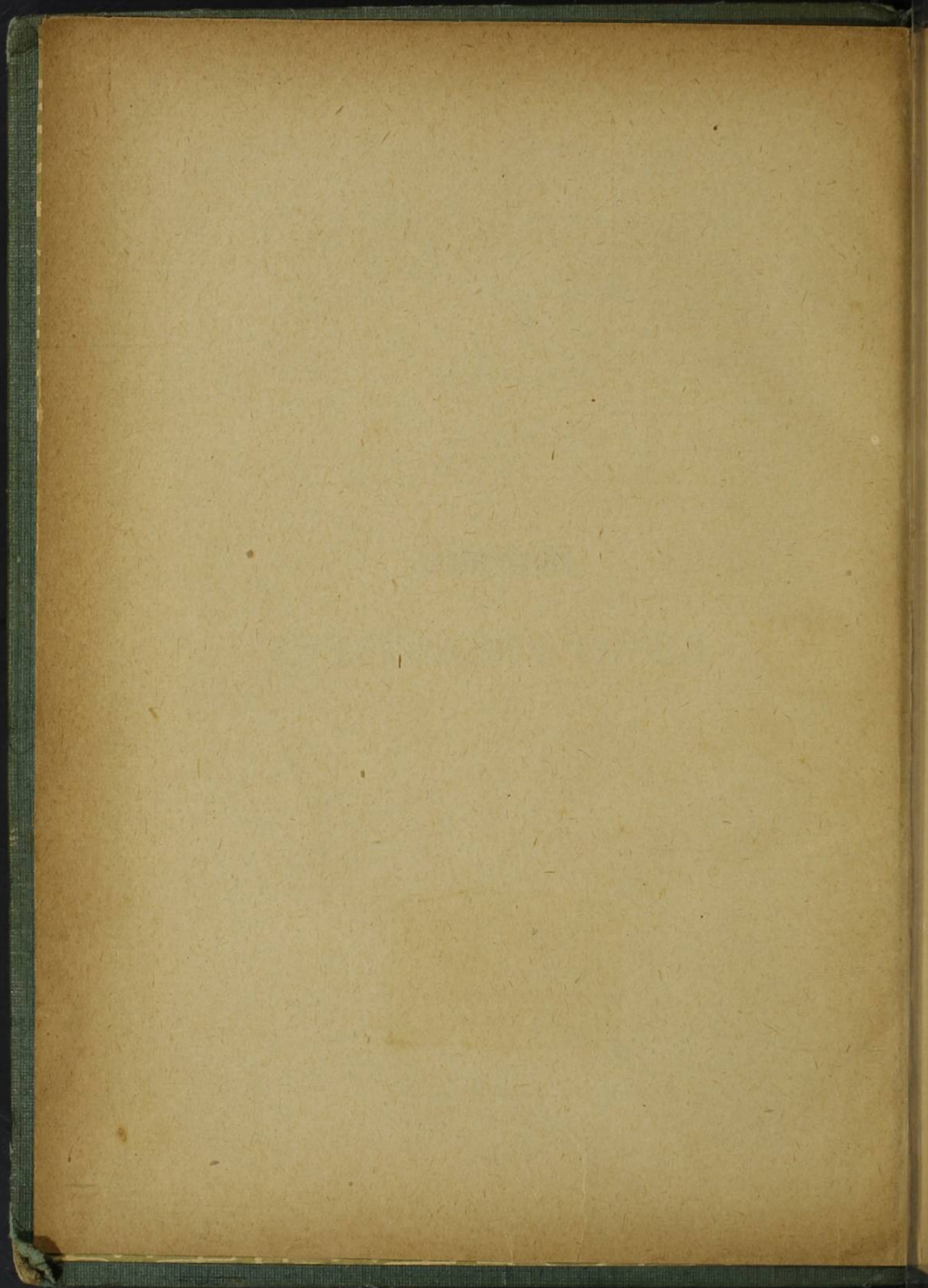


Maria Excilia

Uma pequena lembrança
de Gizinha, pelo seu
aniversario.

São Paulo, 3-12-1936.

HISTORIAS
DO
REINO ENCANTADO



HISTORIAS
DO
REINO ENCANTADO

CONTADAS PELAS AVÓS
E COLLECCIONADAS

POR

F. GRIMALDI

ORNADAS

COM OITO ESTAMPAS COLORIDAS



LI... ALVES
166, RUA... DE JANEIRO
S. PAU... O HORIZONTE
49-A, Rua Libero Badaró || Rua da Bahia, 1052

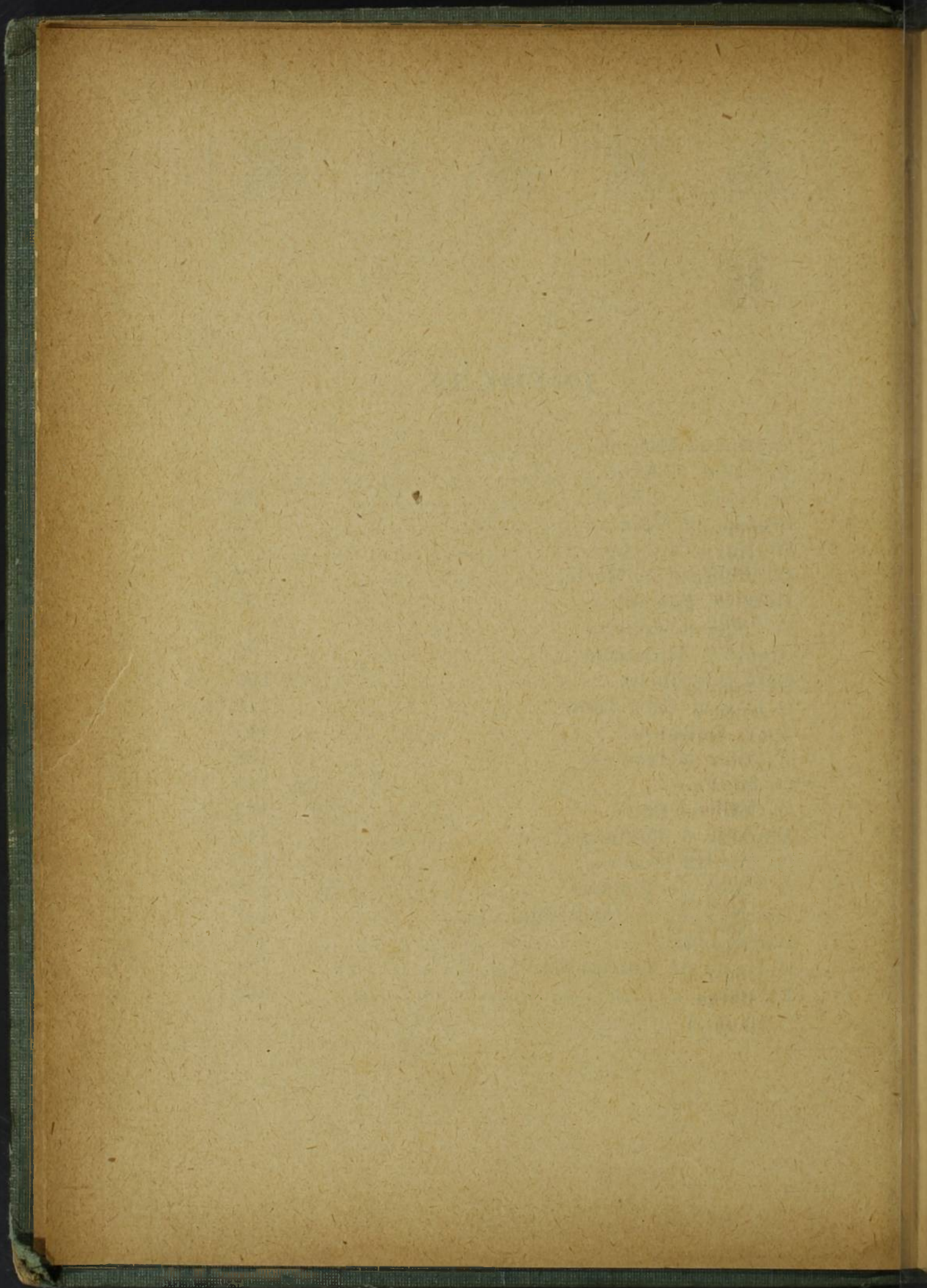
1929

QUATROCENTI



INDICE

Capellino Vermelho.....	7
O Navio Maldito.....	13
O Pobre e o Rico.....	32
Branca de Neve.....	42
O Lago dos Cysnes.....	58
O Afilhado da Morte.....	72
Rosa de Espinhos.....	77
O Pequeno Pollegar.....	84
Branca e Rosalinda.....	94
Gata Borralheira.....	100
O Doutor Sabe-Tudo.....	110
João Felizardo.....	115
A Velha Mandaneve.....	123
O Anjo.....	129
O Gato de Botas.....	133
Maninho e Maninha.....	142
Os Quatro Musicos.....	151
O Ramo de Violetas.....	158
Henriquinho e Joanninha.....	167
Barba-Azul.....	177
O Barão de Munkausen.....	184
Faladá.....	203





CAPELLINHO VERMELHO



ERA uma vez uma encantadora menina, estimada por todos e principalmente pela avó. Esta queria-lhe muito bem e fazia-lhe sempre presentes. Uma ocasião deu-lhe um capellino de velludo vermelho. A menina pôl-o immediatamente na cabeça e tão contente ficou, que nunca mais quiz andar sem elle. Também todas as pessoas que a conheciam achavam que ella assim ficava mais bonita ainda e começaram a chamal-a pelo appellido de Capellino Vermelho. D'ahi a algum tempo já ninguem mais a conhecia por outro nome.

Um dia disse-lhe a mãe: “Olha, Capellino Vermelho, toma lá esta cesta com um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. E’ para levares á vovósinha, coitada! que está doente e muito fraca. Mas vai depressa, antes que o sol es quente muito; anda direito e toma bem sen-

tido para não te distrahires pelo caminho, senão tu caes e me quebras a garrafa e a vovó fica sem nada. E quando entrares na casa de tua avó, não te esqueças de dar bom dia, nem te ponhas a olhar para todos os cantos”.

“Sim, mamã; eu prometto fazer tudo muito direito”, respondeu Capellino Vermelho.

Morava, porém, a vovó bem longe, a meia legua da aldeia, lá fóra na floresta. Quando Capellino Vermelho chegou á floresta e ia atravessal-a, appareceu-lhe o lobo. Não sabendo que elle era um bicho muito mau, Capellino Vermelho não teve medo.

“Bom dia, Capellino Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, lobo”.

“Onde vais tão cedo, Capellino Vermelho?”

“Vou á casa de vovó”.

“E que levas tu ahi coberto com esse panno?”

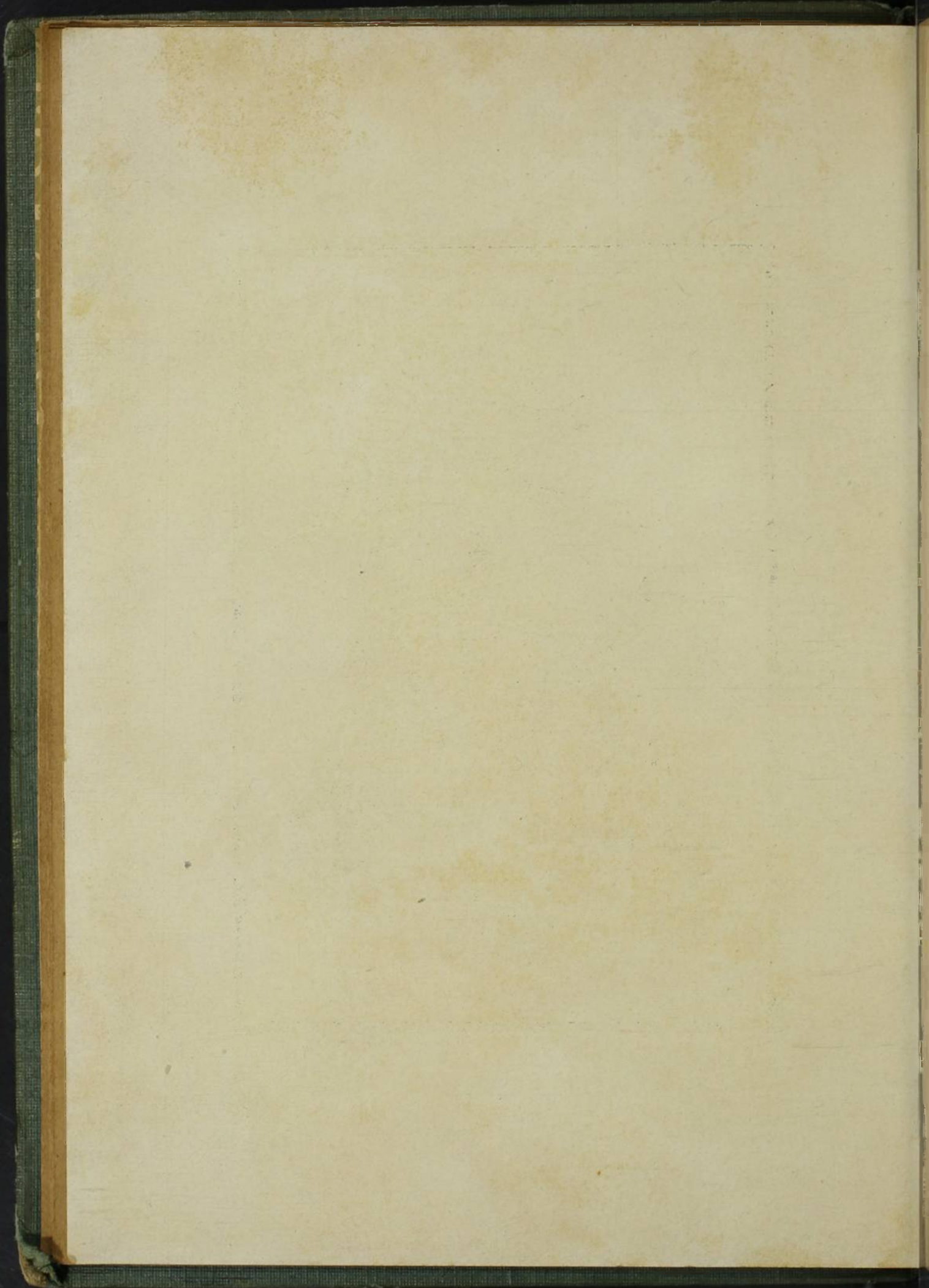
“Bolo e vinho. E’ que vovó está doente e muito fraca, e isso vai-lhe fazer bem”.

“Capellino Vermelho, onde é que ella mora? E’ muito longe?”

“Não é, não. Sabes onde ficam os tres carvalhos com umas nogueiras ao pé? Pois é lá”.

O lobo poz-se a pensar: “Esta pequena é bem tenra e ha de ser um petisco delicioso e mais gostoso do que a velha. Ora como é que





nos havemos de arranjar para abocanhar uma e outra?” Disfarçou, caminhando ao lado de Capellino Vermelho, e de repente disse assim: “Capellino Vermelho, olha que bonitas flores ha por aqui, e como é agradavel o canto dos passarinhos!”

Capellino Vermelho alçou os olhos e, vendo a multidão de flores lindissimas por toda a parte, fez este raciocinio: “Se eu levar a vovó tambem um bonito ramo de flores, ella ainda ha de ficar mais contente; é tão cedo ainda e eu posso chegar bem a tempo”. Poz-se então a colher flores pela beira do caminho e pouco a pouco foi entrando pelo mato a dentro. Era apanhar uma flor e ver outra mais adiante, logo ella achava que esta era mais linda, e assim foi-se passando o tempo. Neste entretanto o lobo partiu em direitura para a casa da avó e bateu á porta.

“Quem está ahi?”

“E’ Capellino Vermelho que vem trazer bolo e vinho; abre, vovó”.

“Levanta o trinco, menina, que a porta abre”, respondeu a avó, “eu estou muito fraca e não posso sahir da cama”.

O lobo levantou o trinco, a porta abriu-se e, sem dizer palavra, elle dirigiu-se para o leito da avó e enguliu-a. Depois vestiu a roupa della, poz a touca, deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Capellino Vermelho, que tinha andado atraz das flores, só depois de ter colhido uma porção tão grande que mal podia carregar-as, é que se lembrou outra vez da vovó e poz-se a caminho para a casa onde esta morava.

Admirou-se de ver a porta aberta e, assim que entrou, achou tudo muito exquisito e disse comsigo: “Não sei o que tenho hoje; gosto tanto de estar aqui com vovó, e agora estou com susto. Que será isso, meu Deus ?” Depois falou em voz alta: “Bom dia”, porém nada de resposta. Dirigiu-se então para o pé da cama e abriu o cortinado. A avó estava deitada ahi com a touca enterrada na cara e apresentava um aspecto singular.

“Ah vovó, que orelhas tão compridas que tem hoje !”

“São para te ouvir melhor.”

“Vovó, e que olhos tão grandes !”

“São para te enxergar melhor.”

“E que mãos tão enormes !”

“São para te segurar melhor.”

“Mas, meu Deus, que boca enorme é essa ?”

“E’ para te devorar melhor.”

E dizendo isto, o lobo deu um salto da cama e enguliu o pobre Capellino Vermelho. Depois tornou a deitar-se na cama, ferrou no somno e principiou a roncar tão alto, que um caçador, passando casualmente por ali, ficou assustado e disse: “O que terá a pobre velha,

para estar roncando assim ! Sempre é bom ir ver o que será.” Entrou e, aproximando-se do leito, qual não foi o seu espanto ao ver o lobo ahi estendido. “Olá”, disse elle, “com que então, depois de muito procurar, afinal te venho encontrar por aqui ! Espera, meu patife, que já te vou ensinar a dormir”. Ia dar um tiro no animal, mas logo lhe veio a idéa que isso não convinha; que o lobo talvez tivesse devorado a velha e que esta talvez ainda pudesse ser salva. Assim, em vez de fazer fogo, tomou uma tesoura e poz-se a abrir a barriga do lobo ferrado no somno. Mal tinha dado uns talhos, quando viu a côr vermelha do capellino; abriu mais um pouco e então a menina saltou para fóra, exclamando: “Ah! meu Deus, que escuro que estava lá dentro!” Depois sahio tambem a velha avó, felizmente ainda viva, mas tão affrontada, que mal podia respirar.

Capellino Vermelho, porém, foi immediatamente buscar umas pedras grandes, que ella e o caçador collocaram dentro da barriga do lobo.

Quando este acordou, quiz dar um pulo para fugir; mas como as pedras faziam muito peso, elle cahiu ao chão e morreu.

Que alegria não tiveram então as pessoas! O caçador tirou a pelle do lobo e levou-a para casa; a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que

Capellino Vermelho havia trazido, e ficou outra vez boa. Capellino Vermelho, porém, disse: “Nunca mais eu me afasto do caminho para entrar no mato, e hei de sempre cumprir á risca o que mamãe me tiver ordenado”.





O NAVIO MALDITO



EU pai tinha uma pequena casa de negocio em Balsora. Não era rico nem pobre; pertencia áquella classe de homens que não gostam de metter-se em emprezas novas, com receio de perderem o que possuem. Deu-me uma educação simples, mas honrada, e tanto se interessou por mim, que em pouco tempo eu estava em condições de poder auxiliá-lo. Tinha eu justamente feito dezoito annos, quando elle se aventurou a fazer a primeira grande especulação, mas falleceu logo, provavelmente do pesar que sentiu por haver confiado mil moedas de ouro aos caprichos do Oceano. Pouco tempo depois fui obrigado a confessar que elle ainda tinha sido feliz por ter fallecido então; porque, ao cabo de algumas semanas, chegou-me a noticia de que o navio

em que meu pai embarcara todas as suas mercadorias havia ido a pique.

Esta desgraça, porém, não conseguiu abalar o meu animo juvenil. Reduzi a dinheiro tudo quanto me restava da herança e fui viajar para tentar a fortuna em paizes estrangeiros, levando em minha companhia apenas um velho servidor de meu fallecido pai, e isto mesmo porque a sua antiga e nunca desmentida dedicação impedia-o agora de separar-se de mim e da minha sorte.

Embarcámos em um navio no porto de Balsora e partimos com ventos propicios. Ia o barco rumo das Indias. Já havia seguido a derrota geral durante quinze dias, quando o capitão nos annunciou que iamos ter um temporal. Mostrou-se um tanto apprehensivo e quiz-nos parecer que elle não conhecia sufficientemente aquellas paragens para poder arrostar com calma qualquer tormenta. Mandou ferrar todo o panno e começámos a seguir vagarosamente em arvore secca. Assim fomos até o escurecer; a noite apresentou-se muito clara e fria e já o capitão começava a acreditar que se tinha enganado com os prognosticos do temporal. De repente passou pelo nosso travez um outro navio que até então não fôra visto por nós. Do convez do mesmo partiam muitos gritos, e grandes exclamações de jubilo, o que assaz me sorprehendeu naquella hora angus-

tiosa em que esperavamos a tempestade. Olhei para o nosso capitão, que estava a meu lado, e vi-lhe no rosto estampada a pallidez da morte. “O meu navio está perdido!” exclamou elle, “pois ali navega a morte!” Antes que eu o pudesse interrogar sobre esta curiosa exclamação, os marinheiros appareceram todos chorando e gritando: “O senhor viu o navio? Então estamos todos perdidos!”

O capitão, porém, mandou ler trechos consoladores do Alcorão e foi tomar conta do leme. Tudo, porém, foi baldado. A olhos vistos levantou-se a tempestade e ainda não tinha passado uma hora, eis que o navio estala todo e adorna para o lado. Arriaram-se os escaleres e, mal os ultimos marinheiros conseguiram embarcar nelles, o navio submergiu á nossa vista e lá fui eu, pobre como um mendigo, pelo mar a fóra.

Mas não ficou só nisso a minha desgraça. O vendaval augmentou ainda mais, levantando enormes vagalhões, e o nosso escaler não poudé mais ser governado. Eu me abraçava ao meu velho criado, e promettemos um ao outro que nunca nos separariamos nem na vida nem na morte. Afinal raiou o dia. Mas já ao clarão da aurora uma lufada de vento cahiu sobre a embarcação em que iamos e a fez sosobrar. Nunca mais vi os meus companheiros de viagem. Fiquei atordoado; e, quando voltá

a mim, achei-me nos braços do meu fiel servidor, que se salvara trepando na quilha da embarcação e me havia arrastado para ahi. O temporal amainara. Nada mais se descobria do nosso navio; mas avistámos a pequena distancia um outro navio, para o qual eramos impellidos pelas ondas. Quando nos aproximámos do mesmo, reconheci o navio que por nós passara á noite e tanto assustara o nosso capitão. Fiquei possuido de grande pavor. O dito do capitão, que se realisara tão terrivelmente ; o aspecto lugubre da embarcação, na qual, por mais que gritassemos, ninguem apparecia, tudo me assustava. O navio, porém, era a unica salvação que se nos offerecia e por isso louvámos o Propheta que nos tinha conservado a vida tão milagrosamente.

Da prôa do barco pendia um cabo comprido. Remámos então com os pés e as mãos em direcção ao mesmo para o podermos agarrar. Afinal lá chegámos. Mais uma vez ergui a minha voz, pedindo soccorro, mas no navio continuou a reinar um silencio sepulcral. Subimos então pelo cabo, indo eu, como o mais moço, na frente. Mas horror! Que quadro se apresentou aos meus olhos, quando cheguei em cima! Sobre o convez, que estava tinto de sangue, jaziam vinte a trinta cadaveres, vestidos á moda turca; encostado ao mastro grande, estava um homem ricamente vestido, de sabre em punho,

o rosto muito pallido e contrahido; um grande prego lhe atravessava a fronte e o pregava de encontro ao mastro. Tambem elle estava morto. O pavor peiou-me os passos e eu mal ousava respirar.

Afinal o meu companheiro tambem se aproximou, tendo conseguido subir pelo cabo. Ficou, como eu, dolorosamente sorprendido com aquelle espectaculo: nem um unico ser vivo, mas sómente cadaveres. Depois de havermos feito as nossas orações ao Propheta, ousámos finalmente caminhar adiante. A cada passo olhavam para traz, para vermos se não nos apparecia alguma cousa ainda mais horrenda e terrivel. Tudo, porém, ficou como estava. Por toda a parte nem um ente vivo a não sermos nós e o vasto Oceano. Nem sequer ousavamos falar alto, com receio de que o morto que estava pregado ao mastro volvesse os olhos para nós ou que um dos mortos estendidos no chão mexesse com a cabeça. Chegámos finalmente a uma escada que dava para o porão do navio. Involuntariamente fizemos alto, e nos entreolhámos; porque nenhum de nós ousava exprimir os seus pensamentos por palavras.

“Oh, meu senhor!” disse-me afinal o criado, “aqui aconteceu alguma cousa terrivel ; mas ainda que haja, lá em baixo, uma infinidade de assassinos ou de piratas, eu prefiro

ir entregar-me a estes a permanecer por mais tempo aqui na tolda, em presença destes cada-veres”.

Eu pensava como elle e por isso reunimos toda a nossa coragem e descemos. Reinava, porém, tambem ahi um silencio de morte e só os nossos passos resoavam na escada. Estavamos á porta da camara. Cheguei o ouvido ao buraco da fechadura, escutei, mas nada ouvi. Abri a porta e vi que o compartimento estava todo em desordem. Os vestuarios, as armas e os sobresalentes ahi jaziam na maior confusão. A guarnição do navio, porém, ou pelo menos o capitão, devia ter tomado alguma refeição pouco antes nesse lugar, pois á mesa ainda havia algumas iguarias e bebidas. Percorremos as outras divisões e compartimentos do navio e em todos elles encontrámos um grande sortimento de sedas, perolas, assucar, etc. Fiquei muito satisfeito, quando vi tudo isto, porque, não existindo viv'alma a bordo, julguei que me podia apoderar de tudo. Ibrahim, porém, me chamou a attenção, dizendo-me que provavelmente estavamos ainda muito longe da costa mais proxima e que de certo não poderiamos chegar a ella sem o auxilio de mais alguém.

Refizemos as nossas forças com os mantimentos que encontrámos em grande quantidade e, depois, atrevemo-nos a subir de novo á

tolda, mas ahi, ante o horrendo quadro que se nos deparava, sentiamos calefrios sem cessar. Resolvemos então livrar-nos daquelles cadaveres, atirando-os n'agua por cima da borda. Mas qual não foi o nosso pavor, quando vimos que era impossivel tirar um só do lugar em que se achava! Estavam seguros á tolda como se estivessem pregados, e para afastal-os d'ali seria forçoso arrancar o tabuado, mas nós não tinhamos as ferramentas para este fim precisas.

O capitão tambem não se deixou tirar do mastro e nem ao menos conseguimos arrancar a espada que sustinha na mão. Passámos o dia a pensar na critica condição em que nos achavamos e, quando começou a escurecer, permiti ao velho Ibrahim que fosse dormir, dizendo-lhe que eu ficaria de vigia na tolda para descobrir algum meio de salvação. Quando a lua sahiu e eu calculei pela altura das estrellas que seria mais ou menos a undecima hora, fui acommettido de um somno irresistivel e involuntariamente cahi atraz de uma pipa que se achava na tolda. Não obstante, queria-me parecer que o que me acommettera era antes um certo atordoamento do que somno, porque ouvia distinctamente as ondas baterem de encontro ao costado, bem como o vento a sacudir as velas e o rangido das vergas e dos mastros. De repente julguei ouvir vozes humanas e pi-

sadas no convez e quiz levantar-me para ver quem era; mas uma força invisivel me tolhia os movimentos e nem ao menos consegui abrir os olhos.

As vozes se tornaram cada vez mais distintas e parecia-me que uma tripulação jovial corria pelo convez do navio. De vez em quando tambem me parecia ouvir uma forte voz de commando e, logo depois, um ruido como se estivessem a içar e arriar o panno.

Pouco e pouco, porém, perdi os sentidos e cahi em profundo somno, no meio do qual só julguei perceber o rumor de armas brancas que se chocavam; e só acordei, quando o sol já ia alto e começava a queimar-me o rosto.

Admirado, lancei os olhos em torno de mim; o navio, a tempestade, os mortos e tudo quanto ouvira e sentira durante o meu somno, devia ter sido um sonho mau; mas, quando me puz de pé e olhei para a frente, achei tudo como deixara na vespera. Os mortos jaziam immoveis, e immovel tambem estava o capitão, pregado ao mastro. Ri-me do meu sonho e fui acordar o meu companheiro.

Este já se achava sentado na camara, mergulhado em profunda meditação. “Oh, meu senhor!” exclamou elle, quando me viu entrar, “eu prefiro estar no fundo do mar a ficar mais uma noite neste navio maldito”. Perguntei-lhe então qual a razão que o levava a desejar

tal cousa, e elle me respondeu: “Eu tinha dormido algumas horas, quando acordei e notei que alguém corria por cima da camara em que estava deitado. Julguei a principio que fosse o senhor; mas depois percebi que eram pelo menos umas vinte pessoas que andavam e corriam lá por cima; ao mesmo tempo ouvi que chamavam umas ás outras e gritavam. Finalmente ouvi passos pesados descerem a escada. Perdi então a consciencia, e só uma ou outra vez ella me voltava por momentos, vendo eu então o mesmo homem que está pregado no mastro, sentado áquella mesa, cantando e bebendo, e aquelle que está deitado junto delle vestido com um habito escarlate, se achava sentado ao seu lado, acompanhando-o nas suas libações”. Eis o que o meu velho servidor me contou.

Imaginem agora os meus amigos a impressão que me causou semelhante narração; tanto mais quanto eu pessoalmente tinha ouvido muito bem a gritaria dos mortos. Não era nenhum caso de allucinação. A pensar que devia viajar com taes companheiros, eu estremecia de horror. O meu velho Ibrahim, porém, cahiu outra vez em profunda meditação. “Ah, descobri um meio!” exclamou de subito. Referiu-me então que se lembrava de uma reza que o seu avô, homem muito pratico e viajado, lhe ensinara, como muito efficaz contra toda a

sorte de bruxarias e encantos; sustentou tambem que na noite seguinte poderiamos vencer aquella inexplicavel somnolencia que se apoderava de nós, comtanto que dissessemos bastantes rezas do Alcorão.

A proposta do velho me agradou. Em ansiosa expectativa vimos a noite aproximar-se. Havia ao lado da camara um pequeno compartimento; foi ali que resolvemos esconder-nos e aguardar os acontecimentos. Fizemos na porta alguns buracos, tendo o tamanho sufficiente para podermos ver todo o interior da camara; em seguida fechámo-nos, do melhor modo possivel, pelo lado de dentro, e Ibrahim escreveu o nome do Propheta em todos os quatro cantos. Assim aparelhados, esperámos pelos horrores da noite. Seria outra vez pela volta da undecima hora, quando comecei a sentir, novamente, muito somno. O meu companheiro então me aconselhou que dissesse algumas rezas do Alcorão; assim fiz e o somno passou. De repente, pareceu que lá em cima havia vida: ouviam-se os cabos a ranger, passos de homens a andar pelo convez e nós distinguimos perfeitamente as vozes de diversas pessoas. Ficámos assim em terrivel anciedade, durante alguns minutos, e depois ouvimos alguém descer a escada da escotilha. O velho, ouvindo isto, poz-se a recitar esta reza que seu avô lhe ensinara contra duendes e bruxe-

dos: “Se viestes dos ares, — se subistes do fundo dos mares; se dormistes em escura cova; se saltastes das brasas e chammas: Allah é vosso senhor e mestre, e todos os espiritos lhe obedecem”.

Devo confessar que eu não confiava muito neste exorcismo e os cabellos me ficaram em pé, quando vi a porta da camara abrir-se, e quem entrava era aquelle homem alto e garboso que eu tinha visto pregado ao mastro. Trazia o prego ainda atravessado na cabeça, mas tinha a espada mettida na bainha; atraz d'elle entrou um outro individuo vestido com menos riqueza, o qual eu tambem tinha visto lá em cima, deitado no convez. O capitão — o exterior daquelle homem não deixava duvida sobre seu posto — tinha o rosto muito pallido, barba preta e espessa, e olhos vivos e cheios de ferocidade, com os quaes correu todo o compartimento, ao entrar. Eu pude vel-o distinctamente, quando passou pela nossa porta; elle, porém, não pareceu ligar a menor importancia á porta por detraz da qual estavamos occultos. Os dois sentaram-se á mesa collocada no centro da camara e começaram a falar muito alto, quasi gritando, em uma lingua que nos era desconhecida. Falavam cada vez mais alto e com mais rapidez, até que afinal o capitão deu um murro na mesa, fazendo toda a camara estremecer. O outro poz-se de pé, dando

uma grande gargalhada e com um aceno convidou o capitão a segui-lo. Este ergueu-se, arrancou a espada da bainha, e ambos sahiram da camara.

Respirámos mais desafogadamente, quando os vimos sahir, mas o nosso medo ainda estava longe de cessar. O barulho foi augmentando cada vez mais. Nós os ouviamos a correr para cá e para lá, a gritar, a rir e a berrar. Por fim tornou-se aquillo num rumor verdadeiramente infernal, que nos fez crer que todo o convez, os mastros e as vergas vinham desabando sobre nossas cabeças, e no meio de tudo aquillo percebia-se o tinido de armas e gritaria e de repente um silencio profundo. Passaram-se muitas horas antes que ousassemos subir á tolda, onde fomos encontrar tudo como d'antes: nenhum dos mortos mudara de posição; todos ali jaziam rigidos como madeira.

Assim estivemos durante alguns dias a bordo do navio, que seguia sempre rumo de léste (onde, segundo os meus calculos, deviamos chegar a alguma terra), mas embora durante o dia andasse muitas milhas naquella direcção, de noite parecia que voltava atraz, porque, ao nascer do sol, nós nos achavamos sempre no mesmo lugar. Não havia senão uma unica explicação para este curioso facto: é que os mortos todas as noites faziam o navio retroceder com grande velocidade. Para evitar

que isto continuasse, nós, antes de anoitecer, carregámos e ferrámos todo o panno, e empregámos o mesmo meio que havíamos posto em pratica no compartimento contiguo á camara, isto é, escrevemos o nome do Propheta em cima de pergaminhos, accrescentámos a estes a reza do avô do meu companheiro e depois os enrolámos nas velas ferradas. Anciosos aguardámos, no nosso camarote, o effeito da nossa acção. Elles, naquella noite, pareciam estar mais exaltados do que nunca, mas na manhan encontrámos as velas ainda ferradas como havíamos deixado na vespera. Durante o dia largámos apenas o panno necessario para impellir o navio para diante e deste modo percorremos uma boa distancia em cinco dias.

Finalmente, pela manhan do sexto dia, avistámos terra a uma pequena distancia e cahimos de joelhos para agradecer a Allah e ao seu Propheta a nossa milagrosa salvação. Durante este dia e a noite seguinte o nosso navio seguiu ao longo da costa, e na manhan do setimo dia avistámos, a alguma distancia, uma cidade; com enorme esforço conseguimos largar então uma ancora, a qual felizmente unhou logo e em seguida arriámos uma pequena embarcação e remámos com todas as nossas forças em direcção á cidade.

Meia hora depois entravamos na embocadura de um rio que desagua no mar e des-

ciamos em terra. Chegados ás portas da cidade, indagámos como esta se chamava e soube-mos que era uma cidade das Indias, que não ficava muito distante d'aquella para a qual eu queria ir no navio em que tinha embarcado com as minhas mercadorias e depois naufragara. Fomos então a uma das hospedarias e descansámos da nossa viagem aventureasca. Procurei tambem saber se havia nas redondezas um homem douto e algum tanto conhecedor de bruxarias. O hoteleiro me levou então a uma rua um pouco afastada do centro da cidade e, chegando a uma casa de pouca apparencia, bateu. Quando eu entrei, recommen-dou-se-me que perguntasse por Muley.

Lá dentro appareceu-me um homem já idoso, com barba grisalha e nariz comprido, e me perguntou o que queria. Respon-di que procurava o sabio Muley. "Sou eu mesmo", me disse elle. Pedi-lhe então o seu conselho e perguntei como devia proceder para tiral-os de bordo. Respondeu-me então que aquella gente com certeza havia sido encantada no mar por algum crime ahi commettido, e que suppunha que este encanto terminaria se os mortos fossem trazidos para terra, o que só podia ser realisado se se arrancasse o tabuado do convez, sobre o qual elles estavam deitados. Que, de direito, o navio pertencia a mim, pois o havia achado em alto mar; mas que, não obstante,

devia guardar segredo sobre o caso, e, em troca dos seus conselhos, dar uma pequena quantidade das mercadorias existentes a bordo, pois tambem estava prompto a me coadjuvar com alguns dos seus escravos na remoção dos cadaveres.

Prometti recompensal-o principescamente, e, acompanhados de cinco escravos armados de serrotes e de machados, dirigimo-nos para bordo. Em caminho, o feiticeiro Muley não se cançava de louvar a nossa feliz idéa de enrolar, em redor do panno ferrado, pergaminhos com o nome do Propheta e a reza, e que era a isto exclusivamente que deviamos a nossa salvação.

Ainda era cedo, quando chegámos a bordo do navio. Puzemos logo mãos á obra, e ao cabo de uma hora já havia quatro mortos dentro da embarcação miuda. Alguns dos escravos tiveram ordem para leval-os para terra afim de sepultal-os; mas quando voltaram para bordo, contaram-nos que o trabalho de sepultar lhes havia sido poupado, pois que os cadaveres, logo que foram collocados em terra firme, se haviam desfeito em pó. Continuámos a desprender os mortos e, antes do anoitecer, todos haviam sido transportados para terra, onde tinha acontecido o mesmo que acontecera aos primeiros, isto é, tinham ficado reduzidos a pó. Só restava então aquelle que estava pre-

gado no mastro. Em vão procurámos arrancar o prego que o prendia ao mastro, todos os esforços foram inúteis. Nestas condições, eu não sabia realmente o que fazer; pois não podia mandar cortar o mastro e deixar conduzi-lo para terra. Muley, porém, salvou a situação. Mandou um dos seus escravos desembarcar e trazer uma vasilha cheia de terra. Quando esta chegou a bordo, o feiticeiro pronunciou algumas palavras mysteriosas sobre ella e em seguida derramou-a na cabeça do defunto. Este abriu logo os olhos e respirou profundamente, ao mesmo tempo que a ferida na sua testa começou a sangrar. Tirámos então o prego sem difficuldade e o ferido foi cahir nos braços de um dos escravos.

“Quem me trouxe para aqui?” perguntou elle depois de ficar um pouco mais socegado. Muley apontou para mim e eu me aproximei d'elle. “Eu te agradeço, estrangeiro, o haveres-me livrado de longos e inauditos tormentos. Ha cincoenta annos que o meu corpo percorre estes mares e o meu espirito estava condemnado a entrar nelle todas as noites. Mas agora a minha cabeça tocou a terra e eu posso ir descansar perdoado, ao lado dos meus antepassados”. Pedi-lhe então que nos referisse o como havia chegado áquella desgraçada condição e elle disse:

“Ha cincoenta annos passados era eu um

homem poderoso e conceituado e morava em Alger; a ambição do ganho me fez apparellhar um navio para ser pirata. Fazia já algum tempo que me entregava a semelhante occupação, quando um dia em Zante recebi a bordo um derviche que queria viajar sem pagar a sua passagem. Eu e os meus companheiros eramos individuos rudes e não respeitavamos, como deviamos, a pessoa sagrada desse homem; antes pelo contrario, eu puz-me a zombar d'elle.

“Uma vez, tendo-me elle exprobrado, cheio de zelo religioso, a minha vida impia, terrivel colera se apossou de mim quando eu descancava na minha camara, depois de ter bebido quasi toda a noite em companhia do meu piloto. Fulo de raiva por ter ouvido de um derviche um desaforo, que não admittia que m’o dissesse o proprio sultão, subi com precipitação á tolda e cravei-lhe o meu punhal no peito. Moribundo, o derviche ainda pode amaldiçoar-me e rogar-me esta praga, que nem eu, nem um só homem da minha tripulação poderia morrer nem viver, emquanto não collocasse a cabeça sobre a terra. O derviche morreu e nós o atirámos ao mar e nos rimos das suas ameaças; mas, na mesma noite ainda, cumpriram-se as suas palavras. Uma parte da minha tripulação se revoltou contra mim. Houve luta terrivel, luta medonha, em que morreram os que me defendiam, e a mim pregaram-me

no mastro. Mas também os revoltosos morreram em consequencia dos ferimentos e o meu navio se transformou em vasta sepultura. Os olhos se me fecharam, faltou-me a respiração e julguei morrer. Foi, porém, apenas um estado de torpor, todo o meu corpo ficou hirto, com os movimentos paralyzados; na noite seguinte, á mesma hora em que havíamos atirado ao mar o derviche, eu e os meus companheiros acordámos, a vida nos voltara, mas unicamente para falarmos e agirmos conforme havíamos falado e agido naquella noite terrivel. E é assim que temos estado a navegar durante cincoenta annos sem podermos viver nem morrer; pois, como podíamos nós alcançar a terra? Com louca satisfação, todas as vezes que cahia um temporal nós nos mettíamos nelle com todo o panno largo, e esperavamos que o navio, indo de encontro a um recife ou penedo, se despedaçasse e nós pudessemos, emfim, repousar a fronte cançada de tanta luta lá no fundo do mar.

“Nunca o conseguimos. Agora, porém, sei que vou morrer. Mais uma vez eu te agradeço, desconhecido salvador; e se o teu generoso procedimento se pode recompensar com thesouros, aceita o meu navio como prova de gratidão”.

Dizendo isto, o capitão deixou pender a cabeça e expirou. E, como os seus companhei-

ros, desfez-se logo em pó. Reunimos este em uma caixa e o sepultámos em terra firme.

Contratei então alguns operarios na cidade para fazer os concertos de que o meu navio carecia. Depois de haver trocado as mercadorias que levava a bordo por outras, com um enorme lucro, contratei uma nova tripulação, fiz um rico presente ao meu amigo Muley e segui viagem para a minha patria. Fiz, porém, muitas escalas, tocando em diversos portos e em diversas ilhas em que vendia e permutava as minhas mercadorias, e o Propheta abençoou a minha empreza. Nove mezes depois da minha sahida do primeiro porto, chegava ao porto de Balsora quatro vezes mais rico do que o capitão me fizera ao dar-me o seu navio com toda a sua preciosa carga. Os meus concidadãos ficaram muito admirados da minha riqueza e da minha boa sorte e imaginaram que eu havia descoberto o rico valle de diamantes do famoso viajante Sindbad. Deixei-os nesta persuasão e, dahi em diante, todos os rapazes de Balsora, quando completavam os seus dezoito annos, eram obrigados a fazer viagens para, como eu, tentarem a sorte. Eu, porém, vivia socegado e feliz e, de cinco em cinco annos, fazia uma viagem a Mecca, para agradecer a Allah a benção que me dera e pedir-lhe que recebesse no Paraiso as almas do capitão e dos seus infortunados companheiros.



O POBRE E O RICO



ANTIGAMENTE Deus Nosso Senhor andava pela terra, conversava com os homens e visitava-os em suas moradas. Remonta isso até ás eras mais remotas. Assim, conta-se que elle visitava a Adão e Eva no Paraiso e que falava affavelmente com Abrahão, Isaac e Jacob. Uma vez estava elle muito cansado de andar e surprehendeu-o a noite quando ainda muito longe se achava do primeiro albergue; junto á estrada, porém, havia duas casas, uma de cada lado: uma era grande e bella; a outra, pequena e humilde. Na casa grande residia um homem rico; na pequena, um pobre. Pensou então Deus Nosso Senhor: “Na casa do rico ha bastante espaço, e por conseguinte elle me póde dar hospedagem com facilidade”. Bateu á porta. Deixaram-no, porém, bater por muito tempo; afinal, o rico abriu a janella e

perguntou com maus modos o que era que o desconhecido queria. E Deus Nosso Senhor respondeu: “Peço que me seja concedida pousada só para esta noite”. O rico mediu o viajante dos pés á cabeça, e como Nosso Senhor estava vestido com simplicidade e não tinha o aspecto de um homem distincto e abastado, o rico abanou a cabeça e resmungou: “A minha casa não é albergue, não tenho lugar para vós aqui; se quereis ter agasalho, ide bater a outra porta”. E dizendo isto, fechou bruscamente a janella e deixou Deus Nosso Senhor no meio da rua.

Nosso Senhor pensou então: “Que me resta agora fazer? sou obrigado a ir pedir hospedagem ao pobre de defronte”.

Quando bateu á porta deste, o homem abriu immediatamente, saudou o desconhecido com a maxima amabilidade e pediu-lhe que entrasse sem cerimonia, que descansasse e passasse a noite em sua casa. “Já está escuro”, dizia elle, “e, além disso, não podeis caminhar mais, deveis estar muito fatigado com a jornada”. Isto agradou a Nosso Senhor e elle entrou. A mulher do pobre veio tambem ao seu encontro, estendeu-lhe a mão e disse: “Sêde bem apparecido, sentai-vos e estai á vontade nesta casa!” Em seguida poz mais algumas batatas ao fogo, sahiu e ordenhou a cabra para terem tambem um pouco de leite á

refeição da noite e acabou de preparar a ceia.

Depois de pôr a mesa, a mulher foi convidar ao desconhecido e que não reparasse na simplicidade da ceia, porque elles não tinham muita cousa; mas o que ali estava era offerecido de todo o coração. O hospede então tomou lugar á mesa e ceiou com o casal de pobres. A refeição frugal lhe soube muito bem, tanto mais quanto via diante de si rostos alegres e satisfeitos. Ficando tarde e aproximando-se a hora de recolher, a mulher disse em segredo ao marido: “Escuta, meu caro marido, o pobre homem andou muito hoje e deve estar bastante cansado; um bom somno em um bom leito de certo lhe fará muito bem. Creio que podíamos deixal-o dormir na nossa cama, e nós nos arranjavamos esta noite com um pouco de palha no chão. Que achas?” “Sem duvida”, respondeu o marido, “vou-lhe offerecer a nossa cama”. Nosso Senhor, porém, não queria aceitar o offerecimento e disse: “Oh! não, minha boa gente: sois velhos e careceis mais de repouso do que eu”. Elles, porém, tanto pediram, que Nosso Senhor afinal cedeu ás suas instancias e foi deitar-se na cama, emquanto que o casal se deitou no chão sobre a palha.

Quando o dia começou a clarear, já havia movimento pela casa; todos estavam acordados e de pé. Deus Nosso Senhor preparava-se

para continuar a sua viagem; a mulher do pobre preparava o almoço, o melhor que podia. Sentaram-se á mesa e, concluida a refeição, Nosso Senhor pegou no seu bordão de viajante, agradeceu ás duas boas creaturas e poz-se a andar. Chegando, porém, á porta da rua, voltou-se ainda uma vez e disse: “Meus caros, notei com o maior prazer que sois muito caritativos e bons; dizei pois tres cousas que desejais e eu vos farei obtel-as”. “Oh!”, disse o pobre, “nada desejamos senão a salvação eterna e que, emquanto vivermos, tenhamos saude e o nosso pão quotidiano”. Então Deus Nosso Senhor perguntou á mulher se ella não tinha um terceiro desejo; mas esta tambem nada mais tinha a pedir. “Pois não desejarieis vós pelo menos ter uma bella casa nova?” perguntou Deus Nosso Senhor. “Ah! sim”, respondeu o homem, “se nós ainda pudessemos obter mais isto, estimariamos bem”. Deus então lhes satisfez os seus desejos e transformou a casa velha em outra nova e, feito isto, retirou-se e continuou a sua jornada.

Até áquella hora reinava silencio absoluto na habitação do rico. Afinal, porém, este tambem acordou e, quando puxou as cortinas para o lado e olhou pela janella, não ficou pouco admirado, avistando do outro lado da rua, no lugar em que dantes havia um velho casebre, uma bellissima casa nova com grandes

janellas e coberta de telhas novas. Suppoz que ainda estava sonhando, por isso chamou a mulher e disse: “O que vês tu ali?” “Oh! aconteceu um milagre!” replicou ella: “Vejo uma bellissima casa completamente nova”. “Corre até lá, depressa, e vai saber como isto se deu !” disse ainda o marido.

A mulher atravessou a rua e foi saber dos seus vizinhos pobres o como haviam obtido aquella casa. Estes contaram-lhe tudo com a maior franqueza e fidelidade: — que na vespera lhes apparecera um viajante, pedindo pousada e ao retirar-se pela manhan lhes havia concedido tres desejos; que elles então lhe tinham pedido a salvação eterna, saude durante toda a sua vida e o seu pão de cada dia para poderem viver, e que por ultimo elle ainda transformara o casebre velho naquella casa que ella estava vendo.

A mulher do rico levou logo a nova ao seu marido e, assim que este ouviu a historia, exclamou:

“Tenho vontade de arrancar-me os cabellos, matar-me. Ah! se eu soubesse disto! O desconhecido esteve tambem aqui e eu lhe neguei a entrada na casa”. “Olha, com arrancar cabellos e matares-te, não arranjas nada”, disse a mulher; “o que tens a fazer é mandar sellar depressa o cavallo e partir a todo galope, que

talvez ainda consigas alcançar o viandante, para te conceder tambem tres desejos”.

O rico apressou-se em seguir o conselho de sua mulher, montou a cavallo e de facto alcançou Nosso Senhor que seguia vagarosamente pela estrada. Disse-lhe então que não lhe levasse a mal o não lhe ter dado entrada em sua casa na vespera, mas que elle não tinha achado logo a chave da porta da rua e que, emquanto a procurava, vira-o retirar-se e bater á porta do pobre. Mas que esperava sem falta alguma que, quando tornasse, se hospedaria em sua casa”. “Bem”, disse Nosso Senhor, “se na minha volta eu passar por esta estrada, lá pou-sarei”.

Em seguida o rico disse franca e ousadamente ao que vinha e perguntou se não lhe seriam satisfeitos tambem tres desejos, como havia acontecido ao seu vizinho. Nosso Senhor respondeu que nada tinha contra isto, mas que achava melhor não desejar cousa alguma; que não seria bom para elle.

O rico, porém, não se queria contentar com esta resposta e disse que não tinha receio; pois escolheria alguma cousa que não lhe trouxesse prejuizo. Disse então Deus Nosso Senhor: — Cavalga para casa; os tres desejos que pronunciares, ser-te-ão satisfeitos.

Tanto bastou ao rico; fez volta com o cavallo e dirigiu-se para a casa. Em caminho,

começou a dar tratos á imaginação sobre as riquezas que devia desejar, e nisto distrahiu-se tanto, que as redeas lhe cahiram das mãos, e o cavallo, sentindo-se mais livre, poz-se a saltar com vivacidade.

Mas esses movimentos perturbavam o homem nas suas reflexões e elle teve de soffrear o animal. D'ahi a pouco, porém, o cavallo estava outra vez a saltar e a dançar e de repente poz-se de pé sobre as patas trazeiras. Então o homem perdeu a paciencia e exclamou rairoso: “Maldito animal, eu só desejava que partisses o pescoço”. E no mesmo momento o cavallo cahiu morto. O primeiro desejo tinha-se realisado. — O que fazer agora? Chorar e praguejar, de que poderia servir? O unico remedio era voltar a pé.

Todavia, se o cavallo estava perdido, seria uma grande tolice deixar para ali atirado tambem o esplendido sellim. O rico desafivelou-o, pois, e pol-o ás costas para leval-o comsigo. Tambem não tardou a consolar-se; pois ainda podia desejar mais duas cousas, e havia de desejal-as taes e em tão grande abundancia, que não só compensaria os seus prejuizos, como até nem se poderia imaginar mais nada.

O caminho, porém, era longo, a carga lhe pesava muito sobre os hombros e o sol estava muito quente. Tudo isto o contrariou e a contrariedade augmentou ainda, porquanto, por

mais que pensasse, não chegava a uma resolução sobre os dois desejos restantes. “Se eu ambicionar para mim todas as riquezas e todos os thesouros do mundo”, dizia consigo mesmo, “mais tarde me lembrarei de muitas outras cousas, e mais isso, e mais aquillo, tão certo como tres e dois são cinco”. De vez em quando vinha-lhe uma idéa luminosa e parecia-lhe ter já descoberto o que queria, mas, se se punha a pensar sobre o caso, figurava-se-lhe ainda muito pouco.

Assim contrariado, lembrou-se de sua mulher que estava muito bem em casa e por conseguinte não precisava de amofinar-se a pensar, nem era obrigada a caminhar como elle, a pé atravez de um areal, debaixo de um sol ardente, levando um pesado fardo ás costas. “Essa é que leva uma vida regalada, sim senhor! Sentada na sala fresca, está a estas horas provavelmente comendo e bebendo muito bem, enquanto que eu...” E nisto o homem zangou-se deveras e, sem querer, murmurou estas palavras: “Só queria que ella estivesse sentada no sellim lá em casa e que não mais pudesse levantar-se delle. Era melhor do que carregal-o eu ás costas!”

Mas assim que acabou de pronunciar esse desejo, zás! o sellim desapareceu de suas costas e elle notou que, infelizmente, o segundo desejo se havia realisado.

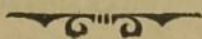
Foi então que a raiva chegou ao auge. Deitou a correr quanto pôde para chegar á casa; deixou de meditar no seu terceiro desejo; queria fazel-o descançadamente, sem nenhuma contrariedade, e com toda a cautela, depois de tudo isso acabado, quando estivesse no seu quarto. Porém, chegando á sua habitação, já quasi sem poder respirar, viu, ao abrir a porta, o que com razão receiava: a mulher estava sentada no sellim sem poder desprender-se delle, e gritava e praguejava.

“Tem paciencia, minha querida mulher”, supplicou o marido, “tem paciencia, porque eu desejarei para ti todas as riquezas do mundo; mas fica-me quieta, por amor de Deus! não me estorves, que eu vou pensar ” Ella, porém, vociferou: “De que me servem todas as riquezas se eu estou presa a este sellim? Foste tu que me desejaste sobre elle e agora tambem has de arranjar com que eu fique livre delle!”

Assim não houve para o rico outro remedio senão pronunciar o terceiro desejo, isto é, que a sua mulher ficasse livre do sellim; e este desejo realisou-se immediatamente. Quando a mulher se viu livre, pôz as mãos nas ilhargas e disse: “Sabes o que tu és? E’s um grandissimo burro; eu teria feito a cousa muito melhor”.

Assim, o rico não tirou nenhum proveito dos seus tres desejos, só lhe trouxeram aborre-

cimento, trabalho, descomposturas e a perda de um cavallo, emquanto que os pobres viveram contentes, tranquillos e cheios de religião, até terminarem os seus dias.





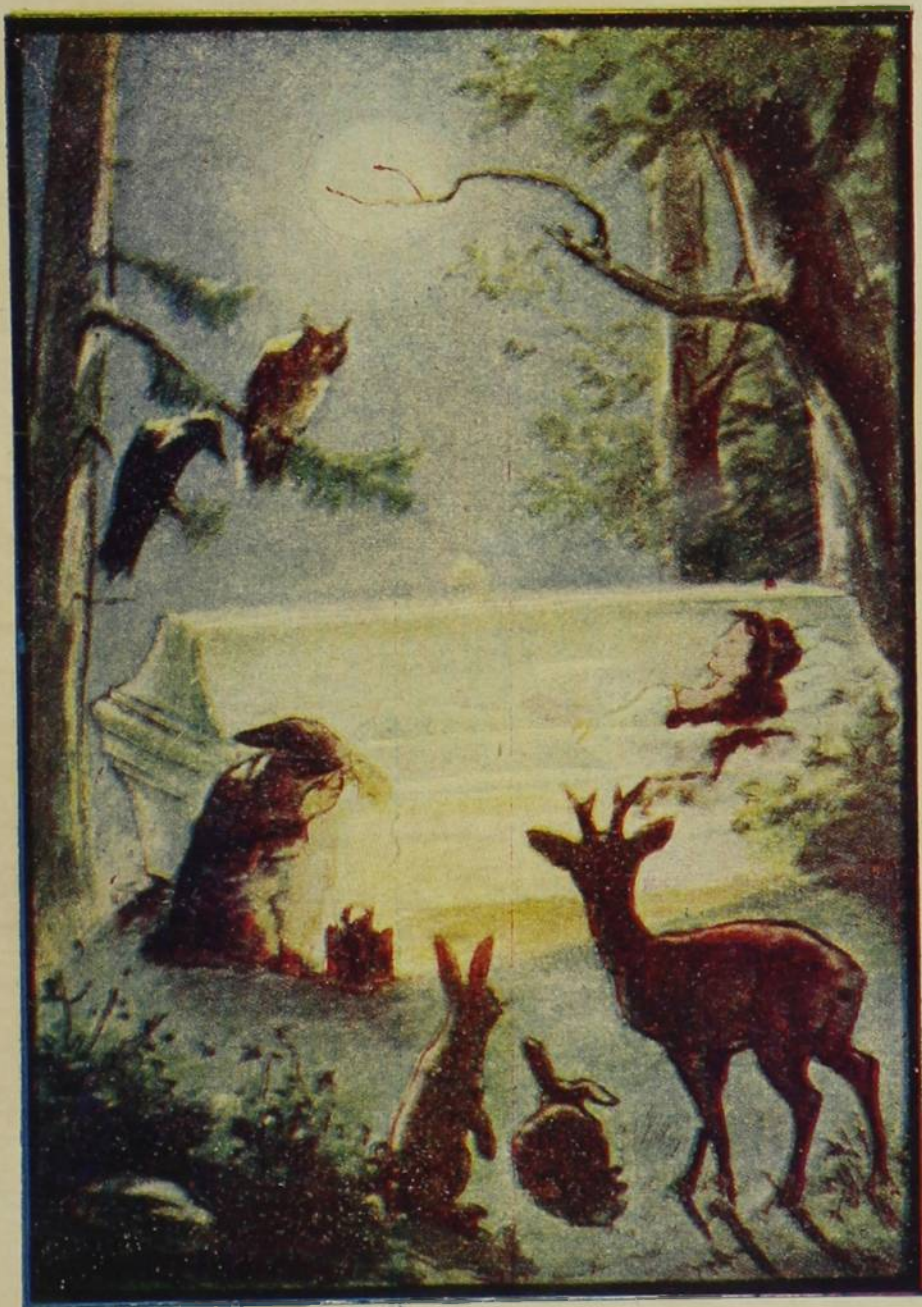
BRANCA DE NEVE

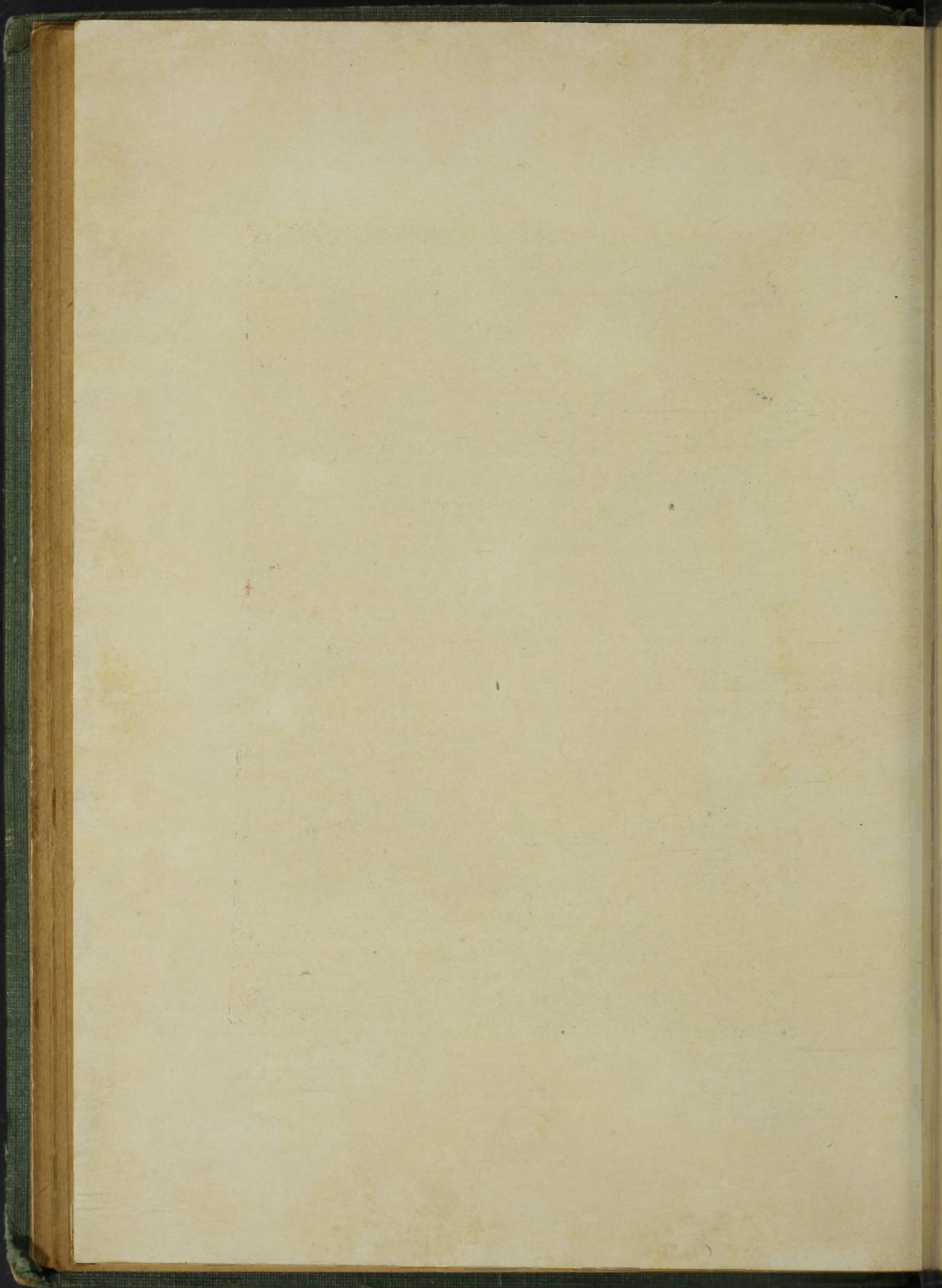


BRANCA DE NEVE, oh sim, Branca de Neve! Vovósinha, comece!

“Bem, meus netinhos, prestem atenção”.

Era em pleno inverno; os brancos flocos de neve cahiam do céu lentamente como as pennas, e uma rainha estava a coser sentada junto á janella que tinha uma guarnição de ebano. De vez em quando levantava os olhos para ver os alvos flocos, e numa dessas occasiões espetou-se sem querer com a agulha no dedo e tres gotas de sangue foram cahir sobre a neve. Como o sangue vermelho sobresahia tão bem na alva neve, a rainha ao vel-o teve este pensamento: “Oh, quem me dera ser mãe de uma criança tão branca como a neve, tão corada como o sangue, e com os cabellos tão negros como a madeira que guarnece esta janella!” O seu desejo realisou-se. Pouco tempo





depois teve uma filhinha alva como a neve, rubra como o sangue e com os cabellos negros como ebano, o que fez com que a chamassem “Branca de Neve”. Mas apenas a criança tinha nascido, a rainha falleceu.

Passado um anno, o rei casou-se outra vez. A nova rainha era uma mulher formosa, mas cheia de orgulho e vaidade, e não podia admitir que alguém a excedesse em belleza. Tinha um espelho magico, e todas as vezes que se collocava diante d'elle, e se mirava com satisfação, perguntava-lhe assim:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza: Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

E o espelho respondia:

“Rainha, a mais bella sois vós com certeza”.

A rainha ficava então muito satisfeita, porque sabia que o espelho lhe dizia a verdade.

Branca de Neve, porém, cresceu pouco a pouco, tornando-se mais linda; e quando chegou á idade de sete annos, estava já bella como a primavera, mais formosa ainda do que a propria rainha.

Uma vez, quando esta se collocou defronte do seu espelho e perguntou:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza: Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

Elle lhe respondeu:

“Aqui a mais bella sois vós com certeza,
Mas Branca de Neve possui mais belleza”.

A rainha assustou-se com estas palavras, e sentiu-se ralada de inveja.

Desde então nunca mais pôde ver Branca de Neve sem confranger-se-lhe o coração, tal era o odio que tinha á menina. A inveja e o orgulho cresceram no coração da rainha a tal ponto, que ella não teve mais socego, nem de dia nem de noite. Chamou então o caçador e lhe disse: “Leva esta menina para a floresta, porque não a quero ver mais na minha presença; mata-a e traze-me o fígado e os bofes para eu ter certeza de que cumpriste a minha ordem”. O caçador obedeceu, levando a criança para o mato; mas quando puxou da faca para atravessar com ella o innocente coração de Branca de Neve, esta começou a chorar supplicando: “Não, meu bom caçador; não me tireis a vida; eu prometto internar-me na espessura da floresta e nunca mais voltarei para casa”. O caçador, reparando que era tão linda a menina, teve pena della e respondeu: “Pois bem, vai-te embora, pobre criança! Afinal tu morrerás do mesmo modo, porque serás devorada pelos animaes ferozes”. Este pensamento causou-lhe no intimo um grande allivio, porque não precisava mata-la com as proprias

mãos. E como justamente naquelle momento appareceu por ali um veadinho, matou-o, tirou-lhe o figado e os bofes, e trouxe-os á rainha como prova de haver cumprido as suas ordens. O cozinheiro recebeu ordem de ferver-os em sal, e a malvada madrasta comeu-os, cuidando que estava a trincar o coração e os pulmões de Branca de Neve.

Ora a pobre criança ficou sósinha, sósinha lá na floresta immensa, e começou a sentir tanto medo, que poz-se a olhar para todas as arvores e folhas, sem saber o que fazer. Depois deitou a correr; e correu, e correu sem reparar por onde pisava, nem sentir as pedrinhas pontudas nem os agudos espinhos; e os animaes ferozes passavam por ella e afastavam-se sem lhe fazer mal. Ia nesta carreira, disposta a não parar, emquanto os seus pequeninos pés a aguentassem, quando avistou afinal, já ao escurecer, uma casinha, que attrahiu a sua curiosidade. Dirigiu-se para lá e espiou pela porta dentro. Todos os trastes, todos os objectos eram pequeninos, mas muito bem arranjados e muito asseitados.

Via-se uma mesinha coberta com uma toalha muito alva; em cima della estavam sete pratinhos, cada qual com o competente talherzinho e sete canequinhas.

Encostadas ás paredes, viam-se tambem sete caminhas bem feitas e tendo cobertas e

lençoes alvissimos. Branca de Neve, que estava com muita fome e muita sêde, entrou e poz-se a comer de cada um dos pratinhos, um pouco de pão e legumes, e de cada canequinha bebeu uma gota de vinho; porque não queria tirar tudo a um só. Depois, como estava muito cansada, foi deitar-se numa das caminhas, mas viu que não servia; experimentou successivamente cada uma das outras, verificando que uma era muito comprida, a outra muito curta; até que afinal a setima lhe serviu. Então deixou-se estar deitada, rezou e adormeceu.

Tinha já escurecido de todo, quando chegaram os donos da casinha; eram os sete anões que cavavam o mineral das montanhas. Accenderam as suas sete velinhas e, tendo feito a claridade na casinha, reconheceram que alguém ahi havia estado, porque não encontraram tudo na mesma ordem que tinham deixado. O primeiro disse: “Quem foi que se sentou na minha cadeirinha?” O segundo: “Quem comeu do meu pratinho?” O terceiro: “Quem tirou um pedaço do meu pãosinho?” O quarto: “Quem foi que comeu dos meus legumesinhos?” O quinto: “Quem se serviu do meu garfinho?” O sexto: “Quem foi que andou cortando com a minha faquinha?” e o ultimo finalmente perguntou: “Quem bebeu na minha canequinha?” Depois, o primeiro voltou-se e notou que a sua cama estava um pouco ma-

chucada e disse: “Quem esteve na minha cama?” Os outros vieram correndo e exclamaram: “Nas nossas camas tambem se deitou alguem”. O setimo, porém, quando foi ver a sua cama, deu com Branca de Neve, dormindo nella. Chamou então os companheiros, e elles vieram depressa e deram um grito de espanto. Depois foram buscar as suas velinhas para ver bem no claro quem era que estava dormindo ahi. Reparando bem então, exclamaram todos: “Meu Deus! como é linda esta criança!” Foi tamanha a alegria, que não se atreveram a acordar a menina, mas deixaram-na em paz continuar seu somno na caminha. O setimo anão, porém, foi dormir com os seus companheiros, uma hora com cada um, e assim passou-se a noite.

Logo ao amanhecer Branca de Neve acordou e, assim que viu os sete anões, teve um grande susto. Estes, porém, trataram-na com carinho e lhe perguntaram: “Como te chamas?” “O meu nome é Branca de Neve!” “Como chegaste á nossa casinha?” perguntaram ainda os anões.

A menina então contou-lhes que a sua madrasta mandara matal-a, mas que o caçador lhe poupou a vida; que depois correria durante todo o dia, chegando afinal áquella casa. Os anões então disseram: “Se quizeres tomar conta da nossa casa, cozinhar, fazer as camas, la-

var, coser e fazer tricot; se quizeres conservar tudo na melhor ordem e com o maximo asseio, podes deixar-te ficar em nossa casa e nada te faltará”. “Sim”, respondeu Branca de Neve, “farei tudo isso com o maior prazer” e ficou com elles. Então poz-se a tratar da casa e tel-a sempre muito direitinha. Pela manhan os anões sahiam e iam para as montanhas a procurar ouro e outros mineraes. A’ noite quando voltavam, a comida tinha de estar prompta, e a mesa posta. Durante o dia, a menina ficava sósinha em casa e por isso os bons anões a preveniam e falavam: “Toma cuidado com a tua madrasta; ella não tardará a saber que estás aqui. Não deixes, pois, ninguem entrar !”

A rainha, porém, imaginando ter comido o figado e os pulmões de Branca de Neve, não pensava senão que era outra vez a mais bella; assim, poz-se diante do espelho, e perguntou:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza:
Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

O espelho respondeu:

“Aqui a mais bella sois vós com certeza,
Mas lá nos sertões,
No meio de anões
’Stá Branca de Neve que tem mais belleza”.

A rainha assustou-se; porque sabia que o espelho não mentia e então viu que o caçador a enganara e que Branca de Neve ainda estava

viva. Começou de novo a pensar, a pensar como havia de matal-a; porque, emquanto não fosse a mais formosa de todo o paiz, a inveja não lhe dava descanso.

Afinal teve uma idéa. Pintou o rosto e vestiu-se de velha mascate, de maneira que ninguém a podia reconhecer.

Assim disfarçada, poz-se a caminho, passou as montanhas e foi ter á casa dos sete anões; bateu á porta e apregooou em voz alta: “Vai bonita fazenda muito barata, muito barata!” Branca de Neve espiou pela janella e exclamou: “Boa tarde, minha velha; que tendes ahi para vender?” “Fazenda bonita, fazenda boa”, respondeu a outra, “cordões para colletes e de todas as cores” e nisso tirou um cordão trançado de seda de varias cores. Branca de Neve pensou comsigo: “Essa pobre velha parece-me pessoa de bem, posso deixal-a entrar; não ha perigo”. Abriu a porta e comprou um dos cordões.

“Minha filha”, disse a velha, “tu não te sabes arranjar; vem cá, eu vou-te apertar direito o teu collete!”

Branca de Neve, que não desconfiava de nada, collocou-se diante da velha e deixou-a apertar-lhe o collete com o cordão novo; a velha, porém, a apertou tão rapidamente e com tanta força, que Branca de Neve perdeu os sentidos e cahiu por terra como morta. “Ago-

ra, tu foste uma vez a mais bella”, disse a velha satisfeita e tratou de retirar-se.

Estando já a anoitecer, os sete anões não tardaram a voltar; mas que susto não tiveram, quando viram a sua querida Branca de Neve estendida no chão! Não se mexia e parecia morta. Ergueram-na e, vendo que tinha a cintura muito apertada, cortaram logo o cordão. Então principiou a respirar outra vez e pouco a pouco voltou a si. Quando ella contou aos anões o que tinha acontecido, elles disseram: “A velha mascate com certeza não foi outra pessoa senão a perversa rainha; toma cuidado, não deixes entrar ninguem, quando nós não estivermos em casa”.

Chegando á casa, a madrasta foi logo pôr-se diante do espelho e perguntou:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza:
Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

E o espelho respondeu como da outra vez:

“Aqui a mais bella sois vós com certeza,
Mas lá nos sertões,
No meio de anões
’Stá Branca de Neve que tem mais belleza”.

Ao ouvir estas palavras, todo o sangue lhe affluiu ao coração e ficou pallida como cêra; pois comprehendia que Branca de Neve estava outra vez viva. “Espera”, disse ella, “o meio de que me vou servir agora ha de dar

cabo de ti” e recorrendo á feitiçaria, em que era muito entendida, preparou um pente venenoso. Disfarçou-se e de novo em mulher velha passou as sete montanhas, chegou á casinha dos anões, bateu á porta e poz-se a apregoar: “Vai bonita fazenda, muito barata, muito barata, muito barata!” Branca de Neve olhou pela janella e disse: “Vá andando o seu caminho, porque não posso deixar entrar ninguém”. “Ora essa, mas não te haviam de prohibir tambem ver e examinar a fazenda”, disse a velha tirando o pente envenenado da sua cesta e levantando-o até a altura da janella. O pente agradou tanto á menina que ella se deixou illudir, e abriu a porta.

Depois de chegarem a um accordo sobre o preço do pente, a velha disse: “Vou agora pentear-te direito!” A pobre Branca de Neve, que não pensava em mal algum, consentiu nisso; mas, mal a velha lhe passara o pente pelos cabellos, o veneno produziu o seu effeito nocivo e a menina cahiu prostrada, sem sentidos. “Oh tu, prodigio de belleza”, disse então a malvada, “já não existes!” e retirou-se. Por felicidade, porém, já era quasi noite e hora de voltarem os anões. Quando viram Branca de Neve estendida no chão e desfallecida, suspeitaram logo da sua madrasta, procuraram ver se encontravam o que tinha posto a menina naquelle estado e descobriram o pente.

Assim que o retiraram dos seus cabellos, Branca de Neve recuperou os sentidos e narrou o que tinha acontecido.

Os anões lhe aconselharam novamente que tivesse o maior cuidado e que não abrisse a porta, fosse a quem fosse.

A rainha foi de novo collocar-se em frente ao espelho e perguntou:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza:
Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

E o espelho respondeu como dantes:

“Aqui a mais bella sois vós com certeza,
Mas lá nos sertões,
No meio de anões
'Stá Branca de Neve que tem mais belleza”.

Quando a rainha ouviu o espelho falar assim, começou a tremer de raiva. “Branca de Neve ha de morrer, ainda que me custe a propria vida!” exclamou. Depois foi e metteu-se em um quarto afastado que ninguem mais conhecia e lá dentro preparou uma maçan bem envenenada. O aspecto exterior da fruta era bellissimo; branca com manchas vermelhas, era a gente olhar para ella e ficar logo com vontade de comel-a; mas ai de quem comesse um pedacinho! Cahia logo morto.

Preparada a maçan, a rainha pintou o rosto, disfarçou-se em camponeza e assim transpoz as sete montanhas, e foi ter á casa dos sete

anões. Bateu. Branca de Neve espiou pela janella e disse: “Não posso abrir a porta a ninguém; os sete anões m’o prohibiram”.

“E que me importa isso?” respondeu a camponeza; “o que eu quero é desfazer-me das minhas maçans; ora toma lá uma de presente”.

“Não, não”, disse Branca de Neve, “não posso aceitar-a”.

“Ora essa, acaso tens medo de que esteja envenenada?” perguntou a velha, “pois olha, vou partir a maçan em duas partes: come tu a metade vermelha, que eu como a metade branca”.

A maçan, porém, estava preparada com tanta habilidade, que só a parte vermelha continha veneno. Branca de Neve ficou com agua na boca e, quando viu a camponeza comer, não poudes mais resistir á tentação e, estendendo a mão pela janella, tomou a metade envenenada. Mas, apenas poz o primeiro pedaço na boca, immediatamente cahiu morta.

A rainha então lançou-lhe ainda um olhar terrivel, deu uma grande gargalhada e exclamou:

“Branca de Neve, vermelha como sangue, negra como ebano, desta vez os anões não te podem restituir a vida”.

Chegando em casa, perguntou ao espelho:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza:
Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

e este, afinal, respondeu:

“Rainha, a mais bella sois vós com certeza”.

Então o seu coração perverso e invejoso teve enfim socego, isto é, aquelle socego que os corações perversos e invejosos podem ter.

Os anões, quando á noite voltaram para casa, encontraram Branca de Neve estendida no chão; não lhe sentiram a mais leve respiração, ella estava morta. Levantaram-n'a e procuraram ver se lhe encontravam alguma coisa venenosa. Desapertaram-lhe o collete, pentearam-lhe os cabellos, lavaram-na com agua misturada com vinho, mas nada disso serviu; a querida menina estava morta, bem morta. Deitaram-na então no esquife e todos os sete se sentaram ao redor d'elle e prantearam a morte de Branca de Neve, derramando lagrimas abundantes durante tres longos dias. Depois, era preciso sepultal-a; porém ella tinha ainda as feições agradaveis e frescas de uma creatura viva e conservava ainda as suas bellas faces vermelhas. Disseram então:

“Não; seria pena enterrar tanta belleza na negra terra!” Mandaram portanto fabricar um caixão de vidro, de modo a poder-se de todos os lados olhar dentro; nelle collocaram

Branca de Neve e escreveram sobre a tampa, em letras de ouro, o nome della e a declaração de que era filha de um rei. Depois carregaram o caixão para fóra e depositaram-no sobre a montanha, ficando um dos anões sempre de guarda.

Os animaes tambem vieram carpir a morte da criança; primeiro, uma coruja; depois, um corvo e, finalmente, um pombinho.

Branca de Neve ficou muito, muito tempo no caixão e o seu corpo não se decompoz. Ella tinha o aspecto de uma pessoa adormecida; era ainda branca como a neve, tinha as faces coradas como o sangue e os cabellos negros como ebano.

Aconteceu, porém, uma vez que um joven principe se perdesse na floresta e chegasse á casa dos sete anões, onde pediu agasalho durante a noite. Viu o caixãozinho na montanha e Branca de Neve dentro d'elle e depois leu o que se achava escripto sobre o mesmo em letras de ouro. Disse então aos anões:

“Cedei-me o caixão, eu vos darei por elle o que exigirdes”. As anões, porém, lhe responderam:

“Não o cedemos nem por todo o ouro deste mundo”. Disse então o principe:

“Dai-m’o neste caso de presente; porque não posso viver sem ver Branca de Neve; eu o guardarei como cousa da maior estimação”.

A estas palavras os bons anõesinhos tiveram pena d'elle e lhe deram o caixão. O príncipe então fel-o transportar pelos seus criados. Succedeu, porém, que esses tropeçassem em um arbusto, no caminho e, com o choque, o pedaço da maçan que Branca de Neve tinha posto na boca e que havia ficado preso na garganta, saltou fóra. Não tardou muito e a menina abriu os olhos, suspendeu a tampa do caixão e, levantando-se, perguntou:

“Oh, meu Deus, onde estou eu?” O príncipe, cheio de alegria, respondeu:

“Estás em minha companhia!” Narrou-lhe em seguida tudo o que se tinha passado e disse:

“Amei-te mais do que tudo neste mundo; vem comigo para o palacio de meu pai, tu serás a minha esposa”.

Branca de Neve sentindo, tambem, amor por elle, concordou e partiu em sua companhia. O casamento foi celebrado com grande fausto e muita pompa.

A perversa madrasta de Branca de Neve tambem foi convidada para assistir ao casamento. Quando, ricamente vestida, se collocou em frente ao espelho e lhe perguntou:

“Dizei-me, espelhinho, com toda a franqueza: Quem é nesta terra que tem mais belleza?”

este lhe respondeu:

“Se aqui a mais bella sois vós com certeza,
A joven rainha possue mais belleza”.

Então a malvada soltou uma blasphemia e sentiu uma afflicção immensa. A principio nem quiz ir ao casamento: mas não teve socego, alguma cousa a impellia para lá; era preciso ver a joven rainha.

Quando entrou no salão do palacio, reconheceu Branca de Neve, que estava na sua frente, tendo a corôa na cabeça e trajada com riquissimo vestido e toda coberta de preciosas joias. Nunca imaginara Branca de Neve com tanta belleza; por isso teve um abalo tão forte que cahiu morta diante de todos os convidados e foi necessario leval-a para fóra.

Branca de Neve e o principe, porém, viveram muitos annos, felizes e satisfeitos no seu palacio.





O LAGO DOS CYSNES



AVIA em outros tempos um soberbo e forte castello, habitado por um joven fidalgo, rico de terras e dinheiro. Era a sua grande paixão a caça, que o fazia descer muitas e muitas vezes ao valle para metter-se pelo mato atraz dos veados.

Certo dia, numa dessas excursões, avistou uma veada branca, a qual lhe despertou a tal ponto a attenção, que elle resolveu matal-a, custasse o que custasse. Mas, quanto mais ve-lozmente a perseguia, tanto mais rapida ella fugia diante d'elle pelo bosque a dentro, até que porfim o caçador a perdeu de vista. Os cães dispersaram-se e elle foi obrigado a desistir do seu intento.

No dia seguinte tornou a reunir a matilha e lá se foi pelo mesmo caminho da vespera. Levou a cavalgar, ora para aqui, ora para ali,

até ir parar num valle bravio e intrincado, onde não se distinguia caminho nem picada. Bastante embaraçado, o cavalleiro não sabia se tomar para a direita, se para a esquerda. Nesta conjunctura, só a muito custo conseguiu romper a matta espessa; depois, a floresta foi clareando e elle chegou a um rio, em cuja margem viu uma donzella formosissima. Estava ajoelhada á beira d'agua a lavar-se, e tinha na mão uma corrente de ouro. Encantado pela donzella, o joven cavalleiro apeou-se do seu cavallo, aproximou-se della muito devagar para não ser presentido e arrancou-lhe da mão a corrente.

Esta, porém, possuia força magica.

Assim que o fidalgo sentiu nas suas mãos a joia de ouro, a moça lhe pareceu mil vezes mais linda. Resolveu logo leval-a para o castello e tornal-a sua esposa. Convencido de que só ella e mais ninguem podia ser sua mulher, tomou-a para junto de si em cima do cavallo, metteu as esporas no animal e partiu para casa.

Quando apresentou a sua formosa mulher aos parentes e aos empregados no castello, a unica pessoa que não se mostrou contente foi a caseira.

Esta era tia do cavalleiro e até então governara a casa a seu bel-prazer; agora receiava perder todo o seu prestigio, visto que a re-

cem-chegada sem duvida tomaria conta do governo domestico. Não tardou a odiar devéras a joven esposa do dono do castello e, sempre que lhe podia fazer algum mal ou causar-lhe algum dissabor, não trepidava um só instante em fazel-o. Todos os dias enchia de mentiras e de calumnias os ouvidos do cavalleiro; prevenia-o de que não devia amar muito sua mulher, que ella era uma vibora que o havia apnhado por meio da astucia, e que a falsidade e a bruxaria estavam estampadas nos seus olhos. Porém, por mais que procurasse estabelecer o descontentamento e a rixa entre os jovens conjuges, nada conseguiu; o cavalleiro não dava credito ás palavras da tia, e o seu coração se conservou firme no amor que dedicava á esposa.

Vendo que o cavalleiro por fim se zangava e ficava irritado quando ella vinha levantar calumnias sobre a mulher, recorreu a outro expediente: começou a fazer-se muito amavel e submissa para com a senhora e passou a tratá-la só de “minha queridinha” ou “minha filhinha”; mas tudo pura falsidade e hypocrisia, pois no intimo ralava-se de raiva. Dia e noite seu unico pensamento era descobrir um meio para desgraçar para sempre essa creatura odiada.

Estavam as cousas neste pé quando a familia do cavalleiro augmentou, nascendo seis

filhos e uma filha. As crianças, lindas e mimosas, traziam cada qual uma corrente de ouro ao redor do pescoço. Mal as criancinhas tinham vindo ao mundo, quando aquella mulher perversa forjou um plano diabolico e logo o pôz em execução. Estando a mãe a dormir, retirou as criancinhas de junto della e, em substituição, collocou-lhe nos braços sete cachorrinhos. As crianças, entregou-as a um criado, que mais de uma vez já lhe tinha ajudado na pratica de acções más; e este teve de prometter que levaria para o bosque as creaturinhas roubadas e privadas de mãe, que as mataria e enterraria ou então as atiraria n'agua para morrerem afogadas.

O criado partiu de conformidade com o que ficara combinado. Tendo entrado bem lá no meio do bosque, parou, collocou as criancinhas debaixo de uma arvore e puxou do cutello para matal-as. Neste momento, porém, os pequenos começaram a chorar muito e elle, condoído, deixou cahir o cutello. Depois, deu-lhes as costas, deixou-as ficar debaixo da arvore e afastou-se rapidamente, na persuasão de que ellas com certeza ahi no mato morreriam do mesmo modo, sem que elle tivesse necessidade de dar-lhes cabo da vida. Chegando ao castello, enganou a velha e disse que sim, que havia cumprido fielmente as suas ordens.

As sete criancinhas, que ficaram debaixo

da arvore, tomou-as o Altissimo sob a sua guarda. Foi por vontade delle que um piedoso eremita por ali passou justamente quando os innocentes estavam quasi mortos de fome e sêde. Este santo homem teve compaixão das miseras creaturinhas e levou-as para o seu eremiterio situado no meio da floresta. Ahi cuidou dellas com todo o desvelo, dando-lhes todos os dias nutritivo leite que tirava das veadas; habitante antigo daquelles bosques, os animaes o conheciam, gostavam delle e vinham todas as manhans e todas as tardes espontaneamente á porta da sua solitaria habitação.

No castello, a malvada tia, uma vez afastada para bem longe as crianças, foi procurar o cavalleiro e aproximou-se delle com estas palavras de escarneo: “Então, que disse eu sempre, é ou não é uma bruxa essa com quem vos casastes? Vinde ver os encantadores filhinhos com que ella vos presenteou: vinde ver!” Dizendo isto, pegou-o pela mão, conduziu-o para o aposento da joven mulher e mostrou-lhe os sete cachorrinhos.

O cavalleiro enfureceu-se extraordinariamente, acreditando no que tinha ouvido, e desde então desprezou e odiou sua mulher tanto quanto anteriormente a amara.

Quando ella se quiz justificar, não lhe deu attenção e mandou levar a coitada para o pa-

teo; ahi deu ordem aos criados para cavarem um buraco muito fundo e metterem lá dentro a desgraçada, presa pelos pés, de modo que só lhe ficasse de fóra o peito e a cabeça.

Ao lado, em cima de uma pedra, foi collocada uma bacia na qual toda a criadagem do castello se devia lavar todos os dias por ordem do senhor do castello e enxugar depois as mãos nos longos cabellos macios da desgraçada. De comer só lhe davam restos da cozinha, desses que eram destinados aos cães, sendo expressamente prohibido o darem-lhe alimentação melhor e falarem uma unica palavra com ella, sob pena de severo castigo.

Assim ficou a pobre mulher durante sete longos annos enterrada e definhando de dia para dia a ponto de ninguem mais a reconhecer. Os seus vestidos já não a abrigavam do vento e da chuva; tinham-se rompido e apodrecido no corpo.

Passados esses sete annos, aconteceu um dia que o cavalleiro foi outra vez caçar na floresta. Chegou então a um lugar em que viu sete crianças brincando e correndo pelas moitas. Eram seis meninos e uma menina. Traziam todos no pescoço uma corrente de ouro. Eram os filhos do proprio cavalleiro, que se nutriam, no bosque, do leite das cervas, de frutas e de passaros que apanhavam.

As crianças lhe agradaram muito, e, como

elle em sua casa não as tinha, quiz levar ao menos uma comsigo; foi atraz dellas para ver se pegava alguma. Sendo todas muito ageis, quando elle estendia a mão para segurar, só conseguia segurar o espaço vão, desapparecendo as crianças no bosque. Chegado á casa, contou á mesa do jantar que na floresta havia encontrado sete crianças, seis meninos e uma menina, e que todas ellas traziam ao pescoço correntes de ouro.

A malvada tia ouviu tambem esta narração e immediatamente desconfiou do criado a quem tinha entregue as crianças. Não deu a perceber a sua inquietação, mas foi procurar o homem e o interrogou em segredo: “Porque não cumpriste a minha ordem? Olha, as crianças que tu devias matar ainda se acham na floresta e conservam ainda as suas correntes de ouro em torno do pescoço. Ou tu vais já procural-as e tirar-lhes as correntes de ouro, ou eu e tu estamos perdidos”.

O criado sellou sem demora um dos melhores cavallos, montou e partiu a galope para a floresta; porém o medo que se apoderara delle, fel-o perder a calma e mais de uma vez até nem sabia o que estava fazendo; assim andou durante tres dias e tres noites pela floresta ás apalpadelas, vendo frustradas todas as suas pesquisas.

Finalmente, no quarto dia, quando já tinha

perdido todas as esperanças e se resolvia a voltar para casa, viu nadando em um lago seis cysnes e na beira do mesmo uma menina sentada, tomando conta de seis correntes de ouro deitadas no chão.

A menina trazia ao pescoço uma corrente igual ás outras.

Reconheceu logo que tinha encontrado as crianças que procurava.

Os meninos, tirando as suas correntes, tinham-se transformado em cysnes, e nadavam pelo lago; a menina, conservando a sua corrente, mantinha a fôrma humana. O criado aproximou-se então sorrateiramente e apossou-se das correntes de ouro; a menina, porém, o percebeu ainda a tempo e fugiu a toda pressa, de sorte que elle não a conseguiu agarrar.

Muito contente ficou a perversa tia quando o criado lhe entregou as seis correntes, sentindo, porém, que lhe faltasse a setima.

Mandou chamar um ourives e lhe disse: “Ahi te entrego seis correntes de ouro; quero que com ellas me fabriques uma taça!” O ourives prometteu fazel-o; mas, quando começou a trabalhar na sua encommenda, percebeu que o ouro das correntes era tão duro, que não podia nem fundil-o nem malhal-o, conseguindo apenas fazer de uma dellas um annelzinho muito fino e isto mesmo depois de enorme trabalho. A’ vista desta contrariedade não se poz

a reflectir muito sobre o que deveria fazer; pesou as correntes e o anel, substituiu o seu peso por outro ouro, fabricou a taça e levou-a á dona da casa; mas o anelzinho e as correntes fechou-as dentro do seu cofre.

Os cysnes, privados das suas correntes, não puderam mais retomar a fôrma humana e continuaram nesse encanto. Entristeceu-os isso muito e elles começaram a soltar gritos angustiosos semelhantes aos gemidos das crianças.

Afinal abriram as asas e voaram para os ares alto, muito alto, e lá de cima olharam para todos os lados, em busca de um lugar onde pousar. Muito ao longe divisaram um grande lago, liso como um espelho, e para ahi dirigiram o vôo.

Banhava o lago uma alta montanha com um bellissimo castello no cume. Era o castello do cavalleiro, o castello do pai que na floresta vira os filhos encantados e que tanto se tinha agradado delles que os queria levar comsigo.

Logo no primeiro dia o cavalleiro, olhando da sua sala de jantar para fóra, notou os seis cysnes no lago e ficou muito admirado e satisfeito com a presença de tão alvissimas aves; nunca as tinha visto tão lindas!

Deu-lhes de comer, e raro era o dia em que não lhes fosse levar pessoalmente migalhas de pão, bolo, etc.

Além disso, recommendou aos criados se-

veramente que não fizessem mal aos cysnes, e que os tratassem com todo o carinho, afim de que aquellas bellissimas aves se tornassem mansas e se habituassem ao lago.

A criadagem cumpriu a ordem e os cysnes habituaram-se ao lugar e ficaram gostando muito delle. Todos os dias invariavelmente ás horas de comer vinham esperar a parte que lhes tocava.

A irmanzinha, que havia conservado a fórma humana, achou-se então só e sem ter quem lhe valesse. Não tinha ninguem no mundo com quem pudesse abrir-se e a quem contar os seus pesares. Correu para fóra do bosque e depois foi andando e pedindo esmolas pelo caminho, até chegar ao castello do cavalleiro, seu pai. Ahi, deram-lhe de beber e de comer quanto ainda tinha sobrado na cozinha, ou se havia tirado da mesa; pois quem via a criança ficava com pena della. A menina, porém, pegou no que lhe haviam dado, foi para o pateo e ahi repartiu a sua refeição com a pobre enterrada.

Isto os criados não tiveram coragem de contar ao cavalleiro, que, na sua colera, havia prohibido que se levasse comida ou bebida á desgraçada, salvo um pouco daquillo que era destinado aos cães.

Todos os dias a menina lembrava-se della e, sempre que se aproximava da infeliz e a en-

carava, enchiam-se-lhe os olhos de lagrimas e a infeliz enterrada tambem chorava.

Ellas, porém, não se conheciam uma a outra.

Tambem aos cysnes lá em baixo no lago junto da montanha, a menina levava sempre de comer; e, quando se aproximava meiga e gentil, logo elles vinham — alegremente nadando, e tão mansos que vinham tirar a comida das mãos da irmanzinha.

Horas ditosas aquellas em que podiam estar juntos; a irmanzinha alisava-lhes a plumagem, e era toda caricias para os cysnes.

Ao escurecer ella tornava a subir para o castello e deitava-se ao lado da cova da pobre mulher e ahi adormecia sem saber que esta era sua mãe.

Os habitantes do castello viam isto diariamente e admiravam-se de que a criança sempre chorasse e se entristecesse quando junto da caseira. Um dia o cavalleiro por ali passou casualmente e viu a menina. Reparando na grande parecença desta com a sua mulher, assim como na corrente de ouro ao redor do pescoço da menina, aproximou-se della e perguntou: “Quem és tu, menina, e quem são teus pais? O que tens tu que ver com os cysnes e como foi que conseguiste amansal-os a ponto de virem buscar a comida de tua mão?”

“Senhor cavalleiro!” respondeu a menina,

debulhada em lagrimas, “não sei quem são meus pais; oh! eu nunca os conheci e talvez mesmo nunca os tenha visto. Os cysnes mansos do lago, porém, que me vêm tirar a comida da mão, são meus irmãosinhos; em outros tempos também tiveram fôrma humana como eu, e nós nos alimentavamos na floresta com o leite de cervas. Um dia, meus irmãos entraram n’agua para tomar banho. Mas primeiro tiraram as suas correntes de ouro do pescoço e as deitaram na margem; e elles ficaram transformados em cysnes. Estavam a nadar e a brincar na agua, quando appareceu um homem que lhes roubou as correntes; e como, sem ellas, não podiam tomar outra vez a fôrma humana, tiveram de ficar como cysnes até o dia de hoje”.

Assim a caseira ficou sabendo quem eram os cysnes e a menina. Estremeceu de medo, receiando que toda sua machinação ficasse denunciada. O cavalleiro bem percebeu o seu susto e a sua inquietação, e, não sabendo como explicar isso, desceu a montanha em direcção ao lago.

A velha foi immediatamente ter com o criado, seu cumplice, fez-lhe ver o perigo que ambos corriam e ordenou-lhe que matasse sem mais demora a menina. O criado mostrou-se logo prompto a fazel-o; pegou na espada e foi procurar a innocente criança. Encontrou-a á

beira do lago a afagar os cysnes. O cavalleiro, vendo o criado aproximar-se precipitadamente, occultou-se rapidamente por detraz de uma moita junto do lago, afim de observar o criado que não parecia estar animado de boas intenções.

No momento em que este ergueu a espada para dar o golpe, elle pulou para fóra do seu esconderijo, agarrou o malvado pelo braço e fez-lhe voar a arma para longe. O homem, vendo-se perdido, cahiu de joelhos e pediu misericordia. “Foi vossa tia, senhor cavalleiro, quem me ordenou a praticar esse acto”, disse elle.

O cavalleiro não tardou a regressar para o castello e obrigou a caseira a confessar tudo. Depois, ella teve de ir buscar o annel e a taça de ouro que suppunha terem sido feitos com o ouro das correntes; o cavalleiro, porém, mandou chamar tambem o ourives e perguntou-lhe se, com a mão na consciencia, podia dizer que era elle quem tinha fabricado a taça. Respondeu primeiro que sim; mas depois, sentindo remorsos, accrescentou ainda que a taça havia sido feita com outro ouro e que as correntes tinha-as guardado no seu cofre, com excepção de uma, com a qual fabricara o annelzinho. Teve então de ir buscar as correntes, e o cavalleiro as deu á menina, que por esse tempo já era mocinha. Mais do que depressa ella cor-

reu para onde estavam os cysnes e a um por um collocou uma corrente ao pescoço; todos readquiriram então a fórma humana menos um, que foi obrigado a conservar a fórma de cysne. O cavalleiro, vendo os jovens seus filhos, altos e bonitos, sentiu ardente affeição por elles e ordenou que a mãe delles fosse no mesmo instante desenterrada. A pobre coitada, depois de tomar um banho, passou a ter outra vez a graça e a belleza dos outros tempos.

A caseira perversa e falsa mandou-a o cavalleiro enterrar por sua vez no mesmo lugar onde a sua victima padecera innocentemente durante sete longos annos.





O AFILHADO DA MORTE



M pobre homem, carregado de uma porção de filhos, era já compadre de quanta gente conhecida havia no lugar. Por ocasião do nascimento do ultimo pimpolho, o pai viu-se em serios embaraços e disse: “Eu só queria saber a quem é que hei de convidar agora”. A mulher respondeu: “Olha, quando sahires á rua, convida a primeira pessoa que passar”.

No dia seguinte, de manhan cedinho, o homem sahiu e poz-se a passear de vagar pela estrada; d’ahi a pouco uma mulherzinha vestida de cinzento, carinha muito alegre, appareceu do lado opposto e dirigiu-se para elle: “Olé, já tão cedo na rua?”

“Ando á procura de uma madrinha para meu filho; a proposito, querereis vós por acaso aceitar?” A mulherzinha disse: “De muito bom grado,izei-me apenas quando é o bap-
ti-

sado”. — “Amanhan pela manhan, se vos aprouver”.

“Pois bem; amanhan justamente tenho alguns negocios na aldeia proxima e estarei a tempo em vossa casa”.

“Como vos chamais, senhora comadre?”

“Eu sou a Morte”, respondeu a mulher com um sorriso; dizendo isto, despediu-se com ligeira inclinação de cabeça e continuou o seu caminho.

No dia seguinte appareceu á hora marcada e levou a criança á pia baptismal. Depois ella disse: “Quando o menino tiver quatorze annos, voltarei aqui e então não precisareis mais ter cuidados com o meu afillhado; será elle que cuidará de vós.

Os pais, muito contentes com esta nova, agradeceram e a Morte despediu-se.

No dia em que o menino completou quatorze annos, a Morte appareceu, conduziu-o á floresta e disse-lhe: “Meu querido afillhado, agora vou fazer de ti o medico mais perito do mundo; ouve bem o que te vou dizer. Sempre que, ao entrares em uma casa para examinar um doente, me vires em pé junto á sua cabeceira, poderás dizer affoutamente: “Este doente não se salva”. Mas se tu me vires no extremo opposto da cama, então darás como remedio um liquido composto de leite e tres pe-

dras de sal. Dentro de tres dias o homem estará outra vez bom”.

O rapaz agradeceu á sua boa madrinha e começou a exercer a sua profissão com grande actividade. Não tardou a adquirir grande fama e ao mesmo tempo uma bonita fortuna. Até foi chamado para tratar da filha do rei e, tendo-a curado, pagaram-lhe mui generosamente o seu trabalho. O proprio rei cahiu doente com uma molestia chronica e de difficil tratamento; mas o joven medico, sendo chamado, conseguiu cural-o tambem e recebeu desta vez o dobro do honorario que lhe haviam pago pelo tratamento da filha.

O tão afamado medico era, por esse tempo, homem feito. Um dia, quando passava pela floresta, encontrou a sua madrinha. Esta fez-lhe companhia no passeio até chegarem a uma encruzilhada. Ahi a Morte parou e disse: “Eu agora tomo para a direita, segue tu o caminho da esquerda; é para teu bem; breve nos veremos de ver outra vez”.

O medico perguntou: “Mas para onde é que tu vais?” “Vou para casa: que tenho muito que fazer”, respondeu a Morte. “Pois então vou contigo, minha boa madrinha”, disse o medico “mesmo porque nunca vi o lugar em que moras”. A Morte, porém, procurou dissuadi-lo do seu proposito e pediu affectuosamente que seguisse o outro caminho. O medico, por sua vez,

não se quiz conformar e tanto insistiu, que a Morte por fim lhe disse: “Pois bem; poderás ir commigo até a porta do meu castello, mas não consinto que entres!”

Assim foram andando juntos e d’ahi a pouco chegaram a uma estrada bonita, larga e plana, que se estendia pela floresta fóra. Lá no fim estava um lindo castello com as janellas todas fechadas. A’ entrada do mesmo a Morte dirigiu-se ao medico nestes termos: “Agora, meu querido afilhado, peço-te que não insistas mais; faze-me o favor de voltar”. O medico, porém, sentia justamente neste momento a maior curiosidade e queria por força conhecer o aspecto interior do castello. Por mais que a Morte pedisse, elle não quiz voltar e fez questão de entrar no castello da Morte. A primeira impressão, logo que entrou, foi que ahi reinava escuridão completa; não tardou, porém, a divisar lá mais adiante uma porção de pequenas luzes. “O que significa aquillo?” perguntou o medico, muito admirado. A Morte respondeu: “Isto são as luzes das vidas humanas”. “E onde é que está a minha?” perguntou o medico. “Não queiras saber, é melhor ignorares”, replicou a Morte. O medico, porém, tanto a atormentou, que ella afinal cedeu e lhe mostrou uma luz muito pequenina, que estava quasi a apagar-se. “Mas agora quero que saias e não te demores um só instante para que eu

não tenha de exercer a minha funcção sobre a tua pessoa aqui mesmo”.

Ella fel-o sahir e reconduziu-o depressa para a floresta.

O medico foi logo para a casa e na mesma tarde cahiu seriamente doente. De noite acordou e, percorrendo o aposento com a vista, deu com a Morte á cabeceira da cama. O medico voltou-se rapidamente e mudou a sua cabeceira para o outro lado da cama, virando os pés para a Morte. Esta, porém, foi muito tranquilamente para a outra extremidade; o medico tornou a mudar a sua posição e levou nisso até ao amanhecer; de modo que a Morte, apesar de toda a sua bondade e amabilidade, afinal se cançou e disse: “Tu sósinho dás-me mais que fazer do que todos aquelles que, desde o tempo de Adão, tenho vindo buscar neste mundo; pois bem, separemo-nos como bons amigos. Dize-me: se queres viver ainda o dia de hoje, eu t’o concederei de boa vontade” — “Só quero o tempo necessario para rezar um Padre-Nosso”, respondeu o medico. “Pois, vá lá”, concordou a Morte. O medico começou então: “Padre Nosso que estais... bom, minha madrinha, basta por hoje. Eu agora levo cincoenta annos a concluir a oração”. A Morte então riu-se e disse: “Vá lá; vá lá; mas d’ora em diante nunca mais ensinarei a minha arte a um medico”.



ROSA DE ESPINHOS



ROSA de espinhos, eis o nome da bellissima historia, meus queridos filhos, que eu vos vou contar agora.

Ha muitos e muitos annos viviam um rei e uma rainha que, por não terem filhos, diziam todos os dias: “Ah, que pena nós não termos uma criancinha, uma só que fosse !” Mas um dia, que a rainha passeava no jardim, appareceu de repente diante della uma figura de mulher e lhe falou assim: “O teu desejo será satisfeito; antes de decorrer um anno, terás uma filha”. E o que lhe foi prophetizado realisou-se; exactamente um anno depois a rainha teve uma filha tão bonita, que o rei não cabia em si de contente e deu uma grande festa em palacio. Não convidou sómente os seus parentes, amigos e conhecidos, mas tambem as fadas para que ficassem gostando da criança e a protegessem.

Ora, ellas eram em numero de treze em todo aquelle reino; mas como o rei só tinha doze pratos de ouro, em que ellas deviam comer, não houve remedio senão deixar de convidar uma dellas. A festa foi soberba e, assim que terminou, as fadas presentearam a criança com os seus dons magicos: uma deu-lhe a virtude; outra, a belleza; a terceira, a riqueza; e assim por diante, a criança foi presenteadada com tudo quanto se póde desejar neste mundo. Quando onze dellas haviam falado, eis que de repente entra na sala a decima terceira, a tal que não fôra convidada e que por isso se queria vingar. Sem olhar e sem cumprimentar as pessoas presentes, exclamou em alta voz: “A filha do rei, ao chegar á idade de quinze annos, ha de espetar-se no fuso de uma roca e em seguida cahirá morta”. E, sem accrescentar palavra, virou as costas e retirou-se. Todos ficaram tomados de grande espanto e susto, mas a decima-segunda, que ainda não tinha pronunciado o seu desejo, aproximou-se então e, não podendo desfazer, mas sim attenuar o oraculo mau da outra, falou assim: “A princeza não morrerá de facto, porém dormirá profundamente durante cem annos”.

O rei, que a todo o transe queria evitar a desgraça que ameaçava a sua filha, deu ordens terminantes para que todas as rocas existentes no paiz fossem queimadas. A menina veio

a ter os dons que as fadas lhe haviam desejado; tornou-se formosa, bem creada, amavel e intelligente, e todos gostavam muito della. Ora justamente no dia em que ella completava quinze annos, aconteceu que o rei e a rainha tivessem de sahir, e a menina, vendo-se só, começou então a percorrer toda a casa; poz-se a examinar á vontade todas as salas e todos os quartos e afinal tambem foi ter a uma velha torre do castello, subiu a estreita escada de caracol e chegou a uma pequena porta. Na fechadura estava uma chave enferrujada e, assim que lhe deu uma volta, a porta abriu-se dando entrada para um pequeno quarto onde se achava uma velhinha a trabalhar com um fuso e a fiar activamente o seu linho. “Boa tarde, minha boa velhinha”, disse a princeza, “o que fazeis ahi?” “Estou fiando”, respondeu a velhinha, inclinando a cabeça. “Que cousa é esta que se move com tanta graça?” perguntou a menina e ao mesmo tempo pegou no fuso para ver como se fiava. Mas, apenas o tocou, o oraculo magico realisou-se, espetando-se a princeza no dedo.

No momento em que sentiu a picada, cahiu sobre a cama que estava perto e ficou dormindo um somno profundo.

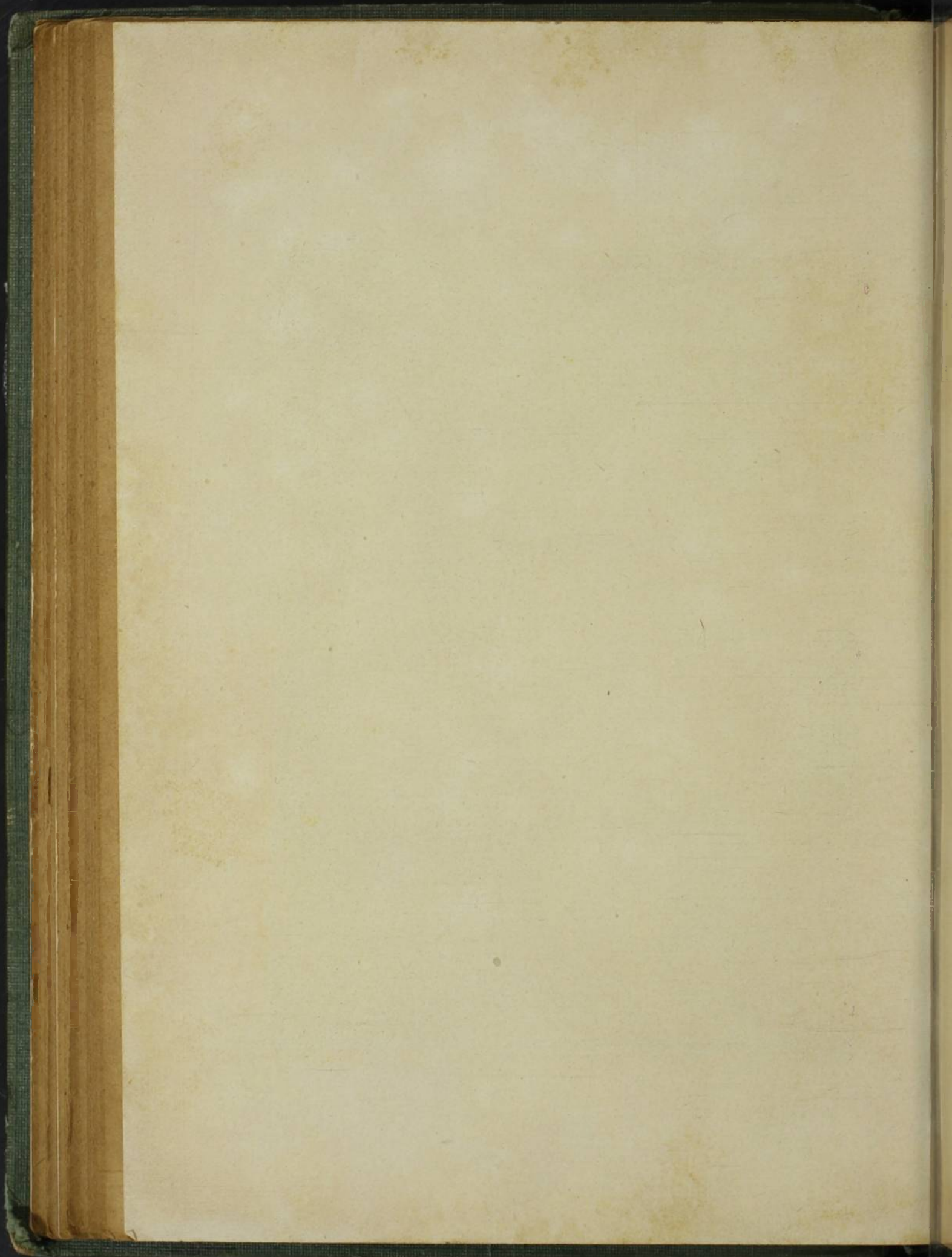
E este somno se espalhou por todo o castello. O rei e a rainha, que acabavam justamente de chegar, e tinham entrado na sala,

tambem adormeceram, e com elles todas as pessoas da côrte. Adormeceram os cavallos na estrebaria, os cães no pateo, os pombos no telhado, as moscas na parede; o proprio fogo, que tinha estado a chammejar alegremente e a crepitar no fogão, parou de repente e adormeceu; o assado deixou de chiar na panella e o cozinheiro, que ia puxar as orelhas ao seu ajudante, porque este fizera uma tolice qualquer, largou-o e ficou dormindo. A viração deixou de soprar, reinando a calma mais completa, e das bellas arvores copadas, que cresciam na frente do castello, nem uma unica folhasinha continuou a agitar-se.

Em torno do castello, porém, começou a crescer uma cerca de espinhos, desenvolvendo-se de anno para anno cada vez mais, e afinal envolveu todo o castello a ponto de não se poder enxergar mais nada delle, nem mesmo a bandeira lá no tope do telhado.

Mas a historia da bella Rosa de Espinhos adormecida — tal era o appellido que davam á princeza — não tardou a espalhar-se por todo aquelle paiz, e mesmo fóra delle; e, cousa muito natural, de tempos a tempos appareciam principes que tentavam romper a cerca de espinhos e penetrar no castello. Esses esforços, porém, eram tempo e trabalho perdido; porque os espinhos se conservavam muito unidos, como se tivessem mãos, e os jovens que





queriam atravessal-os ficavam presos, não mais conseguiam soltar-se e morriam miseravelmente.

Depois de muitos annos appareceu outra vez um principe naquella terra e soube de um velho a historia da cerca de espinhos; que diziam que por detraz della existia um castello, no qual uma formosissima princeza chamada Rosa de Espinhos dormia havia já um seculo e que, como ella, tambem dormiam o rei, a rainha, emfim todo o pessoal do castello. Disse mais que tambem sabia pelo seu avô que já haviam ahi vindo diversos principes a ver se podiam atravessar a cerca, mas tinham ficado presos entre os espinhos, morrendo de morte atroz.

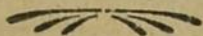
Disse então o mancebo: “Eu não tenho medo; quero e hei de entrar no castello para ir ver a bella Rosa de Espinhos!” O bom velho procurou dissuadil-o disto, mas o principe não ouviu os seus conselhos.

Ora completavam-se exactamente os cem annos, e era chegado o dia em que Rosa de Espinhos devia acordar outra vez. Quando o principe se aproximou da cerca, estava ella coberta de grandes e lindas rosas, os espinhos se separaram por si e o deixaram passar sem feril-o, tornando a formar atraz delle a cerca primitiva. Elle viu os cães dormindo no pateo e os cavallos na estrebaria; em cima do telhado estavam os pombos com as suas cabecinhas

mettidas debaixo das asas. Quando entrou na casa, as moscas dormiam nas paredes; dormia o cozinheiro na cozinha tendo ainda a mão estendida para o ajudante como se o quizesse agarrar; dormia a criada em frente de uma gallinha que devia ser depennada. Continuou a andar e viu toda a côrte deitada na sala e dormindo, e, mais em cima junto ao throno, jaziam o rei e a rainha igualmente adormecidos. Caminhou ainda mais e tudo estava tão silencioso, que elle podia ouvir a sua propria respiração; finalmente chegou á torre; abriu a porta que dava para o pequeno quarto em que Rosa de Espinhos dormia. Ella ali estava, tão bella, tão encantadora, que lhe prendia o olhar e, não podendo resistir mais, elle inclinou-se e deu-lhe um beijo. Mas, assim que a tocou com os labios, Rosa de Espinhos abriu os olhos, acordou e olhou-o meigamente. Desceram então ambos e viram que o rei, a rainha e toda a côrte, estavam tambem acordados e olhavam uns para os outros muito espantados. Os cavalloos lá fóra ergueram-se e sacudiram as crinas; os cães de caça puzeram-se a saltar e a abanar a cauda; os pombos no telhado retiraram as cabecinhas de debaixo das asas, olharam em derredor e voaram para o campo; as moscas continuaram a sua viagem pelas paredes; o fogo na cozinha começou novamente a flammejar e a cozinhar o jantar, o assado re-

começou a chiar; o cozinheiro arrumou ao ajudante uma bofetada que o fez berrar, e a criada acabou de depennar a gallinha.

E o casamento do principe com Rosa de Espinhos foi celebrado com toda a pompa e elles foram felizes durante todo o resto da sua vida.





O PEQUENO POLLEGAR



DEUS creou homens grandes e pequenos, gigantes e anões, mas o menor de todos foi o setimo filho de certo cesteiro, pois era apenas do tamanho de um dedo pollegar, razão pela qual lhe deram o appellido de Pequeno Pollegar. Mas não era por essa minuscula estatura que se media o seu juizo; ao contrario, o sujeitinho sempre deu mostras de ser intelligente, agil e esperto como poucos. Neste ponto póde-se dizer que nenhum dos irmãos lhe chegava nem mesmo aos pés.

Infelizmente os pais dos sete rapazes eram pauperrimos; a renda da fabricação de cestos estava bem longe de poder comparar-se com o resultado que deixava por exemplo um açougue ou uma padaria, e, para mal de peccados, appareceu uma quadra muito má, de sorte que o casal não via meios de sustentar a si, quanto

mais a toda essa porção de filhos, que de mais a mais tinham sempre um appetite devorador. Uma noite quando os filhos já estavam deitados, os pais combinaram o que se havia de fazer e terminaram por assentar que o melhor era levar os rapazes para a floresta e abandonal-os ahi quando menos os esperassem. Este, realmente, era o meio mais commodo para se verem livres das sete bocas famintas; mas o diacho foi o Pequeno Pollegar que, não tendo ainda pegado no somno, havia escutado toda a conversa. “Bem”, disse elle comsigo, “é o caso da gente não perder o sangue frio nem commetter alguma imbecilidade; porque, do contrario, o passeio de amanha sai-nos caro”. Assim levou a reflectir toda a noite no que devia fazer para salvar a si e aos seis irmãos.

Afinal raiou o dia e os meninos foram lavar-se no riacho que corria pela frente da casa; mas o Pequeno Pollegar nem sequer mergulhou a ponta dos dedos n’agua e só tratou de encher bem os seus bolsos de seixinhos brancos. Aos irmãos não contou uma unica palavra do que ouvira. Quando o pai e a mãe partiram para a floresta, os meninos os acompanharam, e Pollegar, que vinha atraz de todos, por não poder caminhar tão depressa, foi deixando cahir de distancia em distancia um seixinho, sem que ninguem reparasse nisso.

Chegados bem ao centro da floresta, os me-

ninos receberam ordem de ir procurar lenha e gravetos. Estavam justamente distrahidos nesse trabalho, quando os pais aproveitaram a occasião para afastar-se sorratamente e depressa em direcção á casa. Os meninos, vindo com a lenha encontrada, olharam e não viram mais pai nem mãe; então desataram a chorar e a berrar. Só o Pequeno Pollegar não chorou e disse depois rindo-se: “Deixem-se disso, rapazes. Não ha perigo. O caminho para casa nós o havemos de achar”.

Puzeram-se então em marcha; mas desta vez ia Pollegar na frente, guiando-se pelos seixos, de sorte que não lhe foi difficil tornar a dar com o caminho.

O cesteiro e a mulher, ao chegarem em casa sem os filhos, viram-se mais felizes do que esperavam: appareceu-lhes o vizinho para pagar uma divida antiga, com que já não contavam, e com este dinheiro compraram comida e bebida e puzeram-se á mesa. Não tardaram, porém, a arrepender-se de haver abandonado os filhos, e a mulher começou a lastimar-se: “Ah, meu Deus! O que é que nós fizemos! Nossos filhos andam agora pela floresta perdidos, longe de nós!”

“Tranquillise-se, minha mãe”, exclamou alegremente o Pequeno Pollegar, que com seus irmãos acabava de chegar á porta e tinha ouvido a lamentação. Entrou elle e mais os ou-

tros seis rapazes um a um pela porta a dentro. Traziam um appetite que não era de brincando, e a mesa tão bem supprida foi para elles um verdadeiro achado.

O regresso dos meninos causou grande alegria, e, enquanto durou o dinheiro, durou também o bem-estar, correndo tudo ás mil maravilhas. Todavia, a choupana do cesteiro não tardou a retomar o aspecto antigo: a mesma pobreza na cozinha, a mesma escassez de pão no guarda-comida, a adega outra vez vasia como outr'ora. De novo os pais discutiram o caso de noite e resolveram abandonar os filhos na floresta. Mas o Pequeno Pollegar, que não dormia, ouviu todo o plano e tratou de reflectir sobre o melhor meio de frustral-o.

Logo pela manhan cedinho os meninos foram acordados; mas não se lhes permittiu que se fossem lavar no riacho e, quando o Pequeno Pollegar quiz escapulir-se afim de ir outra vez encher de seixinhos os seus bolsos, encontrou a porta fechada e, por mais que se esticasse, não podia chegar até a altura do ferrolho. Imaginou, porém, outro meio de salvação. Metteu no bolso um pedaço de pão e, assim que começaram a entrar no mato, foi atirando ao chão de vez em quando pedacinhos de miolo de pão, suppondo que assim ficaria o caminho marcado.

Desta vez tudo se passou como da outra,

com uma differença, porém: quando o Pequeno Pollegar quiz voltar com os irmãos, não mais conseguiu atinar com o caminho, porque os passaros tinham comido quanta migalha encontraram.

Nesta terrivel conjunctura os irmãos puzeram-se a chorar e a gritar devéras, e agora com razão. O tempo custou-lhes a passar e, ao cahir da noite, ainda não se tinha descoberto o meio de sahir da penosa situação. Quando ficou de todo escuro, apoderou-se dos meninos um verdadeiro pavor. Só o Pequeno Pollegar é que ficou quieto e não se amedrontou. Cançados por fim, os sete adormeceram sobre a relva macia junto de uma arvore copada, cujas ramos lhes serviram de tecto protector. Mal rompeu o dia, Pequeno Pollegar subiu a uma arvore bem alta para lançar a vista sobre os arredores. A principio não viu senão arvores e mais arvores; mas depois lobrigou lá ao longe o telhado de uma casa. Marcou bem a direcção em que ella ficava, deixou-se escorregar pela arvore abaixo, collocou-se á frente de seus irmãos e seguiu resolutamente para diante, atravessando a mata virgem, os espinhos e os cardos.

Quando viram a casa ir apparecendo por entre a folhagem, apertaram o passo e, lá chegando, bateram á porta. Quem abriu foi uma mulher, e Pequeno Pollegar fez-lhe ver com

toda a delicadeza que estavam ahí, porque se tinham perdido na floresta e não sabiam para onde dirigir-se.

“Ai, meus coitaditos, aonde viestes vós ter!” exclamou a mulher; “aqui é a casa do Papão, do gigante que muito gosta de papar crianças”.

Todavia, deixou entrar o Pequeno Pollegar com os seus irmãos. Tremiam todos como varas verdes: tinham vindo á procura de comida e viam-se agora ameaçados de ser devorados; que bella perspectiva ! Por felicidade a mulher tinha bom coração : escondeu os meninos e deu-lhes de comer.

Pouco depois ouviram-se passos e alguém bateu fortemente á porta. Era o Papão que voltava.

Entrou, sentou-se á mesa para jantar, mandou trazer vinho e começou a farejar, como se algum cheiro especial sentisse, exclamando depois: “Mulher, aqui me cheira a carne humana”.

A mulher fez o possivel para tirar-lhe da cabeça tal idéa; mas elle não quiz saber de nada, levantou-se e foi pessoalmente procurar, guiando-se pelo seu excellente faro. De repente deu uma horrivel gargalhada; tinha achado os meninos e foi tirando um por um do esconderijo. Quasi desfallecidos de medo, ficaram frios como gelo quando viram depois o

Papão ir amolar a sua grande faca. Felizmente elle cedeu, ainda que a contra-gosto, ás supplicas da mulher, a qual disse que era preciso deixal-os viver ainda algum tempo para engordarem um pouco; porque todos, e especialmente o Pequeno Pollegar, estavam tão magrinhos!

A' noite indicou-se-lhes para dormir um quarto onde havia duas camas muito largas: numa, estavam dormindo as sete filhas do Papão, todas da mesma idade que os meninos; a outra estava vazia e era destinada para estes. Muito feias eram as taes raparigas e tinham, cada qual, uma pequena corôa na cabeça.

Tendo-se retirado a mulher do Papão, a qual os havia acompanhado ao quarto, e quando todos já dormiam a bom dormir, o Pequeno Pollegar levantou-se devagarzinho e, sem que ninguem percebesse, tirou as corôas das cabeças das meninas e trocou-as pelos barretes que elle e os irmãos traziam. Depois deitou-se outra vez.

Emquanto isto fazia o Pequeno Pollegar, o monstro lá fóra cejava á farta, virando uma garrafa de vinho apoz outra. Completamente embriagado, voltou-lhe a vontade de degollar os meninos, e, pegando na faca, entrou no quarto sem fazer o menor barulho. Andando ás apalpadelas na escuridão, chegou á cabecci-

ra de uma das camas, poz-se a procurar com a mão e, ao sentir as pequenas coroas, disse comsigo: “Espera lá, isso aqui são as meninas; quasi que ia matando minhas proprias filhas!”

Aproximou-se então da outra cama e, apalpando os barretes, cortou o pescoço ás suas sete filhas successivamente e disse: “Ora muito bem; ahi temos nós almoço para uns poucos de dias”.

Depois sahiu para ir deitar-se e cozinhar a sua bebedeira. Quando o Pequeno Pollegar o ouviu roncar, tratou de acordar os irmãos. Levantaram-se e, andando na pontinha dos pés, retiraram-se daquella maldita casa. Uma vez fóra da morada do tal gigante que devorava crianças, foram correndo, correndo e entranharam-se para a floresta; mas como não conheciam os caminhos e as picadas, em pouco tempo se perderam e a miseria começou de novo.

De manhan o Papão, logo que acordou, disse á mulher: “Vai, mulher; vai-me preparar os taes coelhinhos de hontem para o almoço”.

“O que queres tu dizer com isto?” perguntou a mulher.

“Ora o que ha de ser senão os sete meninos?”

Ella então dirigiu-se muito receiosa para o quarto afim de despertar os rapazinhos. Qual,

porém, não foi o seu espanto quando, ao abrir a porta, viu a desgraça que acontecera!

O gigante, achando que a mulher estava a demorar-se muito, levantou-se e foi até o quarto, onde viu a obra que tinha feito durante a noite. Fulo de raiva, calçou as suas botas de sete leguas para ir atrás dos meninos. Essas botas chamavam-se assim, não pelo tamanho, mas porque permittiam a quem as calçasse dar passadas do comprimento de sete leguas.

Os rapazes já de longe o reconheceram e ficaram frios de medo; mas o Pequeno Polegar fez os irmãos esconderem-se em uma cavidade que ficava atrás de um rochedo e entrou tambem.

O gigante Papão, ao chegar junto do rochedo, sentou-se para descansar um pouco da longa jornada. D'ahi a nada adormeceu e começou a resonar tão alto, que parecia estar trovejando. Foi então que o Pequeno Polegar deixou o lugar onde se escondera e veio tirar as botas dos pés do malvado para calçal-as em si. Ainda bem que as taes botas tinham a propriedade de se accommodarem a quaesquer pés sem perderem a virtude de dar passos de sete leguas. Depois o Pequeno Polegar deu a mão direita a um de seus irmãos, a esquerda a outro, estes por sua vez deram a mão a dois outros e assim successivamente. Feito isto, afastaram-se a toda a pressa, atra-

vessando montes e valles com uma velocidade de sete leguas em cada passada até chegarem todos em casa sãos e salvos.

Os pais ficaram muito admirados quando lhes appareceu a rapaziada assim de repente. O Pequeno Pollegar não lhes deu muito tempo para reflectirem sobre as consequencias dessa surpresa e foi logo dizendo: “Aqui tendes outra vez os vossos seis filhos, cuidai delles, porque eu com estas minhas magnificas botas tratarei de ganhar a vida”. Depois deu um gigantesco passo e desapareceu da vista dos pais e dos irmãos.

Effectivamente, o rapazinho fez a sua fortuna com o auxilio das taes botas de sete leguas. Trabalhou em diversos paizes e, quando o patrão não lhe agradava, punha-se logo ao fresco. Ninguem mais o pegava, quer fosse a pé, quer a cavallo.





BRANCA E ROSALINDA



Uma bella aldeiasinha, que ficava a tres leguas de certa cidade grande, morava uma viuva já idosa e muito boa pessoa. Todos os vizinhos gostavam muito della; porque mantinha relações de amizade com todos e estava sempre prompta para ajudar, quando careciam do seu auxilio. Tinha só duas filhas, ambas de extraordinaria belleza. A mais velha, cujo rosto era alvissimo, chamava-se Branca, e a mais moça, que tinha as faces rosadas e os labios rubros, chamava-se Rosalinda. Um dia a viuva Christina — era o nome da mãe das meninas — estava trabalhando, sentada junto á roca na frente da casa, quando viu passar uma mulher mais velha do que ella, apoiada sobre um pau e coxeando. “Deveis estar muito fatigada, minha velhinha?” disse a viuva, dirigindo-lhe a palavra, “porque não descançais um pouco?”

Vinde sentar-vos aqui”. Rosalinda foi logo buscar uma cadeira; era menina muito amavel e sempre disposta a obsequiar. “Com certeza tambem tendes fome e sêde ?” disse ainda a viuva Christina. “Oh, sim!” respondeu a velhinha, “dai-me, por favor, alguma cousa de beber e de comer”. — “Eu vos mandarei dar o que de melhor houver em minha casa”, replicou a viuva, “mas como tambem sou pobre, só posso offerecer-vos uma refeição muito simples”.

A filha mais velha poz a mesa, a mãe foi tirar pão e queijo do guarda-comida e Rosalinda trouxe uma vasilha de bom leite. Quando a velhinha se sentou á mesa, a viuva disse: “Branca, vai buscar no teu jardim algumas ameixas para a vovósinha”.

A filha não gostou muito disso; e foi resmungando até o jardim. “Quem sabe se eu não tive o trabalho de guardar as minhas ameixas só para essa bruxa velha?” Não se atreveu a dizel-o alto, mas custou-lhe muito occultar o seu descontentamento. Rosalinda ao contrario disse: “A minha gallinha agora mesmo poz um ovo, e se a vovósinha quizer, eu vou buscal-o para augmentar a sua refeição”. Sahiu apressadamente e, num instante, voltou trazendo o ovo. Mas, oh que milagre! quando ia offerecel-o á velhinha, viu de repente diante de si uma linda dama de porte aristocratico. Esta

voltou-se para a viuva e pronunciou estas palavras: “Ha muito tempo que tenho observado o teu trabalho diligente e a tua bondade; vim aqui para conceder ás tuas filhas o que ellas merecem. A mais velha será rainha e a mais moça casar-se-á com um lavrador”. Dizendo isto, tocou com a varinha de condão a casa e ella se transformou logo em uma propriedade rustica com o aspecto mais agradavel deste mundo.

“Isto é destinado a ti, Rosalinda. Creio que assim cada qual terá o que mais desejava possuir”. Depois, a feiticeira desapareceu. A mãe e suas filhas, como era natural, ficaram assombradas com tudo isso.

Quando voltaram a si, começaram a examinar a casa e ficaram muito satisfeitas com os arranjos internos e a extraordinaria limpeza que por toda a parte se via. As cadeiras e as mesas, embora feitas de madeira vulgar, eram solidas e bem acabadas; e a roupa de cama era alva como a neve. Nos estabulos encontraram bellas vaccas, e cavallos reforçados; no gallinheiro, aves de toda a especie. Na horta e no jardim tambem não faltava cousa alguma. Rosalinda e sua mãe ficaram muito contentes com esta dadiva da feiticeira; Branca, porém, não se importava com tudo aquillo e só pensava em ser rainha.

Um dia ouviu-se o som de uma trombeta

de caça. A curiosidade levou Branca até a porta da rua; era o rei que ia com o seu sequito para a caçada. O rei, assim que a viu, ficou encantado da belleza de Branca e resolveu desposal-a. Chegando a casa, fez logo os precisos preparativos e pouco tempo depois realisou-se com todo o brilho o casamento.

Uma vez rainha, Branca só cuidava em divertir-se com deslumbrantes festas, jogos e danças e ostentar as mais ricas toilettes. Pensou que Rosalinda de bom grado tomaria parte em sua felicidade e por isso mandou convidal-a; depois mandou dizer á irman que lhe ia arranjar, para marido, o maior fidalgo do paiz.

Rosalinda, porém, teve bastante tino para não trocar a sua vida socegada e de contentamento com a vida tumultuosa da capital do reino; não aceitou o convite da irman e declarou francamente que preferia ficar socegada no campo a viver na côrte. — Branca por algum tempo se considerou a mulher mais feliz do mundo; as damas da côrte lhe dispensavam todas as attenções; muitas, porém, viam com maus olhos a simples camponeza elevada tão de subito a uma posição muito superior á dellas e conseguiram com intrigas fazer com que o rei deixasse de estimal-a.

A rainha não tardou a notar que o seu marido já não era mais o mesmo; os criados tor-

navam-se relaxados e já não cumpriam á risca as ordens que ella lhes dava. A pobre Branca sentiu-se então muito infeliz e só teve um desejo : o poder viver outra vez em companhia da irman. Depois de ser rainha, nunca mais a vira, porque julgava descer da sua dignidade, se fosse visitar a propriedade rustica.

A falta de amizade por parte do rei augmentou de dia para dia e Branca affligiu-se tanto que adoeceu.

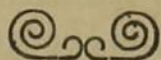
Pediui então ao rei que lhe consentisse ir passar algum tempo no campo. O rei attendeu logo ao pedido, pois havia muito que desejava ver-se separado de sua mulher.

Branca partiu, e logo ao chegar á propriedade rustica, encontrou muita alegria e prazer: varios camponezes haviam organizado um haile ao ar livre.

Quando Rosalinda soube da chegada da irman, apressou-se em ir ao seu encontro, abraçou-a e conduziu-a muito contente á casa.

A pobre rainha, sentindo-se estimada ainda, começou a chorar ao ver quanto era feliz a irman. O marido desta era bondoso e trabalhador e fazia tudo o que podia para que Rosalinda vivesse sempre contente. A propriedade lhes fornecia tudo aquillo de que precisavam: farinha, leite, manteiga, queijo, carne e aves; além disso, a lan, que a propria Rosalinda fiava e transformava em vestidos. Ella era

muito estimada por todos; faziam-se visitas reciprocas e passavam-se horas muito agradaveis. A rainha, ao ver tanta ventura, suspirou e disse: “Ah! a sorte peor deu-m’a a feiticeira a mim, quando me fez rainha; agora reconheço perfeitamente que a verdadeira felicidade não está no fausto e no esplendor externo, mas sim em uma vida socegada e satisfeita”. Mal pronunciava estas palavras quando appareceu a feiticeira e disse: “Fiz-te rainha para te ensinar. Para se viver feliz e contente, não é preciso muita cousa. Não é o superfluo que traz a ventura”. — “Oh! exclamou Branca, estou curada do meu orgulho — ponde um fim ao meu infortunio!” “Já está feito”, respondeu a fada; “não voltarás mais ao palacio, porque o rei já não te ama”. E assim foi. D’ahi em diante Branca viveu ainda muitos dias alegres e felizes em companhia de sua irman e nunca mais teve saudades do seu marido e da côrte.





GATA BORRALHEIRA



ERA uma vez uma menina, que vivia feliz e contente em casa de seus pais. Mas de repente a carinhosa mãe adoeceu vindo a fallecer alguns dias depois. Passados muitos mezes, o pai tornou a casar-se e desta vez com uma viuva que tinha duas filhas, muito bonitas de rosto, porém orgulhosas e falsas. Começou então uma quadra bem triste para a pobre enteada; pois a madrasta não a podia supportar, maltratava-a e obrigava-a a fazer trabalhos pesadissimos. Os bellos vestidos que seu pai lhe dera foram-lhe arrancados e em lugar delles teve de vestir uma camisola parda, já velha e usada, e andar de tamancos. Tinha de se levantar muito cedo, carregar agua, accender o fogo, cozinhar, lavar roupa e fazer toda a limpeza, e, se por acaso apparecia na sala, era logo enxotada a pancadas para a cozinha. Nem se

lhe permittia dormir em uma cama, mas era obrigada a deitar-se na cozinha junto ao fogão. Além disso, as outras duas meninas, que andavam vestidas de velludo e sedã, zombavam constantemente della e a maltratavam, pregando-lhe mil peças; entre outras cousas, despejavam lentilhas ou ervilhas nas cinzas do fogão e depois faziam a pobre rapariga ir catá-las uma por uma. E como, devido a este trabalho, ella sempre andava coberta de pó e cinza, deram-lhe por zombaria o appellido de Gata Borrallheira.

Um dia o pai, tendo de fazer uma viagem, perguntou ás filhas o que queriam que lhes trouxesse por occasião de sua volta. Uma pediu vestidos bonitos; a outra pediu correntes e anneis de ouro com pedras preciosas; Gata Borrallheira, porém, disse assim:

“Meu pai, traga-me o primeiro ramo verde que roçar no seu chapéu quando estiver em caminho para aqui”.

O pai partiu. Ao voltar para a casa, não se esqueceu de trazer o que lhe haviam pedido: bonitos vestidos, ouro, perolas e pedras preciosas para as enteadas, e, para Gata Borrallheira, um ramo verde de avelleira que havia roçado tão fortemente no seu chapéu a ponto de o arrancar da cabeça.

A criança agradeceu ao pai e foi plantar o ramo na sepultura de sua extremosa mãe, re-

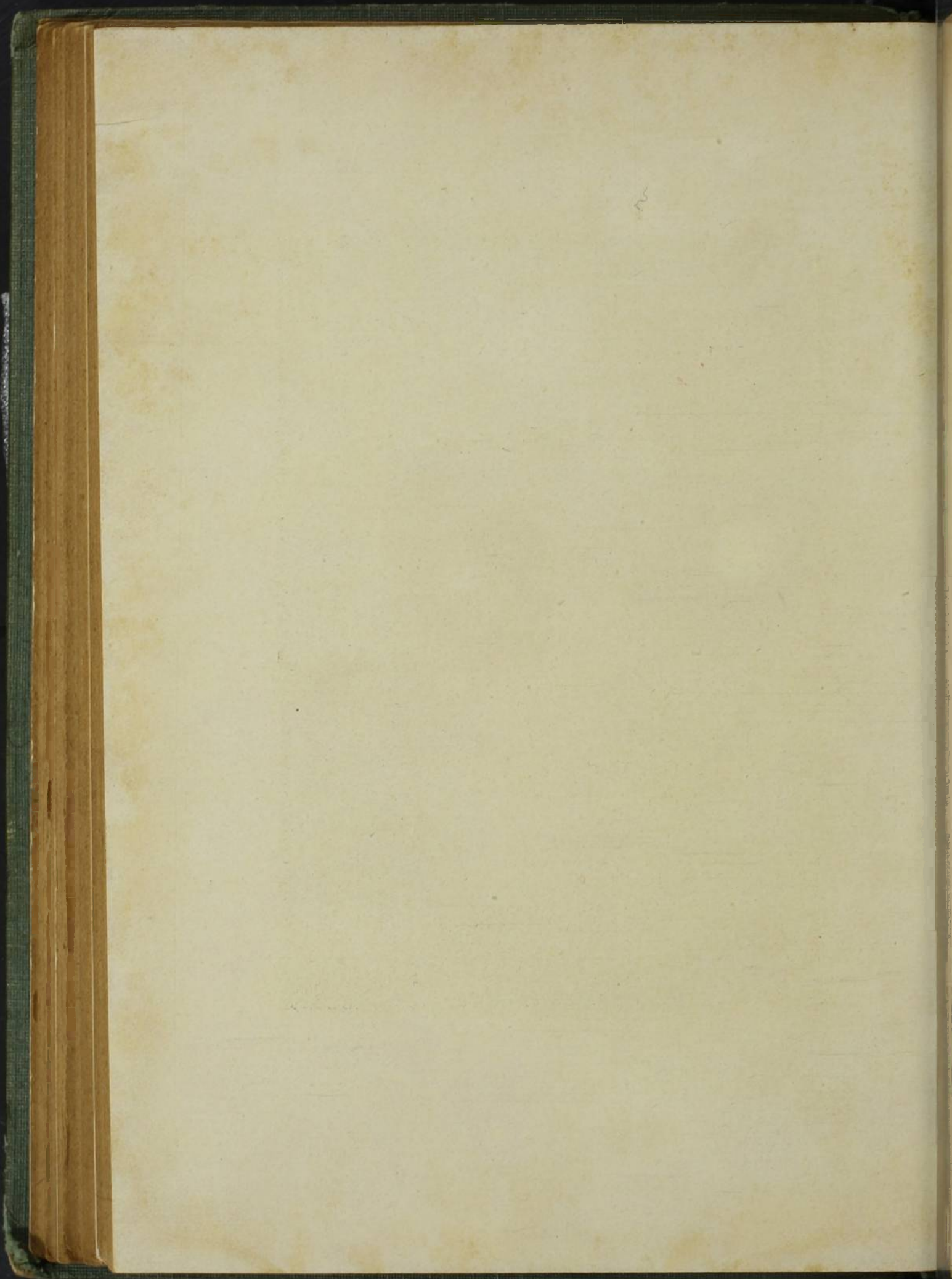
gando-o ao mesmo tempo com abundantes lagrimas. O raminho creou raizes e se transformou em bella arvoresinha e Gata Borrallheira ia todos os dias visitar a sepultura, e, cada vez que ahi chegava, um passarinho branco vinha pousar sobre a arvore, olhava cheio de dó para a menina e a consolava.

Certo dia todas as moças bonitas existentes no paiz foram convidadas para irem ao palacio do rei; porque o rei havia organizado uma festa que devia durar tres dias e, durante a mesma, o seu filho devia escolher uma noiva dentre as moças presentes. Então as duas irmans se enfeitaram e se vestiram ricamente e Gata Borrallheira teve de ajudal-as em tudo, pentear-lhes os cabellos e fazer-lhes bellas tranças. Ella, porém, estava desejosa de ir tambem á festa e com lagrimas nos olhos perguntou á madrasta se consentia. Esta, porém, deu uma gostosa gargalhada e disse:

“Ora essa, não faltava mais nada! Uma Gata Borrallheira ir dançar num baile! Tens lá vestidos e calçado? Ou queres talvez que nós outras nos tenhamos de envergonhar de ti!” Como, porém, Gata Borrallheira insistisse no pedido, a madrasta disse afinal:

“Pois bem, vá lá; se dentro de duas horas conseguires catar todas as lentilhas que estão derramadas na cinza e encher estas duas vasilhas, irás comnosco !”





Gata Borrallheira correu rapidamente para a cozinha, abriu a janella e exclamou:

Meus queridos passarinhos,
Separai-me essas lentilhas.
As ruins para os papinhos,
E as boas para as vasilhas.

Veio então o passarinho branco que costumava pousar na arvore da sepultura; vieram mais dois pombinhos brancós e por fim todos os passarinhos do paiz; puzeram-se a catar as lentilhas com tanta rapidez que em menos de uma hora a tarefa estava concluida. Quando, porém, a menina foi levar as vasilhas á madraستا e já se alegrava, porque esperava obter licença para ir á festa da côrte, teve esta resposta:

“Oh tolinha, como podes pensar em semelhante cousa!” E como Gata Borrallheira se puzesse a chorar e não quizesse parar de chorar, a madraستا pegou em quatro terrinas cheias de lentilhas, derramou-as no borralho, misturou bem e disse:

“Se puderes catar as lentilhas no prazo de uma hora, poderás ir connosco”.

A menina correu navamente para a cozinha e, abrindo a janella, tornou a chamar:

Meus queridos passarinhos,
Separai-me essas lentilhas.
As ruins para os papinhos,
E as boas para as vasilhas.

E de novo veio o passarinho branco da avelleira; vieram mais os dois pombinhos brancos, bem como todos os outros passarinhos da terra; e puzeram-se a picar e espicaçar com tanta rapidez, que ainda não era passada uma hora, quando a menina levou as quatro vasilhas cheias á madraستا. Esta, porém, disse:

“Sabes o que mais? Estás a perder o tempo. Tu me ficas em casa e has de fazer o teu serviço!” E embora Gata Borrallheira tornasse a chorar, a madraستا voltou-lhe as costas e sahio com as duas filhas orgulhosas.

Ora, Gata Borrallheira achando-se sósinha ficou ainda mais triste e correu até a sepultura de sua mãe. Lá estava pousado sobre a avelleira o passarinho branco, que perguntou:

“Querida menina, dize, dize o que tu queres?” E Gata Borrallheira segurou-se ao tronco da avelleira e respondeu:

“Arvoresinha, minha querida, atira-me um vestido bonito!”

Mal a menina pronunciara estas palavras quando a arvore começou a agitar-se e Gata Borrallheira viu-se de repente vestida com um vestido lindissimo e no pescoço e nos braços tinha joias riquissimas, de ouro e perolas. Assim enfeitada, dirigiu-se para o palacio do rei, onde ninguem a conheceu, nem mesmo a madraستا e as duas filhas; julgaram todos que

era uma princeza estrangeira. E o principe dançou só com ella e não a deixou mais; e quando se aproximava outro homem para dançar com ella, o principe dizia:

“Ella é meu par!”

Terminado o baile, quando a menina ia retirar-se, quiz o principe acompanhá-la, porque desejava muito saber onde ella residia e de quem era filha; Gata Borralheira, porém, escapuliu-se-lhe depressa e o principe não pôde saber que rumo ella tomara. A menina levou sem demora o seu vestido e as suas joias para a avelleira e, quando a madrasta voltou com as duas filhas para casa, foi encontrá-la sentadinha com a sua camisola parda na cozinha, tendo já concluído todo o trabalho.

No dia seguinte tornou a madrasta a ir com as duas filhas ao palacio e Gata Borralheira teve de ficar outra vez só. Correu immediatamente para junto da avelleira e, quando o passarinho perguntou: Querida menina, o que queres tu? ella exclamou:

“Arvoresinha, minha querida, atira-me um vestido bonito!”

O passarinho lhe atirou, da arvore, um vestido ainda mais bello e joias ainda mais preciosas do que as da vespera. Gata Borralheira vestiu-se, enfeitou-se e de novo foi á festa do palacio, onde ninguem a reconheceu e onde foi a mais formosa e a mais bem trajada. E o prin-

cipe tornou a dançar só com ella e não consentiu que fosse par de outro homem. Terminada a festa, o principe quiz de novo acompanhá-la, mas a menina escapuliu-se-lhe ainda desta vez, sem que elle soubesse para onde ella tinha ido. Gata Borralheira, porém, dirigiu-se depressa para junto da avelleirinha, ahi deixou o vestido e as joias e, quando chegou a madrasta com as filhas, já ella se achava sentada na cozinha, tendo concluido todo o trabalho.

Vem afinal o terceiro dia. Depois de ter a madrasta partido com as suas duas filhas para o baile, Gata Borralheira foi novamente procurar a avelleira e, quando o passarinho lá de cima disse:

“Minha querida menina, dize, dize o que tu queres?” ella respondeu como nos dias anteriores:

“Arvoresinha, minha querida, atira-me um vestido bonito”.

Então o passarinho lhe atirou um vestido esplendido e extraordinariamente rico, muitissimo mais lindo do que os dois primeiros; era todo de seda e velludo. Os anneis e o collar eram de perolas e brilhantes, e os sapatinhos, de ouro puro. Quando Gata Borralheira appareceu no baile assim vestida e extremamente formosa, ficaram todos pasmos e de boca aberta diante de tanta belleza e esplendor. O prin-

cipe, porém, que já a esperava, foi ao seu encontro, tornou a dançar somente com ella e não a deixou um só instante. Findo o baile, quando Gata Borrallheira quiz escapulir-se, perdeu na escada um dos seus sapatinhos de ouro, que o principe apanhou e guardou. No dia seguinte mandou elle os seus mensageiros por todo o paiz, incumbidos de mostrarem o sapatinho e declararem: “Só a donzella em cujo pé servir este sapatinho, é que será a esposa do principe”.

A madrasta, ouvindo isto, dirigiu-se com a filha mais velha para o palacio, na supposição de que esta se havia de tornar a esposa do principe, visto que tinha pés muito bonitos. Mas quando a moça entrou no quarto para calçar o sapatinho, ella nem ao menos conseguiu introduzir nelle o dedo grande do pé. Disse então a mãe, que se achava a seu lado: “Ahi está uma faca, pega nella e corta o dedo; não faz mal, porque, quando fores rainha, não terás necessidade de andar a pé”. A moça assim fez, embora a operação lhe doesse muito; depois o pé entrou. O principe, vendo que o sapatinho servia, quiz desposal-a; mas o passarinho branco bateu com o bico na vidraça da janella e disse: “Toma cuidado, não te illudas; no sapatinho ha sangue. Essa é a falsa, a verdadeira é outra”.

O principe reparou então que no sapatinho

havia sangue e mandou logo expulsar a moça do palacio.

A mãe della, á vista disso, foi buscar a outra filha mais moça, que por sua vez entrou no quarto para experimentar o sapatinho; e como o pé não quizesse entrar, porque o calcanhar era grosso de mais, a mãe deu uma faca á moça, e disse: “Corta um pedaço do calcanhar; não faz mal, porque, quando fores rainha, não precisarás andar a pé”. A moça assim fez, embora lhe doesse muito; forçou o pé a entrar no sapatinho e sahiu do quarto para mostrar o pé ao principe. Quando este viu que o sapatinho lhe servia tão bem, quiz casar-se com ella. Mas o passarinho branco appareceu de novo na janella e gritou: “Não te illudas, no sapatinho ha sangue; essa tambem é falsa; a verdadeira é outra”.

O principe então viu o sangue que ensopava a meia e mandou expulsar tambem essa menina. Mas, dirigindo-se á mãe, elle falou assim: “Não tendes vós uma terceira filha?”

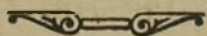
A mulher a principio quiz occultar a verdade; porém afinal não teve remedio senão responder e então disse: “Sim, lá em casa ainda tenho uma rapariga, a Gata Borrallheira, creatura rachitica e suja; de certo não é esta a noiva do principe, se ella até nem veio ao baile”. O principe todavia não quiz saber de nada; mandou vir a Gata Borrallheira á sua

presença. Quando a trouxeram, ella se inclinou tres vezes ante o principe, não permittindo, todavia, que este lhe visse o rosto. Depois sentou-se e provou o sapatinho, o qual lhe serviu perfeitamente no pésinho, como se fosse feito de proposito para ella. Quando se poz em pé, o principe, olhando-lhe para o rosto, reconheceu-a logo e disse: “Esta sim, é que é a minha querida noiva”. E o passarinho gritou da janella: “E’ esta, sim; no sapatinho não ha sangue; é esta a verdadeira”.

O principe desposou-a e o casamento foi celebrado com grande pompa e jubilo.

Então a madrasta procurou insinuar-se com as duas filhas junto da joven rainha; mas nada conseguiu. E quando os noivos seguiam para a igreja, as duas irmans caminharam uma á direita e a outra á esquerda do carro. Vieram então os dois pombinhos brancos e disseram: “No sapatinho não ha sangue, ella é a rainha, agora, sim! Mas á sua direita e á sua esquerda, vão duas meninas que, por castigo, hão de andar coxas toda a vida!”

Então a mãe e ellas ficaram tão zangadas, que não tardaram a morrer de pesar; mas Gata Borralheira, já agora rainha, viveu ainda muitos annos e foi muito feliz em companhia do seu esposo.





O DOUTOR SABE-TUDO



M pobre camponez, de nome Camarão, guiava a sua carroça de lenha puxada por uma junta de bois e, quando chegou á cidade, vendeu toda a carga por dois escudos a um doutor. Quem lhe veio entregar o dinheiro não foi o proprio doutor, que esse lá estava sentado á mesa jantando regaladamente. Pela porta entreaberta o camponez bem o viu a comer e a beber do bom e do melhor, e semelhante espectaculo não só lhe fez crescer a agua na boca, mas até despertou no camponez o desejo muito natural de ser doutor tambem. Depois de olhar embasbacado por algum tempo, perguntou lá para dentro da casa se não seria possivel tornar-se elle igualmente doutor.

“Ora essa!” disse o doutor, “nada mais simples; está nas suas mãos”.

“Mas então que devo eu fazer?” perguntou o camponez.

“Em primeiro lugar trata de comprar uma carta de A B C daquellas, sabe, que trazem dentro a figura de um gallo; vende depois o teu carro e os teus bois, e com o dinheiro compra roupa e o mais que é necessario a um doutor; por ultimo manda pintar uma taboleta com o seguinte letreiro: “Eu sou o Doutor Sabe-Tudo”, a qual deverás fazer pregar por cima da tua porta”.

Fez o camponez tudo o que lhe foi aconselhado e poz-se a exercer a mui nobre profissão de doutor. Não eram ainda decorridos nem seis mezes depois que o homem mudara de genero de vida, quando succedeu que a certo ricaço fosse roubada quantia muito consideravel. Sendo dito ao mesmo que em uma aldeia proxima residia um tal doutor chamado Sabe-Tudo e que este provavelmente tambem havia de saber onde se achava occulto o dinheiro ou quem o roubara, mandou o ricaço preparar logo a carruagem e seguiu para a aldeia. Chegando a uma casa que lhe indicaram, perguntou a quem veio abrir se era elle o doutor Sabe-Tudo, e teve resposta affirmativa. O ricaço pediu então que fizesse o favor de o acompanhar até a sua residencia afim de descobrir que rumo poderia ter levado o dinheiro subtrahido. Concordou o doutor Sabe-Tudo, mas

com a condição que a Margarida, sua mulher, também partisse com elle. O ricaço, não tendo nenhuma objecção a fazer, mandou-os entrar ambos no carro e com elles seguiu viagem. De regresso a seu solar, encontrou o ricaço a mesa posta, e logo convidou o doutor a jantar em sua companhia. “Aceito”, respondeu este, “comtanto que minha mulher também seja convidada”. E assim foram todos tres para a mesa.

Quando o primeiro criado entrou trazendo o primeiro prato, o camponez acotovelou a mulher e lhe disse: “Margarida, cá está o primeiro”, querendo dizer que era o primeiro prato de comida que vinha para a mesa. O criado, porém, imaginou que queria dizer: “cá está o primeiro ladrão” e, como realmente o era, ficou muito assustado e foi contar o caso aos outros dizendo:

“O tal doutor sabe mesmo tudo, estamos mal de sorte, elle já disse que eu era o primeiro”.

O segundo criado só a muito custo entrou na sala de jantar. Ao chegar elle com o segundo prato, vai o camponez e tornou a acotovelar a mulher:

“Olha, ahi vem o segundo”. O segundo criado também teve um enorme susto e apressou-se em sahir.

Ao terceiro aconteceu a mesma cousa, pois

o doutor repetiu: “Margarida, aquelle é o terceiro”.

O quarto entrou trazendo um prato coberto e o ricaço disse ao doutor que mostrasse a sua sciencia e adivinhasse o que estava naquelle prato. Eram camarões. O camponez olhou para o prato coberto e, não sabendo como se safar da entaladela, disse suspirando:

“Estás arranjado, pobre Camarão!”

Apenas o ricaço ouviu pronunciar tal palavra, exclamou: “Com effeito, elle sabe isso, por conseguinte tambem ha de saber onde está o dinheiro que me foi roubado ou quem está com elle”.

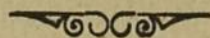
O criado, porém, teve um medo de todos os diabos e piscou o olho para o doutor dando-lhe a entender que precisava de falar-lhe por um instante. Quando o doutor sahiu, todos quatro lhe confessaram que haviam roubado o dinheiro e lhe disseram que o restituiriam de bom grado e lhe dariam uma boa somma se elle os não denunciasse, porque do contrario seriam enforcados. Conduziram-no para o lugar em que tinham escondido o dinheiro.

O doutor ficou satisfeito, entrou de novo na sala de jantar, sentou-se á mesa e disse: “Meu caro senhor, eu agora vou ver no meu livro, onde está o dinheiro”.

O quinto criado, porém, desejando saber se o doutor ainda sabia mais alguma cousa,

metteu-se atraz do fogão e ahi esperou. O doutor, porém, abriu a sua famosa carta de A B C, e começou a folhear, procurando a figura do gallo; e, não podendo de prompto encontral-a, disse: “Mas se tu estás ahi dentro, que eu sei, has de apparecer por força”.

Julgou então o criado occulto àtraz do fogão que isto se entendia com elle, sahiu do seu esconderijo e disse: “Este homem sabe tudo”. O doutor Sabe-Tudo mostrou então ao ricoço o lugar onde o dinheiro estava escondido; recebeu boa paga de ambas as partes em recompensa do seu serviço e do segredo que guardara e tornou-se uma grande celebridade.





JOAO FELIZARDO



O PEQUENO Pollegar, cujo nome de baptismo era João, apesar de pygmeusinho no physico, como todos sabem, tinha muito mais juizo do que este outro João, cuja historia lhes vou contar.

Sempre alegre e satisfeito, o chará do Pollegar era tido na conta das creaturas mais felizes que têm vindo ao mundo. Ao serviço de um abastado proprietario rural trabalhou durante sete longos annos com a maior dedicação e lealdade; mas ao cabo desse tempo apoderou-se d'elle tamanha saudade de sua boa mãe, que resolveu despedir-se e voltar para o lar da familia. O patrão, querendo recompensar tão dedicado servidor, deu-lhe em paga um pedaço de ouro, pesado que nem pedra e grande como a cabeça de Joãosinho. O rapaz recebeu-o e, de contente, poz-se a dizer "muito

obrigado” uma infinidade de vezes, tirando e agitando ao mesmo tempo o gorro para todos os lados, até que por fim lá se partiu caminho de casa.

Não teria andado um quarto de hora quando se encontrou com um homem a cavallo. “Ahi está o que não é para todos, isso de fazer uma viagem bem montadinho sem cançar as pernas nem maguar os pés nestas malditas pedrinhas!” exclamou o João. “Feliz homem esse que não carece de suar, como eu, com o peso deste pedaço de ouro, até chegar em casa!” accrescentou suspirando.

“Ora essa !” redarguiu o cavalleiro voltando-se para o rapaz. “Se é esse o unico mal que te afflige, proponho uma troca: toma lá o meu cavallo e eu ficarei com o pedaço de ouro, realmente pesado demais para os teus debeis hombros; tu poderás assim andar montado quanto quizeres”. João aceitou logo a proposta.

O homem apeou, recebeu o enorme pedaço de ouro, ajudou o rapaz a firmar-se no sellim, mostrou-lhe como devia segurar as redeas e disse:

“Agora, meu amiguinho, quando quizeres que o animal ande depressa, basta gritar hopp! hopp! que elle seguirá a galope.

João, que nunca experimentara a delicia de cavalgar, não cabia agora em si de contente. D’ahi a nada, querendo accelerar a andadura,

poz-se a gritar com toda a força: hopp! hopp!
O animal partiu numa disparada como um raio e João não viu mais cousa nenhuma, perdeu as estribeiras e levou tamanho tombo do cavallo abaixo, que, com o choque do proprio corpo na dura terra, veio a sentir subitamente uma dor enorme até os ossos, acompanhada de uma zunideira nos ouvidos.

A felicidade de João foi que do lado opposto chegava justamente um camponez conduzindo uma vacca, e este conseguira agarrar o cavallo pelo freio e trazel-o para junto de seu desasado dono. João contou-lhe a sua desgraça e protestou nunca mais montar em tal animal. “Ora, escuta cá, rapaz”, disse o camponez; “vamos fazer uma cousa, fico eu com o cavallo e, em troca, dou-te esta vaquinha que é mansa como um cordeiro. E olha que, se te proponho isto, é que tenho devéras pena de ti. A outro eu não faria semelhante favor”.

Convencido de que fazia um alto negocio, o rapaz aceitou, ainda por cima agradeceu muito, e lá se foi puxando contente a vacca pela corda que tinha presa aos chifres. Com a estafa da jornada e mais o calor que ia fazendo, pois o sol já estava bem alto, João começou a sentir sêde.

“Agua não ha por ahi nesse descampado”, disse e, reflectindo, accrescentou: “Mas eu sei o que faço; ordenho a minha vacca e bebo leite,

o que, afinal de contas, é melhor do que beber agua”.

Dito e feito. Amarrrou a vacca a um tronco que viu deitado no caminho e poz-se a ordenhal-a; porém, por mais que puxasse e espremesse os ubres do bicho, nem uma gota de leite conseguiu extrahir-lhe.

A vacca por fim impacientou-se e arrumou um tremendo couce, que fez rolar por terra o seu novo proprietario.

Foi nessa situação que o encontrou um açougueiro que vinha tocando um porco seguro a uma corda.

João narrou ao homem o que lhe havia acontecido, e accrescentou: “Ah! se eu tivesse um animal como esse ahi! O porco ao menos pôde-se matar e tem carne saborosa. E as linguças então, nem é bom falar!” Ao que o açougueiro respondeu: “Ouve, João, em attenção a ti, não faço duvida em trocar; dou-te o porco, vá lá, tu me darás a vacca”. “Oh! meu Deus!” exclamou João, quanta bondade”. E fez-se a troca.

Ia elle já durante algum tempo tocando o porquinho, que ora embirrava em tomar para a direita, ora para a esquerda, quando se encontrou com um rapaz que trazia um ganso gordo. Poz-se João a conversar com elle e narrou-lhe a serie de felicidades que tivera, fazendo sempre trocas tão vantajosas.

O tal rapaz então lançou um olhar, como que desconfiado, para todos os lados e disse a meia-voz: “Joãosinho, queira Deus que não haja qualquer historia nessa negociata do porco. Olha, a noite passada roubaram na aldeia proxima um porco ao senhor juiz. A descripção que fazem do animal por lá, combina exactamente com os signaes deste porco que ahi trazes. Eu, tu bem vês, quero-te muito bem. Se o juiz, que anda com a sua gente á procura do porco roubado, te encontra com elle, coitado de ti, manda trancafiar-te seguramente por alguns annos na cadeia a pão e agua”.

Ouvindo tal noticia João ficou a tremer como varas verdes. “Santo Deus! Tira-me de semelhante apuro”, supplicou elle ao rapaz; “tu, que conheces perfeitamente estes lugares, talvez te arranjes melhor do que eu. Troca commigo; cede-me o teu ganso e leva-me esse porco daqui”.

“Pois bem, como eu não quero a tua desgraça, apesar do risco que corro, aceito a troca”, respondeu o outro, entregando o ganso. Em seguida apoderou-se do porco e tratou de pôr-se ao fresco.

Quando João se viu só e na certeza de que estava livre de todas as perseguições do juiz, começou a meditar no ultimo negocio que acabava de fazer e achou afinal que ainda sahia lucrando.

“O negocio não é dos peiores. Em primeiro lugar tenho a carne saborosa do ganso, e em segundo — a gordura. Das pennas, minha mãe me fará uma boa almofada, sobre a qual descansarei a cabeça e dormirei como um príncipe”.

Chegando á ultima aldeia, teve de passar por perto de um amolador de tesouras. Este fazia girar o rebolo velozmente e assobiava uma alegre melodia.

João parou admirado e poz-se a prestar atenção ao trabalho do homem, e afinal lhe disse:

“O senhor com certeza tem uma boa vida, vejo-o tão satisfeito! Só queria que me succedesse o mesmo”.

“Sim”, replicou o amolador, “o officio não é mau, pois tem uma base metallica, mas onde arranjou você este bello ganso?”

“Troquei-o por um porco”, disse João.

“E o porco?”

“Recebi-o em troca de uma vacca”.

“E a vacca?”

“Em troca de um cavallo”.

“E onde arranjou o cavallo?”

“Dei por elle um pedaço de ouro do tamanho da minha cabeça”.

E donde lhe veio o pedaço de ouro?”

“Recebi-o em paga de serviço durante sete annos em casa do patrão”.

“Você é que é um finorio; sim, senhor”, disse o amolador: “só o que você agora precisa é tornar-se amolador de tesouras, que então estará com a fortuna feita. Um bom amolador vive sempre contente e nunca lhe falta dinheiro na algibeira. Querendo dedicar-se a essa profissão, basta-lhe possuir apenas um rebolo, e eu estou prompto a dar-lh’o, isto é, a cambial-o por esse ganso”.

“Devéras?!” perguntou João: “o senhor quer tornar-me o homem mais feliz do mundo? Aqui tem o meu ganso!”

João poz o rebolo ao hombro e continuou o seu caminho, levando grande alegria no coração. “Eu parece-me decididamente que nasci empellicado, como se costuma dizer”, exclamou elle, “tudo, tudo quanto desejo se realisa ás mil maravilhas”.

Não tardou, porém, a ficar tão cansado, que mal podia com o peso da pedra. Oh que bom seria se eu já não tivesse de carregar esta cousa tão pesada”, disse de si para si. E como então estivesse junto de um poço e a sêde o atormentasse muito, sentou-se na beira do mesmo para repousar e beber agua fresca. A pedra collocou-a elle com todo o cuidado em cima do muro do poço; mas, voltando de beber, bateu sem querer nella, e o rebolo, perdendo o equilibrio, lá se foi rolando pelo poço a dentro até parar no fundo.

João deu tres pulos de alegria, porque, sem querer, havia-se livrado de tão incommodo fardo. “Ora, isto é que é ter sorte sem fim”, exclamou. “Até que afinal o raio da pedra tambem se foi por ahi a fóra. Digam lá o que quizerem, não ha no mundo homem mais feliz do que eu!”

Com o coração alliviado e sem vir carregado de fardo pesado ou perigoso, João em pouco tempo chegou á casa de sua mãe. Quando acabou de narrar a sua viagem, e as boas trocas que fizera, disse-lhe a mãe: “Joãosinho, não cuidei que me sahisse tão esperto assim; se agora, depois de tudo isso, ainda estás satisfeito e te consideras um felizardo, então estou certa de que nunca te verei triste. Deus te conserve essa alegria e te accrescente um pouco de juizo”.





A VELHA MANDANEVE



ERA uma vez uma mulher que tinha duas meninas: uma era enteada ; a outra, filha verdadeira. Tinha esta o defeito de ser, além de feia, excessivamente preguiçosa; mas, não obstante, a mãe lhe queria muito mais do que á bella e trabalhadeira enteada, a quem obrigava a fazer todo o serviço da casa, como se fosse a Gata Borralheira.

Não se passava dia em que a pobre da menina não tivesse de sentar-se na grande estrada ao lado de um poço e coser e coser horas inteiras, a ponto de chegar o sangue a brotar-lhe debaixo das unhas. Uma vez, ficando o carretel de linha todo ensanguentado, a menina abaixou-se para laval-o; mas o carretel lhe escapou das mãos, rolou e cahiu no fundo do poço.

Começou ella então a chorar muito; depois foi ter com a madrasta e narrou-lhe a sua desgraça; mas a resposta foi uma tremenda reprehensão. A madrasta levou a crueldade ao ponto de dizer: “Deixaste cahir a linha, desce agora ao fundo do poço, e vai lá procural-a. Não me fosses tão relaxada”.

Voltou a coitada para junto do poço sem saber o que fazer; porém era tal a ancia em que estava, que resolveu atirar-se na agua e ir procurar a linha.

Perdeu os sentidos e, quando voltou a si, seus olhos o que viram foi uma extensa campina banhada pelo sol e esmaltada das mais ricas flores.

Poz-se a caminhar nessa campina até chegar a um grande forno. Estava o forno cheio de pão, e o pão começou a gritar: “Tira-me, tira-me d’aqui para fóra, que já estou bem cozido; senão, fico queimado”. A menina, trabalhadeira como era, tirou logo o pão. Depois, continuou a andar até chegar a uma arvore. Estava a arvore carregadinha de maçans e poz-se a gritar assim: “Sacode-me, sacode-me, que as minhas maçans estão todas maduras”. A menina sacudiu a arvore, e cahiram tantas que nem a chuva, e não ficou uma só lá em cima. Mais adiante a rapariga encontrou uma casa com uma velha á janella; e ella ficou com medo e quiz fugir, porque a velha tinha uns

dentes enormes. Esta, porém, tranquillizou-a e disse: “Não tenhas medo, minha querida menina; fica aqui commigo; se quizeres fazer todo o serviço da casa, como deve ser, terás boa vida também. Só o que eu exijo é que me faças a cama direito e a sacudas a valer até que as pennas esvoacem para todos os lados. Nessa ocasião cairão os flocos de neve na terra; porque sou eu a velha Mandaneve”. A velha falou com tão bons modos, que a menina aceitou e ficou a seu serviço. E o que a rapariga fazia era a contento da dona da casa; arranjava tudo e sacudia bem as pennas. De facto, era boa a vida que passava junto a essa patrôa, a quem nunca ouvia uma palavra aspera e de quem todos os dias recebia ensopados e assados deliciosos.

Apesar disso, no fim de certo tempo a menina começou a sentir muita saudade da casa onde nascera e tantos annos vivera. Por isso dirigiu-se á patrôa e disse: “Estou muito contente aqui, e aqui ficaria sempre, se uma saudade immensa que tenho de casa me não fôrçasse a partir”. Respondeu então a velha Mandaneve: “Acho justo que queiras voltar para a casa, e como me serviste tão bem, irei eu mesma levar-te lá acima”. Tomou-a pela mão e conduziu-a até um portão de ouro. Estava aberto e, assim que a menina se achou debaixo delle, cahiu uma forte chuva de ouro. “E’ este

o premio que eu dou a quem foi sempre tão trabalhadeira”, disse a Mandaneve, e restituiu-lhe tambem o carretel de linha que havia cahido no poço. Depois o portão fechou-se e a menina se achou de novo no mundo lá em cima e, ao aproximar-se da casa materna, ouviu-se cantar o gallo que estava pousado na beirada do poço:

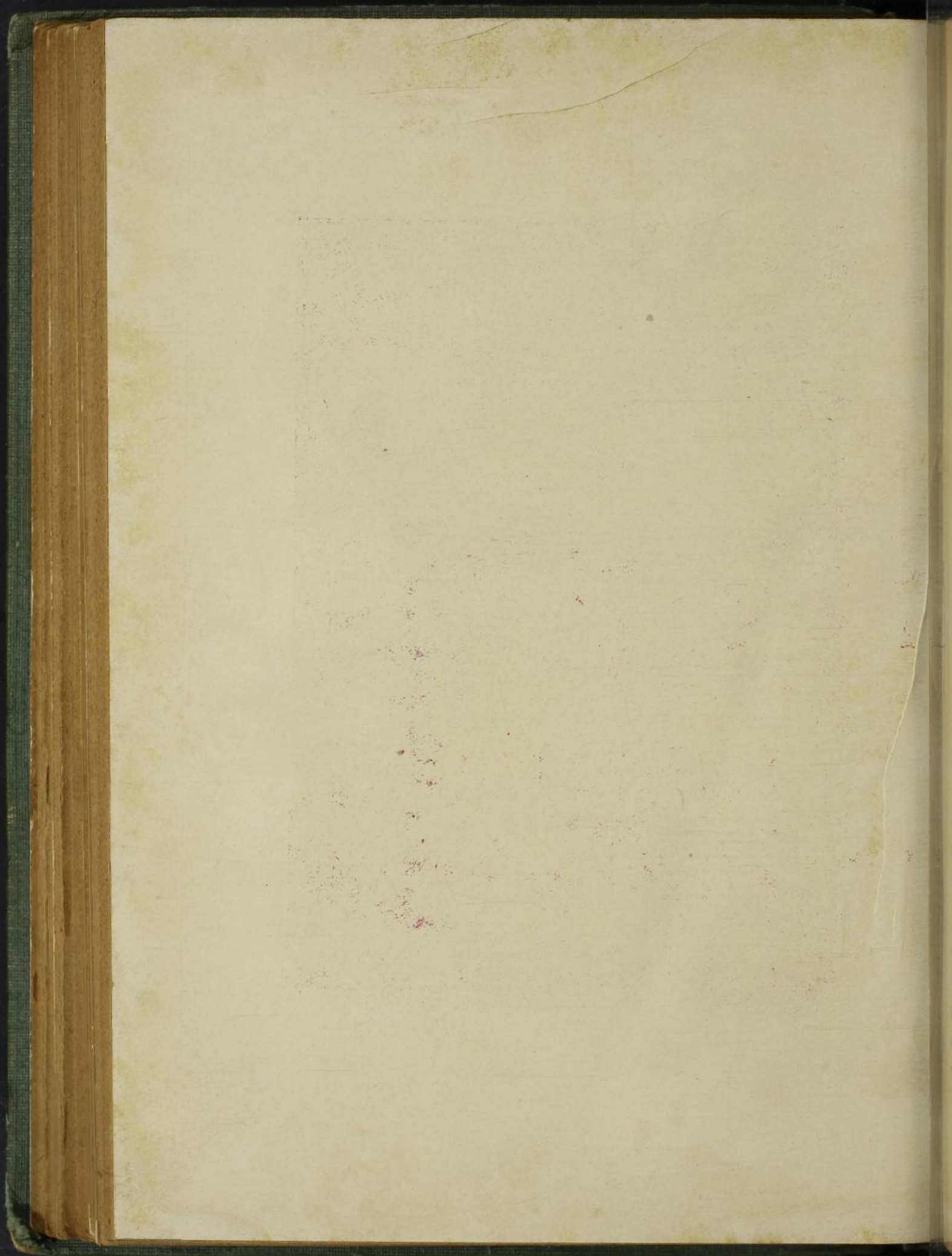
“Kikiriki!”

“A menina de ouro eil-a aqui !”

E quando poz o pé em casa, foi bem recebida, porque estava toda coberta de ouro.

A madrasta, ao ouvir o modo pelo qual tamanha riqueza tinha sido adquirida, quiz tambem que á filha feia e preguiçosa coubesse igual fortuna. Fez a outra sentar-se tambem junto ao poço, coser e espetar-se no dedo para ficar cheio de sangue o carretel e, como isto não bastasse, fel-a arranhar a mão num espinheiro proximo. Depois, a filha atirou o carretel de linha para o fundo do poço e saltou dentro da agua. Assim como succedera á outra menina, tambem ella veio parar em uma formosa campina e poz-se a caminhar pelo mesmo caminho. Chegando ao forno, tornou o pão a gritar: “Tira-me, tira-me d’aqui para fóra, que já estou bem cozido; senão, fico queimado”. A preguiçosa, porém, respondeu assim: “Eu, sujar-me por tua causa, é o que fal-





tava!” e retirou-se. Mais adiante estava a macieira que principiou a bradar: “Sacode-me, que as minhas maçans estão todas maduras”. Respondeu-lhe a rapariga: “Não vê, quem sabe se eu vou agora deixar-me atirar as maçans á cabeça!” e foi andando. Ao chegar á casa da velha Mandaneve, não a intimidaram os grandes dentes della, dos quaes já tinha noticia pela descripção que a irman fizera, e, sem hesitar, a menina poz-se ao serviço da velha. No primeiro dia, fez o sacrificio de trabalhar e obedeceu ao que lhe era ordenado, pois não tinha em mira senão o riquissimo presente que esperava de Mandaneve. No segundo dia, começou a vadiar; no terceiro, ainda mais, até o levantar-se pela manhan lhe custou muito; a cama fel-a mal e não a sacudiu a ponto de esvoaçarem as pennas para todos os lados. A velha Mandaneve achou que isto era demais e dispensou a rapariga do serviço. Esta não poz a menor duvida e contava agora com a chuva de ouro. Mandaneve conduziu-a até o portão; e, no momento em que a menina se achava justamente por baixo, despejou-se, em lugar do ouro, uma grande caldeira de pixe por cima della. “Aqui está a paga pelos teus serviços”, disse a velha, e fechou o portão. Chegou então a menina á casa toda coberta de pixe. O gallo, que estava pousado na beirada do poço, ao vel-a nesse estado, gritou:

“Kikiriki!”

“A menina immunda eil-a aqui!”

E o pixe se pegou ao corpo da rapariga e nunca mais foi possivel tiral-o.





O ANJO



UM ANJO de Deus baixa á terra sempre que morre uma criança boa; toma nos braços a creatura morta, abre as brancas asas e vôa com ella para as alturas, passando primeiro por todos os lugares de que a criança gostava e colhendo flores que vai levar até o céu para que, lá em cima, floresçam mais bellas ainda. Deus Nosso Senhor recebe todas as flores e aquella que mais lhe agrada elle beija; a flor então adquire voz, podendo assim cantar com os anjos os hymnos da bemaventurança.

Isso contava um anjo de Deus a um menino que tinha morrido e que elle levava comsigo para o céu. Pairavam por cima dos lugares onde o menino costumava brincar e contemplavam os jardins cheios de flores viçosas. “Quaes são as flores que havemos de levar para plantar no céu?” perguntou o anjo.

E ali estava uma roseira bella e delicada;

porém mão perversa lhe havia partido o fragil tronco e os ramos quasi murchos pendiam para todos os lados, carregados de grandes botões que queriam desabrochar.

“Pobre roseira!” disse a criança, “vamos leval-a, para que possa vicejar e florir lá em cima na presença de Deus”.

E o anjo tomou a planta e beijou a criança; e o menino entreabriu os olhos. Colheram depois outras flores, das mais lindas, mas colheram tambem muitas que pareciam desprezadas.

“Agora chega”, disse por fim a criança, e o anjo concordou, mas não seguiu desde logo o caminho do céu.

Era noite e tudo em torno mergulhado em profundo silencio. Pairavam nesse momento por cima de uma das ruas estreitas da grande cidade. Lá em baixo alguem tinha feito mudança durante o dia, viam-se ainda montes de palha, cinzas e cisco. E o anjo mostrou á criança, no meio de todos esses detritos, os cacos de um vaso de flor e o torrão que delle tinha cahido, e a que estavam presas ainda as raizes de uma bonina dos campos, atirada á rua e já secca.

“Aquella nós vamos levar tambem”, disse o anjo, “vou contar-te a sua historia, emquanto descemos para apanhal-a”. E continuaram a voar.

O anjo então contou o seguinte: “Ali, naquella estreita rua, morava em um porão de pouca altura um pobre menino entrevado. Franzino e doentinho desde a mais tenra idade, se alguma vez se sentia melhor, o mais que podia fazer era andar um pouco no quarto para cá e para lá apoiado sobre muletas.

Durante poucos dias de verão, os raios do sol cahiam, meia hora apenas, na entrada do porão; se então o pobre menino lá estava sentado para se aquecer, cuidavam os outros poderem affirmar: “Hoje elle sempre sahiu”.

A esplendida côr verde de que se veste a floresta na primavera, conhecia-a o menino, porque uma vez o filho do vizinho lhe trouxera um ramo de faia, o qual o entrevado segurou por cima da cabeça, imaginando achar-se sentado no meio de arvores onde o sol brilhava e cantavam os passarinhos.

Certo dia trouxe-lhe o filho do vizinho tambem algumas boninas do campo, e entre ellas casualmente uma tinha raizes. Foi esta bonina logo plantada em um vaso e collocada na janella bem perto da cama. Abençoada a hora em que se plantou a flor: pegou, cresceu e todos os annos ostentava as suas boninas. Para o enfermo rapazinho era aquillo um jardim, o seu thesouro na terra; regava sempre a planta, tratava della e tinha todo o cuidado para que não lhe viesse a faltar um só dos raios

solares que entravam pela janella. E era só com essa bonina que o rapazinho sonhava; porque só para elle é que a plantinha floria; exhalava perfume e alegrava a vista; e foi ainda para a bonina que o doentinho volveu o derradeiro olhar quando o Senhor o chamou a si.

Já lá vai um anno que elle está junto do Altissimo, um anno que a planta esteve abandonada e esquecida na janella; ella seccou e foi por isso que, por occasião da mudança hoje, a deitaram fóra. E esta flor, a pobre e mirrada flor que acabamos de ajuntar ás outras no nosso ramallete, mais alegria produziu do que a mais bella flor em jardim de rei!”

“Mas, como sabes tu de tudo isto?” perguntou a criança.

“Eu sei”, respondeu o anjo, “porque fui eu mesmo o pobre menino entrevado, que andava de muletas; a minha florzinha bem a conheço ainda!”

E a criança abriu os olhos e viu o rosto radiante do anjo, e nessa mesma occasião chegavam os dois ao céu, onde reinava a alegria e a bemaventurança. E Deus tomou a criança morta e apertou-a ao seio, e ella criou asas como os outros anjos e começou a voar como elles. Depois apertou Deus as flores ao seu coração, e beijou a bonina mirrada e esta adquiriu voz e começou a cantar com os outros anjos que voavam em torno do Senhor.



O GATO DE BOTAS



Um velho moleiro, que levara toda a vida a trabalhar, não pode entretanto deixar a seus tres filhos mais do que isto: o moinho, um burro e um gato. O filho mais velho, muito forte em calculos, assim que o pai fechou os olhos, calculou depressa o melhor modo de fazer a partilha; o moinho tocara a elle, o burro ao segundo e o gato ao mais moço. Acharam os outros irmãos mui bem feita e sensata tal partilha, de sorte que não deram dinheiro a ganhar aos advogados e aos juizes.

O mais moço, porém, considerando depois o caso com mais calma, não deixou de reconhecer que fôra um tanto prejudicado. “Um gato!” exclamou, “um gato! O que vou eu fazer com o gato! De que me serve elle! E’ verdade que o posso matar e aproveitar a pelle para fazer um barrete; mas para que diabo

quero eu o barrete, se tenho de correr por este mundo com os pés descalços, e o estomago vazio!” Ao ouvir estas palavras de descontentamento — pouco lisonjeiras para elle, o gato, em vez de zangar-se, dirigiu-se para o dono nestes termos : “Não vos afflijais, meu amo. Dai-me um sacco e um par de boas botas, com que eu possa andar pelas florestas e pelos campos, e vereis que não vos tocou o peor quinhão da herança”.

O filho do moleiro encolheu descrente os hombros, mas, lembrando-se de que o gato sempre dera provas de grande esperteza na caça dos ratos e camondongos, para o que recorria a toda sorte de ardis, pensou assim : “Homem, e d’ahi quem sabe? se a gente adivinhasse sempre tudo!...” E assim deu ao gato os objectos pedidos.

Calçou então o bichano as botas e poz o sacco a tiracollo, depois de lhe deitar dentro umas couves e nabiças, e partiu em direcção a um lugar onde os coelhos eram tantos, que parecia mesmo uma praga. Ahi chegado, deitou-se no meio do mato rasteiro, estirando o corpo como se morto estivesse, e poz-se á espera, a ver se um coelhosinho novo, ainda desconhecedor dos ardis e embustes desta terra, apparecia para saborear o engodo que lá no fundo do sacco estava mesmo a despertar o appetite dos incautos.

Muito tempo não teve que esperar com o corpo na posição forçada de morto, pois um coelhosinho, dos mais ingenuos, não tarda a entrar mui lampeiro pela abertura dessa sala de jantar de couves e nabijas, sem cogitar que podia não encontrar a porta de sahida. Mestre Gato, que de tolo não tem nada, aperta logo os cordeis do sacco, aperta o pescoço do bicho, á dentro, e... era uma vez um coelho.

Em seguida partiu, ufano da sua presa, em direitura ao castello do rei, e pediu que o conduzissem á presença de Sua Majestade. Conduziram-no, de facto, até ao aposento do rei, perante o qual se inclinou mui respeitosa-mente o Gato e assim falou:

“Saberá Vossa Majestade que meu amo e senhor o Barão de Nadatem, lhe envia, por intermédio deste seu leal servo, um excellente exemplar de coelho apanhado nas suas propriedades, e roga a Vossa Majestade se digne aceitá-lo como prova de suas respeitosa submissão!”

“Dize a teu senhor que eu lhe agradeço”, respondeu o rei.

Pouco tempo depois, o Gato deitou-se em um campo de trigo e apanhou com o seu sacco duas perdizes de uma só vez. Foi immediatamente leval-as o rei, a quem as offereceu em nome do seu amo, como já fizera com o coelho. O rei lhe agradeceu de novo e mandou dar

uma gorgeta ao portador. E assim durante alguns mezes continuou o Gato a trazer frequentemente ao rei a caça proveniente da rica floresta de que era proprietario o seu amo e senhor, e sempre como “prova de sua fidelidade e submissão!”

Um dia, estando informado de que o rei ia dar um passeio ao longo do rio em companhia da princeza, sua formosissima filha, foi o Gato de Botas ter com o amo e lhe disse: “Se quizerdes seguir o meu conselho, fareis hoje a vossa fortuna. Ide tomar banho no rio, no lugar que eu vos indicar, e deixa o resto ao meu cuidado”.

O Barão de Nadatem seguiu o consello do Gato, e nem sequer lhe pediu mais explicações. Estava dentro d’agua a banhar-se quando justamente apparece o rei, de passagem por ali. O Gato, mal o avistou, poz-se logo a gritar com todas as forças dos seus pulmões: “Socorro! Socorro! o meu senhor, o barão está se afogando!”

O rei, ouvindo os gritos, deitou a cabeça fóra da portinhola do carro e reconheceu o Gato que lhe havia levado tantos presentes. Mandou immediatamente parar e ordenou aos do seu sequito que fossem prestar soccorro ao barão que estava em perigo d’ morrer afogado. Enquanto estes tiravam o barão para fóra do rio, o Gato acercou-se d’ rei e disse-lhe:

“Majestade, os gatunos aproveitaram a occasião em que meu amo estava em perigo de vida para lhe roubarem toda a sua roupa, apesar de haver eu gritado com todas as minhas forças: “Pega ladrão!” Longe estava o rei de imaginar que o Gato lhe pregava uma grande mentira; a roupa, o patife bem a havia escondido lá atraz de um arbusto.

O rei ordenou immediatamente a um dos seus criados que fosse ligeiro ao palacio buscar um dos seus vestuarios mais ricos, para poder dal-o ao barão. E sendo a ordem fielmente executada, d’ahi a poucos momentos o senhor Barão de Nadatem se achava na presença do rei, enfiado no bello fato novo. Como a roupa lhe ficasse muito bem e sendo o barão, além disso, elegante de corpo e sympathico de rosto, cahiu logo nas graças da princeza e, quanto mais ella o fitava, mais ia gostando delle.

O rei offereceu-lhe lugar no seu carro e pediu que tomasse parte no passeio. O Gato, contentissimo por ver as cousas tão bem encaminhadas, dizia lá comsigo: “Ora muito bem, vai tudo ás mil maravilhas”. Apertou o passo e depois correu adiante da carruagem com tal velocidade que em poucos segundos a deixou a grande distancia atraz de si. Chegando a um extenso prado que estava sendo segado pelos camponezes, falou-lhes assim: “Boa gente que

segais, prestai bem atenção ao que ides ouvir: Se não disserdes ao rei que este prado pertence ao Barão de Nadatem, sereis cortados mais miudo do que carne para pasteis”. E proseguiu apressadamente o seu caminho.

O rei, quando chegou, perguntou aos lavradores quem era o dono daquelle bello prado. Todos responderam a uma voz: “Este prado pertence ao nosso amo, o senhor Barão de Nadatem”.

“Na verdade, senhor barão, tendes uma bella propriedade”, disse o rei.

“Sim, Majestade; um pedaço de terra que produz seu bocadinho bem soffrível”, confirmou o barão modestamente.

O Gato de Botas, já então muito adiante da carruagem do rei, encontrou novos camponezes que faziam a colheita em um campo. Dirigiu-lhes tambem um discurso edificante que concluia assim: “Se vós não disserdes ao rei, que não tarda a passar por aqui, se não lhe disserdes que todos esses campos de trigo pertencem ao mui nobre Barão de Nadatem, e que sempre lhe pertenceram, sereis cortados mais miudo do que carne para pasteis”. E continuou a correr.

O rei, ao chegar a esse lugar, reparou na soberba colheita e perguntou logo de quem eram todos aquelles cereaes. Responderam immediatamente os ceifadores em côro: “Todos

esses campos pertencem, e sempre pertenceram, ao nosso amo e senhor, o Barão de Nadatem”.

Então o rei tornou a dizer amabilidades ao barão, louvando a grandeza, a fertilidade e a belleza dos seus campos; este, em signal de modesta approvação, inclinava a cabeça e sorria.

O Gato, porém, correndo sempre na frente, dizia a mesma cousa a todos os que ia encontrando, e o rei cada vez mais admirado se mostrava da riqueza e da extensão das terras de que era proprietario o Barão de Nadatem.

Afinal o Gato chegou a um grande castello que pertencia a um feiticeiro muito mau e muito rico e que era tambem o verdadeiro dono das terras até então percorridas. O Gato tomou cuidadosamente informações, para saber quem era o tal feiticeiro e em que cousa consistia a sua arte sobrenatural, e em seguida pediu para ser admittido á sua presença. Recebido com bastante amabilidade, o Gato de Botas sentou-se e tomou a palavra: “Tenho ouvido dizer que Vossa Senhoria é capaz de se transformar em um animal qualquer, por exemplo: em elefante ou leão. Será verdade isso?”

“E tu duvidas?” exclamou irritado o feiticeiro, “ora vais ver já, que é para acabares de

acreditar”, e immediatamente se transformou em um leão.

O Gato teve tal susto, que pulou pela janella, e quiz fugir pelo telhado; mas, como estava de botas, não lhe foi facil andar em tal terreno e por pouco que não deu um trambolhão d’ali abaixo. Quando o feiticeiro retomou a fôrma humana, o Gato tornou a entrar pela janella e declarou que quasi morrera do susto. E accrescentou em seguida: “Tambem ouvi dizer que Vossa Senhoria é capaz de se transformar em animaes pequenos, como, por exemplo, um rato ou um camondongo. Devo confessar que acho isto inacreditavel e impossivel”.

“Impossivel!” exclamou o feiticeiro, “a palavra impossivel não existe para mim”. No mesmo instante transformou-se em um ratinho e começou a correr pelo quarto. O Gato deu então um pulo — e era um dia o ratinho e mais o feiticeiro.

Nesse interim o rei passava justamente a ponte levadiça para chegar ao castello cujo esplendor e belleza já de longe lhe haviam chamado a attenção. Ouvindo o Gato o rodar do carro, correu ao encontro do rei e deu-lhe as boas vindas ao castello de seu amo, o senhor Barão de Nadatem.

“O que, senhor barão, tambem este castello vos pertence?” exclamou o rei. “Não conhe-

ço eu nada mais lindo do que esta entrada, estas torres, estas escadarias e este pateo! Aqui haveis de consentir que eu pouse um momento, não é assim?

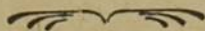
O barão deu então o braço á princeza e acompanhou o rei até um salão, em que o feitiçeiro havia mandado preparar um lauto banquete em honra de alguns amigos que esperava naquelle dia.

Estes, porém, vendo o carro do rei parado á porta do castello, não ousaram entrar e trataram de retirar-se.

O rei, enlevado pela pessoa do senhor Barão de Nadatem e pelas suas riquezas, não ficou descontente por ver a crescente affeição da filha ao barão. Pelo meio do jantar, depois de haver feito as honras aos excellentes vinhos, levantou-se e disse:

“Senhor barão, se quereis ser meu genro, não sei que obstaculo a isso se poderá oppôr”.

O Barão de Nadatem inclinou-se profundamente, aceitou, grato, o offerecimento e ainda nesse mesmo dia se casou com a princeza. — O Gato de Botas foi então eleváo ao alto cargo de primeiro ministro e se, de vez em quando, ia á caça de ratos e camondongos, só o fazia por passatempo e não por necessidade!





MANINHO E MANINHA



MANINHO chegou-se ao pé de maninha e disse-lhe: “Triste vida levamos nós desde que a nossa mãe é morta; a madrasta bate-nos todos os dias e, se chegamos para perto della esperando um carinho, enxota-nos para longe. De comer dá-nos as duras crostas de pão que ficam de resto; ao cachorrinho de baixo da mesa atira bocados melhores do que isso. Deus não me castigue, mas se a nossa mãe soubesse!... Vamos, vamos embora para longe, bem longe”. E os dois partiram e caminharam o dia inteiro, atravessando prados, campos e pedras, e, começando a chover, disse a maninha: “Choramos nós e chora Nosso Senhor lá no céu”. Ao anoitecer tinham chegado até uma grande floresta, e tão cansados pela jornada, como exhaustos pela fome estavam, que se deitaram ao pé de uma grossa arvore e adormeceram.

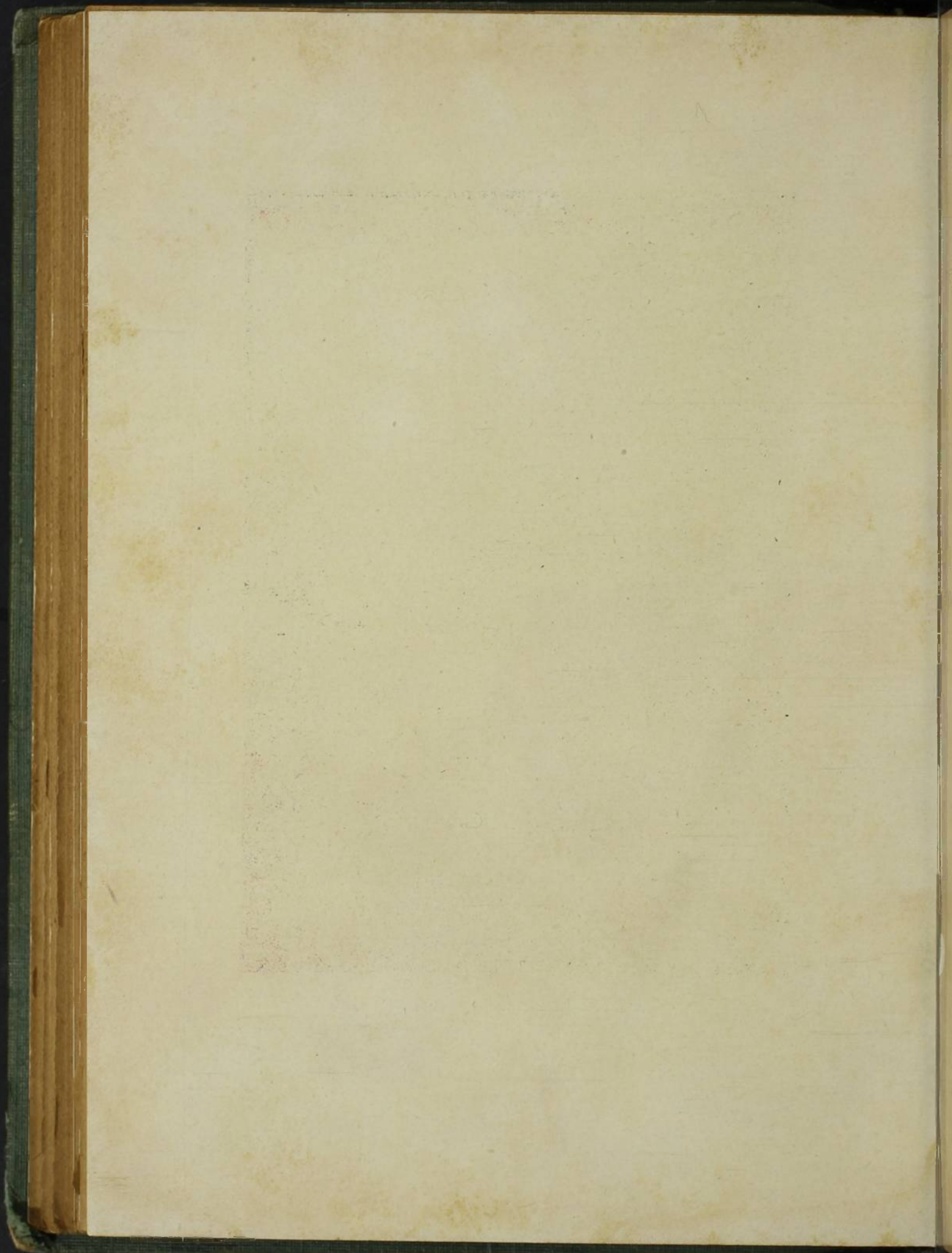
No dia seguinte, quando acordaram, estava o sol já alto e os seus raios dardejavam ardentes no pousio das duas crianças. Disse então maninho: “Tenho sêde, maninha; se eu visse por ahí um regato, iria beber; ah! se não me engano, ouço murmurar um aqui perto”. Maninho levantou-se, pegou na mão de maninha e poz-se a andar com ella á procura da torrente. Mas a madrasta era uma bruxa, vira as crianças partirem e as acompanhara sorratamente, como fazem todas as bruxas, e tinha posto feitiço em todas as fontes da floresta. Descobriram as crianças de facto um regato a serpear pelos seixos, e o maninho quiz ir matar a sêde; a maninha, porém, reparou que o regato murmurava estas palavras: “Quem de mim beber, fica virado em tigre”. Então a maninha exclamou: “Maninho, meu maninho, não bebas dessa agua, que te viras em fera e me despedaças”. Apesar de muito sedento, o maninho não bebeu e disse: “Esperarei até chegarmos a outro regato”. Ao chegarem ao segundo regato, ouviu a maninha que elle murmurava: “Quem de mim beber, fica virado em lobo”. Exclamou então a maninha: “Maninho, meu maninho, não bebas dessa agua, que te viras em lobo e me devoras”. O maninho não bebeu e disse: “Esperarei até chegarmos a outro regato, mas então hei de beber, ainda que não queiras; senão a sêde me mata”.

E quando chegaram á terceira torrente, ouviu a maninha que ella murmurava: “Quem de mim beber, vira-se em veado”. A maninha disse então: “Maninho, meu maninho, não bebas dessa agua, que te viras em veado e me foges”. Mas o maninho abaixou-se e bebeu, e assim que as primeiras gotas d’agua molharam os seus labios, virou-se em veadinho.

A maninha, quando viu o irmão assim mudado, chorou e o veadinho chorou tambem e ficou ao lado della. Afinal disse a menina: “Socega, meu veadinho; eu nunca te abandonarei. Depois tirou a liga de ouro da meia, fez uma colleira para o animalzinho, apanhou um cipó no mato, amarrou-o á colleira e, segurando na outra ponta do cipó, foi guiando o veadinho pelo mato. E assim andaram, andaram até encontrarem uma pequena casa. A menina espiou dentro da casinha e, vendo que estava vasia, entendeu que ahi devia morar com o veadinho. Procurou folhas e musgo e arranjou uma cama para elle. De manhan foi procurar comida e trouxe raizes e frutas para si, e herva macia para o veadinho. E assim fez nas manhans seguintes e o animal vinha-lhe comer da mão e brincava com ella. De noite, quando estava cansada, a menina rezava e depois deitava a cabeça sobre as costas do veadinho e adormecia.

Durou essa vida algum tempo, até que um





dia veio áquella floresta o rei fazer uma grande caçada. Ouvindo as buzinas de caça, o latido dos cães e a alegre gritaria dos caçadores, o veadinho quiz partir para a caçada tambem. “Oh! deixa-me, deixa-me ir”, disse elle para a maninha; “que não me posso mais conter”. E a menina não teve remedio senão deixal-o partir. “Mas volta-me ao anoitecer”, disse ella; “se vierem os caçadores, não lhes abrirei a porta, e para que eu te reconheça, baterás dizendo: “Maninha, deixa-me entrar. E se não disseres estas palavras, não abrirei a porta”. Sahiu o veadinho e poz-se a correr pelo mato. O rei e os seus caçadores viram o bellissimo animal e trataram de o perseguir, mas nunca puderam alcançal-o. Começando a escurecer, o veadinho correu para a casa, bateu á porta e disse: “Maninha, deixa-me entrar”. A porta abriu-se, elle entrou e repousou a noite inteira no seu leito macio.

No dia seguinte recommçou a caçada e ouvindo o veadinho o som da buzina e a grita dos caçadores, disse para a irman: “Maninha, abre-me a porta, preciso partir”. A menina abriu a porta e observou: “Mas ao anoitecer estarás de volta e não te esqueças das palavras que te ensinei”. Assim que o rei e os seus caçadores tornaram a ver o veadinho com a colleira de ouro, puzeram-se logo a perseguil-o, mas foi tempo perdido, porque o ani-

mal era de uma velocidade e agilidade extraordinarias. Durou isso o dia todo, até que por fim, ao anoitecer, os caçadores conseguiram cercal-o e um delles feriu-o levemente no pé, de sorte que elle ficou um pouco manco e fugiu para a casa, não já com a mesma facilidade da vespera. O tal caçador, que o tinha acompanhado, ouviu o veadinho dizer: “Maninha, deixa-me entrar”, reparou que a porta se abriu e tornou a fechar-se. Voltando para junto do rei, o caçador contou-lhe o estranho caso. O rei respondeu: “Bem, ordeno nova caçada para amanha”.

Ficou assustada a maninha quando viu o veadinho entrar ferido. Lavou o ferimento, pozervas em cima e disse: “Vai deitar-te, meu veadinho, para ficares curado”. O ferimento não era de importancia, tanto que o veadinho não tinha mais nada no dia seguinte e quando ouviu de novo o alarido da caça, falou assim: “Não posso ficar aqui, preciso ir; e não me hão de pegar”. A maninha principiou a chorar e respondeu: “Desta vez matam-te; não te deixo sahir”. “Então morrerrei de pesar diante de teus olhos, se me prenderes aqui”, tornou o veadinho; “quando ouço a buzina da caça, sinto-me impellido para longe e é impossivel ficar parado”. Não teve a irman outro remedio senão abrir a porta e deixar sahir o veadinho que sahiu saltando e cor-

rendo pela floresta. O rei ao avistal-o disse para os caçadores: “Persegui-o todo o dia até ao cahir da noite, mas não lhe façais mal. Ao escurecer disse o rei para o tal caçador: “Agora vem mostrar-me a casa onde viste hontem entrar o veado”. Chegando diante da porta, o rei bateu e proferiu as palavras: “Maninha, deixa-me entrar”. A porta abriu-se, elle entrou e viu na sua frente uma menina de rara formosura. Assustou-se a menina quando viu, em vez do veadinho, um homem com uma corôa na cabeça. Mas o rei mostrou-se affavel, estendeu-lhe a mão, e perguntou: “Queres ir commigo ao meu castello e ser minha querida esposa?” “Quero”, respondeu a menina, “contanto que traga em minha companhia o veadinho, que eu não abandono nunca”. Disse então o rei: “Será cumprido o teu desejo”. Neste momento entrou o veadinho e a menina amarrou-o á corda de cipó e, segurando na outra ponta, deixou a casa levando o veadinho consigo.

O rei conduziu a bella menina para o seu castello, onde se realisou o casamento com desusado esplendor, e ella ficou sendo rainha e viveu muito feliz. O veadinho era tratado muito bem e passeava solto no parque do castello.

A madrasta não mais se havia inquietado com a sorte das crianças; abandonara-as na

crença de que maninha seria devorada pelas feras e maninho, transformado em veado, seria morto pelos caçadores. Quando lhe contaram que elles se achavam no castello e eram felizes, ficou com tanta inveja e raiva que formou o designio de desgraçal-os, custasse o que custasse. A filha verdadeira, feia como uma coruja, e cega de uma vista, poz-se a esbravejar e disse: “Eu, sim, eu é que devia ser a rainha”. “Accommoda-te”, respondeu a velha, “não está longe a occasião em que tudo se arranjará”.

Eis que um dia a rainha teve um filhinho, justamente quando o rei se achava ausente a caçar. Tomou então a velha bruxa as fórmulas de criada, entrou no quarto da rainha e disse: “Vinde tomar o banho depressa, que vos fará bem, vinde antes que a agua esfrie. Com o auxilio da filha, que tambem lá estava, levou a rainha para o quarto de banho. Depois as duas retiraram-se fechando a porta atraz de si. Haviam ateado no quarto de banho um fogo tão forte que a bella e joven rainha devia morrer suffocada.

Isto feito, a velha collocou uma touca na cabeça da filha, e fel-a deitar-se na cama no lugar da rainha. Conseguiu mesmo pela feitiçaria dar-lhe o aspecto da rainha, com excepção, porém, da vista cega, que se conservou exactamente como antes; e, para que o rei nada

percebesse, mandou-a deitar-se do lado em que a vista lhe faltava. O rei, ao voltar de noite, sendo informado de que lhe nascera um filho, ficou muito contente e quiz ver a sua querida esposa. Mas a velha exclamou logo: “Não façais tal; não convém abrir o cortinado da cama, porque a claridade faz mal á rainha, além de que ella precisa de descanso. Retirou-se então o rei sem saber que no leito estava deitada uma rainha falsa.

Pela volta da meia-noite, quando tudo dormia, a ama, que tomava conta da criança num quarto separado, viu a porta abrir-se e entrar a rainha verdadeira. Esta tirou a criança do berço, tomou-a nos braços e deu-lhe de mamar. Depois arranjou a caminha, sacudiu a almofada, tornou a deitar o filhinho e cobriu-o com a sua pequena coberta. Tambem não se esqueceu do veadinho, que estava deitado num canto e affagou-o alisando-lhe o pello. Depois retirou-se sem falar, e a ama na manhan seguinte perguntou aos guardas se haviam visto entrar alguem no castello durante a noite; mas os guardas responderam: “Não vimos ninguém”. Assim continuou a mãe a apparecer, muitas outras noites sem jamais pronunciar uma só palavra; a ama viu-a todas as vezes, mas não se atreveu a contar o caso a alguem.

Passado algum tempo, a rainha, quando appareceu de noite, principiou a falar, fazendo

esta pergunta: “Que faz meu filhinho? Que faz meu veado. Duas vezes voltarei, e depois nunca mais”. A ama nada respondeu, mas quando a rainha se retirou, ella foi ter com o rei e contou-lhe tudo. Disse então o rei: “Santo Deus! O que será isso! Hoje de noite ficarei eu junto da criança”. Effectivamente assim fez; pela meia-noite tornou a apparecer a rainha e perguntou: “Que faz meu filhinho? Que faz meu veado? Uma vez voltarei, e depois nunca mais”. E antes de retirar-se tratou da criança como de costume. O rei não se atreveu a dirigir-lhe a palavra; mas quando na noite immediata ella de novo perguntou: “Que faz meu filhinho? Que faz meu veado? Voltei hoje, e agora nunca mais”; o rei não se pôde conter, correu ao encontro della e disse: “Tu não és outra senão a minha querida mulher”. Ao que ella respondeu: “Sou, sim, a tua querida mulher”. E no mesmo momento voltou-lhe a vida ella contou ao rei o crime commettido pela bruxa e pela filha. Essas duas foram depois processadas e condemnadas: a filha foi levada para a floresta, onde a dilaceraram as feras, e a bruxa foi queimada viva. Quando as chamas acabavam de a consumir, o veado retomou a fórma humana, e maninho e maninha viveram felizes até o fim da vida.



OS QUATRO MUSICOS



POSSUIA um trabalhador do campo um burro que, por muito tempo, lhe prestou os melhores serviços.

Entrando, porém, em annos, o animal começou a cançar. O dono, percebendo que elle não tardaria a tornar-se imprestavel para o trabalho, entendeu tambem dever reduzir-lhe pouco a pouco a ração até supprimil-a de todo. O burro, que percebeu a manobra, disfarçou a principio; mas um bello dia, depois de reflectir maduramente, e convencer-se de que o mais acertado seria abandonar semelhante amo, disparou e partiu em direitura para a cidade. “Lá ao menos poderei exhibir as minhas habilidades musicas”, dizia de si para si o orelhudo.

Em caminho encontrou, descançando á sombra de uma arvore, um cão de caça que, com a lingua de fóra, respirava apressada e

ruidosamente, como se tivesse acabado de correr muito.

“O que é que te produziu tamanha canceira?” perguntou o burro.

“Pudera”, respondeu o cão, “se o meu dono deu ordem aos criados que me amollecassem os miolos com um tiro, lá porque já não posso fazer brilhaturas nas caçadas! Tu bem comprehendes que, por muito bom corredor que seja um cão na sua mocidade, é virem os annos e lá se vão as forças. Mas, seja como fôr, eu é que não estou disposto a morrer já; por isso tratei de dar sebo nas canelas e aqui me vêes agora, mais morto que vivo. O peor é que nem mesmo sei como ganhar a vida d’ora avante”.

“Pois anda d’ahi”, disse o burro; “vou seguir a rendosa carreira de musico na cidade; faze tu outro tanto, vem commigo”.

O cão aceitou, e os dois continuaram juntos a jornada. Mais adiante toparam com um gato sentado na beira da estrada, carrancudo e truculento como se medonha calamidade lhe houvera succedido.

“Que mal te fizeram, para estares ahi com a cara tão amarrada?” interrogou o burro.

“Estivesses tu na minha pelle, não te havias de rir tão pouco”, respondeu o gato. “Maldita dona! antigamente me acariciava a todo o momento; hoje, que já não tenho os dentes

afiados e sinto mais necessidade de me aquecer atraz do fogão do que de andar á caça dos ratos, vai ella e manda-me afogar pelo chacareiro. Por felicidade minha ainda consegui pôr-me ao fresco a tempo. Mas agora o que fazer? Para onde ir?”

“Vem d’ahi comnosco para a cidade, tu entendes de musica nocturna, por conseguinte tambem te podes fazer musico”. O gato concordou e partiu com elles.

Foram andando, foram andando, até chegarem ao pé de um pateo; no portão estava empoleirado um gallo a gritar com todas as forças dos seus pulmões. “Os teus gritos agudos penetram até a medula dos ossos de quem te ouve” — disse o burro, “que significará isso, amigo gallo?” “Prophetisei bom tempo”, respondeu o outro: “o que é um regalo para minha dona, porque lavou uma porção de roupa e quer vel-a enxuta o mais depressa possivel; mas como amanha é domingo e aqui se esperam visitas, a minha dona, apesar de tudo, não tem dó nem piedade de mim; tanto que disse á cozinheira que me queria amanha na panela, e que me cortasse a cabeça hoje mesmo, á noite. A’ vista disso grito com todas as minhas forças emquanto ainda puder gritar”. “Ora deixa-te disso!” disse então o burro; “vem antes comnosco até a cidade; cousa melhor do que a morte encontrarás em toda a

parte; tens uma voz bellissima, e se nós quatro reunidos dermos concertos lá na cidade, ha de ser um successo nunca visto”.

A proposta agradou immenso ao gallo, que sem mais detença acompanhou os outros musicos na viagem.

Em um dia, porém, não era possivel attingirem a cidade, e, ao escurecer, chegaram a uma floresta, na qual resolveram pernoitar. O burro e o cão deitaram-se debaixo de uma grande arvore; o gato e o gallo treparam pelo tronco acima, indo este collocar-se bem no alto, onde julgava estar mais seguro.

Postado como sentinella lá no tope, o gallo, antes de entregar-se ao somno, olhou ainda em torno de si em todas as direcções para ter idéa da região em que se achavam. Lobrigando lá ao longe uma pequena luz, disse para os companheiros que acreditava que perto existia alguma casa, pois estava a enxergar uma luz. Disse então o burro: “Se assim é, vamos levantar acampamento, porque este albergue aqui é muito reles”. E o cão accrescentou: “E’, sim, e uns ossos com uns restos de carne haviam de me fazer bem”. Dirigiram-se então para o lugar onde bruxoleava a tal luz. Effectivamente, o clarão foi augmentando cada vez mais e por fim elles se acharam em frente de uma casa de ladrões, bem illuminada. O burro, sendo o mais alto, aproximou-se da janela e espiou

para dentro. “O que vês tu, oh russo?” perguntou o cão. “O que vejo?” replicou o burro, “uma mesa coberta das melhores iguarias e bebidas e, em torno della, grande numero de ladrões que se banqueteiavam”.

“Ahi está exactamente o que nos convinha”, disse o gallo. “E’ verdade, quem nos dera estarmos nós lá dentro!” continuou o burro suspirando.

Reuniram-se então os animaes em conferencia e discutiram o modo pelo qual haviam de afugentar os ladrões, e finalmente descobriram um meio. O burro devia collocar-se com as patas dianteiras sobre o peitoril da janella; o cão ficaria ás costas do burro, o gato em cima do cão e em ultimo lugar o gallo devia ir pousar na cabeça do gato. Assim fizeram e, a um signal dado, começaram a executar uma musica infernal. O burro zurrava, o cão ladrava, o gato miava e o gallo cantava; em seguida todos se precipitaram a uma na sala, partindo as vidraças, que cahiram tilintando ao chão. Foi um estardalhaço medonho. Os ladrões, ao ouvirem tal barulho, levantaram-se precipitadamente da mesa, julgando que eram nada menos que almas do outro mundo que acabavam de entrar pela janella, e fugiram espavoridos para o mato.

Então os quatro companheiros sentaram-se á mesa contentando-se com o que ainda res-

tava, e fartando-se como se tivessem de abastecer a barriga para as quatro semanas seguintes.

Terminada a lauta refeição, os quatro musicos trataram de apagar a luz e foram procurar onde dormir, cada qual segundo a sua natureza e commodidade. O burro deitou-se no monturo de estrume; o cão, atraz da porta; o gato foi-se deitar no fogão ao lado da cinza quente, e o gallo trepou numa viga. Dominados pelas fadigas da longa viagem, não tardaram a adormecer.

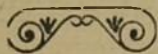
Passada a meia noite e vendo os ladrões que na casa não havia mais luz e que tudo parecia estar quieto, disse o chefe da quadrilha: “Andámos mal em nos deixarmos escurraçar daquella maneira”, e mandou um dos seus homens revistar a casa.

Este, encontrando a casa no mais profundo socego, entrou na cozinha, quiz acender a luz e sacou de um phosphoro; como tomasse por brasas os olhos reluzentes do gato, chegou-lhes o phosphoro para inflammal-o. O gato, porém, não estava para graças, atirou-se á cara do sujeito, bufou e arranhou-o a valer. O ladrão, amedrontado, poz-se a correr para sahir pela porta dos fundos; mas o cão, que lá estava deitado, pulou em cima d'elle e mordeu-o na perna; e, na occasião em que elle passava pelo deposito do estrume, o burro arrumou-

lhe ainda um forte couce que o poz a tinir. O gallo, que despertara com o rumor, gritou do alto da viga: “Kikiriki!”

O ladrão então deu ás de villa-diogo e, chegando á presença do chefe da quadrilha, assim falou: “Ah meu capitão! nunca mais me apanham naquella casa; apenas entrei, uma bruxa horrorosa avança para mim e crava-me as unhas na cara; junto á porta, esbarro com um sujeito que me enterra a faca na perna; no pateo, dou com um monstro escuro com ares de lobishomem, deitado no chão; apenas me viu, cresceu para mim e vibrou-me uma cacetada que me fez enxergar o sol á meia-noite; do alto do telhado, finalmente, ouvi o juiz gritar bem distinctamente: “Traga-me o patife para aqui!” Já se vê que não esperei pelo resto e tratei de fugir.

Desde então os ladrões nunca mais se atreveram nem sequer a aproximar-se da casa; aos quatro musicos, porém, tanto ella agradou que se puzeram bem á vontade e lá fixaram a sua residencia sem jámais serem inquietados





O RAMO DE VIOLETAS



ERTO negociante tinha tres filhas e queria-lhes muito bem.

Tendo de emprehender uma viagem, perguntou-lhes o que desejavam que trouxesse a cada uma como lembrança.

A mais velha pediu um vestido de seda, a segunda um collar de perolas e a terceira quiz apenas um ramo de violetas.

Riram-se da mais nova as outras duas irmans; porque, sendo então a bella estação das flores, violeta era cousa que se encontrava em qualquer parte. A menina, porém, não se deixou abalar pelas observações das irmans e ficou firme no seu pedido.

Beijou o pai as tres filhas e despediu-se, promettendo estar de volta dentro de mez e meio.

Passaram-se, porém, seis semanas, e o pai

ainda não tinha chegado. O navio que o levara para atravessar os mares, havia desgarrado da sua rota, impellido por ventos contrarios e temporaes. E nisso passou-se a primavera, veio o verão, depois o outono e, quando o navio tornava da longa viagem, era já pleno inverno. Em vespuras de recolher-se ao lar, o negociante tratou de obter os objectos que as filhas lhe haviam pedido. Comprou um vestido de seda para a mais velha, um lindo collar de perolas para a segunda; mas as violetas para a filhinha mais nova, em parte nenhuma poude encontrar.

Cobria a neve campos e jardins; asperrimo vento soprava pelos galhos desnudados das arvores, e as pessoas a quem o negociante manifestava desejos de obter violetas nessa época, riam-se e achavam a idéa summamente extravagante. E, no emtanto, razões tinha esse homem para insistir e procurar as flores: doloroso seria o tornar a ver a filhinha, justamente a sua predilecta, sem lhe trazer a lembrança pedida.

Triste e pesaroso cavalgava elle já caminho de casa, quando avistou do lado esquerdo da estrada uma casinhola branca com um jardimzinho na frente. Ahi, arvores e arbustos erguiam-se hirtos e sem folhagem como nos outros lugares; mas no centro do jardim havia um pequeno trecho onde verdejava a relva e,

no meio dessa relva, via-se uma quantidade enorme de cheirosas violetas. Radiante de alegria, o negociante fez parar o animal, desmontou, amarrou-o a uma arvore e entrou na casinhola branca. Lá dentro encontrou sentado sobre uma grande almofada encarnada um anão horrendo, de olhos esbugalhados e nariz medonho. O anão, ao ver tão inesperada visita, exclamou zangado: “Que vens tu fazer aqui?”

“Perdão!” disse o negociante, “se me quizerdes ceder um raminho de violetas para minha filhinha mais nova, pagarei de boa vontade o preço que exigirdes”. O anão meneou a cabeça resmungando; mas o negociante insistiu na sua supplica, até que por fim o monstrengo lhe respondeu assim: “Duas cousas ha pelas quaes te posso satisfazer o pedido. Dinheiro e valores que representem dinheiro não me servem; agora, se tu estiveres disposto a me dar uma de tuas filhas por mulher ou um anno de tua vida, terás as violetas”.

O negociante reflectiu um momento e disse depois: “Filha não posso dar nenhuma, mas ficará sendo teu o ultimo anno de minha vida; dá-me agora as violetas”. Levantou-se então o anão, encaminhou-se com as pernas tortas para o jardim, colheu um ramo de cheirosas violetas e falou:

“Para que saibas quando se extingue o prazo de tua vida, terás um signal por estas flo-

res: oito dias antes de começar o ultimo anno da tua vida, as violetas, então seccas, hão de readquirir o seu frescor primitivo. Recommenda pois lá á tua menina que as guarde bem guardadas”.

O negociante tornou a montar e, alegre e satisfeito, tratou de partir para casa, porque estava com muita saudade das filhas. Ellas o receberam muito contentes e, quando o pai fez a distribuição dos presentes, a alegria chegou ao auge; nenhuma, porém, ficou mais satisfeita do que a caçula, a qual tanto agradeceu e tão amorosa se mostrou, que o pai deu por duplamente bem empregado o sacrificio que fizera, trocando um anno de existencia pelas violetas.

Passados uns seis mezes depois da festiva chegada do negociante ao seu lar, entrou certa manhan a filha mais moça, muito sobresaltada e quasi sem poder tomar respiração, e contou ao pai que as violetas que elle lhe tinha trazido e as quaes, tendo ficado murchas, ella havia guardado na sua caixinha de joias, da noite para o dia tinham readquirido milagrosamente a belleza e o frescor de outrora. Trazia-as na mão e, de facto, estavam viçosas e exhalavam perfume como se acabassem de ser colhidas no jardim.

Um susto terrivel se apoderou do negociante, que ficou branco como cêra, e as lagri-

mas lhe brotaram dos olhos; tinha agora a certeza de que em oito dias terminava a sua vida.

A menina comprehendeu logo que alguma forte angustia lhe opprimia o peito, e pediu e supplicou que dissesse a causa de tamanha afflicção. Mas o pai não quiz confessar. Só no terceiro dia, não podendo mais resistir ás supplicas da filha, decidiu-se a narrar tudo o que lhe occorrera quando regressava da viagem.

A menina quasi morre de susto e de dor ao ouvir que foi por causa de um pedido della que o pai fez sacrificio do derradeiro anno de vida. Logo, porém, ella tomou uma resolução; beijou o pai sem proferir palavra e retirou-se. Em todo o silencio preparou então uma cestinha, encheu-a de pão e frutas, e sahiu da casa ás escondidas. Sem receio de nada, a boa menina partiu sósinha pelo caminho que o pai lhe descrevera ao narrar a triste historia da volta; a sua preocupação unica era chegar ainda a tempo ao termo da sua viagem. Finalmente, tendo caminhado tres longos dias, avistou ella a pequena casa branca com o jardim na frente, o qual, agora, em pleno verão, floria e verdejava em todo o esplendor. Sem receio algum, a menina entrou, com alegria no coração por haver acertado com a casa. O feio anão lá estava sentado no mesmo lugar e resmungou as mesmas palavras: “Que vens tu fazer aqui?”

“Caro senhor”, disse ella com bons modos, “ha seis mezes vós obtivestes de meu pai um anno de vida em troca de um ramo de violetas. Disseste-lhe tambem naquella occasião que dispensarieis esse anno de existencia, se recebesseis uma das suas filhas como mulher. Eu sou a filha mais nova, por amor de quem meu pai aceitou o ramo de violetas, e venho hoje pedir-vos que me tomeis como vossa mulher, restituindo a meu pai o anno de existencia. Para provar que sou eu propria essa menina, trago aqui as violetas”.

O anão tomou as flores, examinou-as bem e reconheceu que eram as taes. Tornou a dar-lh’as, dizendo em tom de agastado:

“Pois bem; se estás disposta a ficar aqui os dois dias que restam para expirar o prazo a teu pai concedido, de sorte que eu possa ver que és docil e sabes trabalhar, concordarei”.

A dedicada filha beijou agradecida as rudes mãos do monstrengo; repugnava-lhe fazel-o, mas era grande allivio o que sentia, certa de que o pai já não morreria por causa della.

Os dias de provação começaram logo. Foi a menina fazer toda a limpeza da casa e preparar para o anão os acepipes mais gostosos; elle, porém, nada lhe deu de comer e, quanto á cama para passar a noite, indicou-lhe um feixe de palha. Pela manhan chamou-a para que viesse pentear-lhe os cabellos desgrenha-

dos e hediondos, e durante o dia, se dos serviços da casa sobrava algum momento, obrigava-a a ir ao jardim apanhar as petalas que se haviam desprendido das flores; porque o anão só queria dormir em leito atapetado de flores. E ella a trabalhar sem descansar um só instante, e o demonio do anão a ralhar e a rosnar o dia inteiro, não achando nada direito, por mais que a boa menina fizesse. Esta, porém, soffria tudo com a maior resignação, lembrando-se unicamente do pai extremoso que não hesitara sacrificar uma parte da sua vida só para não ver a filha privada de um contentamento.

No terceiro dia, pela manhan, encaminhou-se humilde para o anão e disse: “Se achastes que fiz o meu dever nesses dias em que me puzestes á prova, cumpri a vossa palavra: hoje á noite expira o prazo da vida de meu pai, e eu faço a promessa sagrada de ser vossa esposa obediente durante toda a minha vida”.

“Está dito!” respondeu o anão, sem todavia mostrar-se mais affavel do que dantes. “Aproxima-te e dá-me um beijo, que és minha mulher desde já”. A pobre menina curvou-se e beijou o repellente anão.

No mesmo instante transformou-se aquelle ente disforme em um bello e alto mancebo, que abraçou a menina e a apertou ao peito, agradecendo-lhe por havel-o libertado daquelle en-

canto em que tantos annos vivera. Referiu então que era filho de um grande feiticeiro que, por um acto qualquer de desobediencia, o havia transformado em anão, e, como condição para fazer desapparecer tal encanto, impuzera que só o beijo dado alegre e espontaneamente por uma donzella lhe poderia restituir a primitiva fôrma humana.

O velho feiticeiro bastas vezes se arrepen-dera mais tarde, mas elle proprio não podia desfazer a sentença, e até então todas as donzellas haviam fugido espavoridas, sempre que se lhes falava em beijar o hediondo anão.

Estava agora sanado todo o mal, e o man- cebo e a menina partiram para a casa do nego- ciante. O dia que devia ser o derradeiro da vida do carinhoso pai, passara-o elle abatido e afflicto, tanto mais que a idolatrada filha havia desapparecido; mas, ao cahir da tarde, desannuviou-se-lhe a fronte e indescriptivel alegria voltou ao coração paterno, quando, em rica carruagem, viu chegar a filha em compa- nhia do seu noivo.

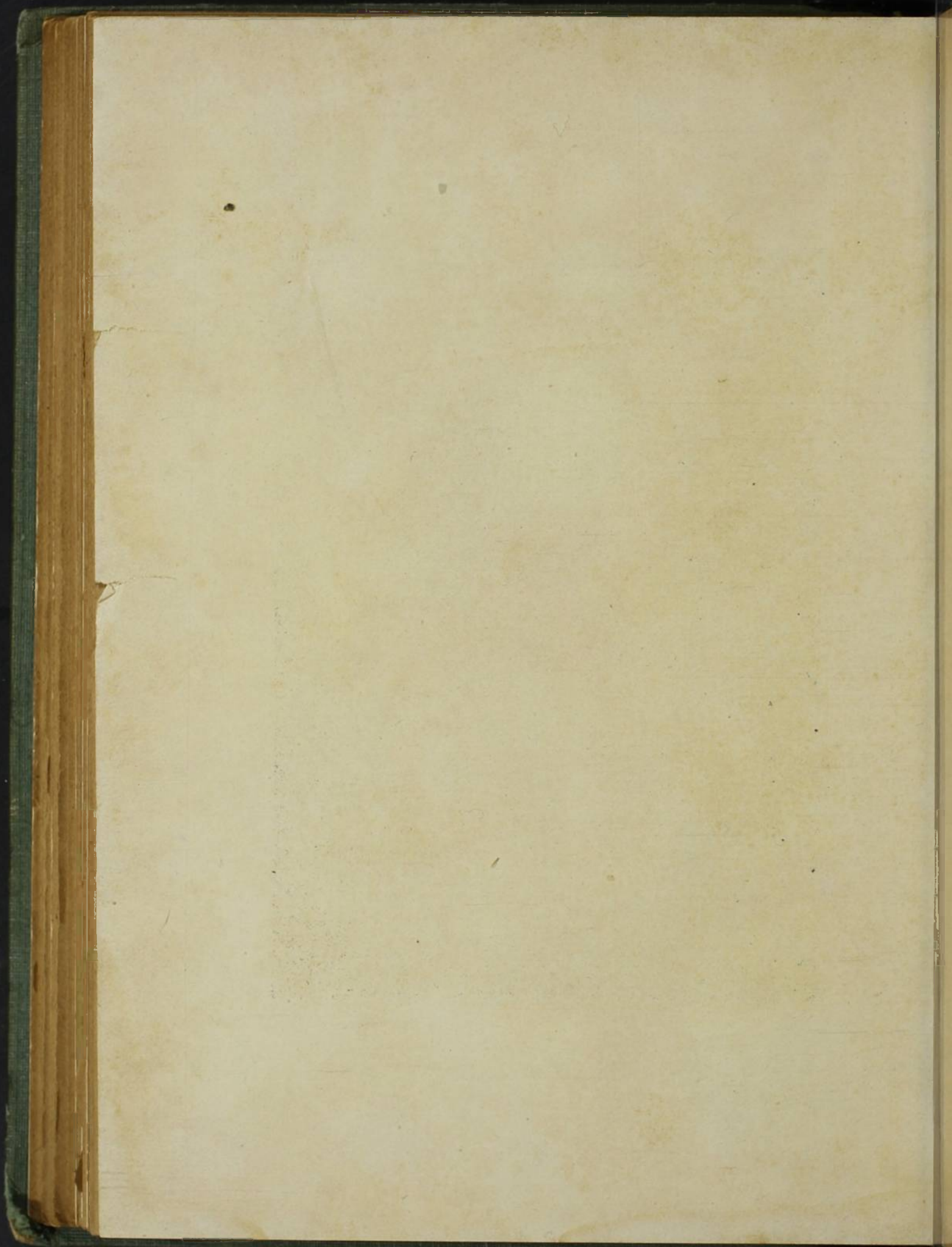
Estavam narrando uns aos outros os su- ccessos dos ultimos dias, eis que appareceu de repente no meio delles o velho feiticeiro e abraçou contente o filho ora livre do encanto. E, para agradecer á menina a felicidade que lhe tornara, empregou as suas artes magicas e conseguiu que a vida do negociante, em vez

de terminar um anno depois, se prolongasse por muitos e muitos annos.

O ramo de violetas trouxe-o a filha ao peito no dia do casamento, estimando-o mais do que a mais preciosa joia. Estavam viçosas as flores e exhalavam doce aroma e assim se conservaram sem nunca fenecerem.









HENRIQUINHO E JOANNINHA



M pobre lenhador vivia em circunstancias mui precarias. Ganhava tão pouco, que mal chegava para matar a fome á mulher e aos dois filhos, Henriquinho e Joanninha. A miseria, porém, chegou ao auge quando o lenhador foi atacado de uma enfermidade que o privou de trabalhar. De noite não pode dormir, tão preocupado estava com a sorte da familia. Disse-lhe então a mulher: “Escuta o meu conselho: leva as crianças amanha de madrugada para o mato, bem longe, retira-te deixando-as lá; bem vês que não podemos continuar a sustental-as”. “Não, mulher”, respondeu elle, “seria preciso ter um coração de pedra para deixar meus proprios filhos á mercê das feras”. “Pois, se assim não quizeres”, lhe tornou a mulher, “morreremos todos de fome”. E tanto ella insistiu, que o marido acabou por aceitar o seu conselho.

Essa conversa foi ouvida no quarto ao pé pelas crianças, a quem a fome não deixara dormir tão pouco. Joanninha disse baixinho: “Meu Deus, estou aqui, estou morta”, e poz-se a chorar. Henriquinho, porém, consolou-a com estas palavras: “Não te afflijas, Joanninha; eu sei um meio de nos livrarmos da desgraça”. Dizendo isto, levantou-se, vestiu o paletó, abriu devagar a porta dos fundos e sahiu. Estava alta a lua e os brancos seixos do terreiro luziam como moedas de prata. Henriquinho agachou-se, encheu bem os bolsos de pedras e tornou para casa. “Dorme sem susto, Joanninha”, disse ao entrar, “está tudo arranjado”. E, dando o exemplo, deitou-se e adormeceu.

Mal clareava o dia, eis que a mãe veio acordar as crianças: “Levantem-se, meus filhos; andem depressa; temos que ir ao mato apanhar lenha. Aqui trago um pedaço de pão para cada um, mas guardem para mais tarde, lá para o meio-dia, quando a fome apertar”. Joanninha guardou os dois pedaços de pão no avental, porque Henriquinho tinha os bolsos cheios de pedrinhas. Quando caminhavam para o mato, Henriquinho parava de vez em quando e olhava para traz. O pai observou: “Henriquinho, que estás a parar sempre e a olhar para traz; anda d’ahi, avia-te”. — “Ah, meu pai, olho para o meu gatinho branco em cima do telhado, parece que me está dizendo adeus”.

Respondeu-lhe a mãe: “Não sejas tolo, rapaz; aquillo é o reflexo do sol”. Mas o menino não olhava para o gatinho, virava-se de tempos a tempos para atirar um dos seixos que trazia no bolso.

Quando se acharam bem no meio do mato, disse o pai: “Vão vocês procurar lenha, que eu vou accender fogo para nos aquecermos”. As crianças trouxeram uma porção de gravetos. Accessa a fogueira, disse a mãe: “Agora, meus filhos, deitem-se junto ao fogo e durmam enquanto vamos cortar lenha grossa. Esperem até voltarmos”.

Sentaram-se Henriquinho e Joanninha junto ao fogo e pela volta do meio-dia comeram o pão que haviam trazido; cuidavam que o pai estava ainda a cortar lenha, porque ouviam pancadas como de machado a bater em tronco de arvore. Era um galho amarrado de proposito ao pé de uma arvore e que o vento agitava para cá e para lá. Começando a escurecer, Joanninha poz-se a chorar, mas Henriquinho consolou-a dizendo: “Espera ainda um pouco até sahir a lua”. E quando a lua appareceu, elle pegou Joanninha pela mão para partir. Effectivamente lá estavam os seixos a luzir como moedas de prata e a indicar o caminho. Andaram as crianças a noite inteira e vinha raiando o dia quando chegaram á casa paterna. Com o coração cheio de alegria rece-

beu-os o pai; a mãe fingiu que estava também muito contente.

Porém não tardou a haver falta de pão na casa, e Henriquinho e Joanninha ouviram de noite a mãe dizer ao pai: “Outro dia as crianças acertaram com o caminho para casa, e eu não me importei; mas agora estamos reduzidos á metade de um pão; trata portanto de internar amanhã os meninos bem na floresta, de sorte que não tornem a dar com o caminho; do contrario nós estamos perdidos”. Doía ao pai recorrer a tal extremo e elle ponderou: “Em todo o caso é sempre melhor dividir com os filhos o derradeiro bocado”. Mas teve de consentir na proposta da mulher, pois que também consentira a primeira vez. As crianças ouviram a conversa e Henriquinho levantou-se para ir apanhar seixos; mas, ao chegar á porta, encontrou-a fechada á chave. Não desanimou e consolou a Joanninha: “Dorme, Joanninha, dorme, que Deus Nosso Senhor nos ajudará”.

De manhã cedo recebeu cada qual o seu pedaço de pão bem menor do que da outra vez. Henriquinho esmigalhou o seu pão no bolso, e durante o caminho foi parando de tempos a tempos e atirando um dos pedaços partidos ao chão. “Que estás a parar sempre e a olhar para traz?” disse o pai, “anda d’ahi, Henriquinho”. — “Ah, meu pai, olho para o meu pombinho

lá em cima do telhado, parece que me está dizendo adeus”. Respondeu-lhe a mãe: “Não sejas tolo, rapaz; aquillo é o reflexo do sol”. Mas Henriquinho gastou todo o pão, atirando os pedacinhos pelo caminho.

A mãe conduziu-os bem para o centro da floresta, onde nunca haviam estado; ahí foilhes outra vez dito que se sentassem ao pé de uma grande lareira e dormissem, e que os pais voltariam de tarde para vir buscal-os. Pela volta do meio-dia Joanninha dividiu o seu pão com Henriquinho, porque este espalhara o seu pelo caminho, e a tarde passou-se e ninguem veio buscar as pobres crianças. Henriquinho consolou a Joanninha dizendo: “Espera até sahir a lua, que então posso ver os pedacinhos de pão que atirei por ahí fóra e elles nos indicarão o caminho para casa”. A lua appareceu, mas quando Henriquinho foi procurar os fragmentos de pão, não os encontrou: os passaros os tinham comido. Henriquinho cuidou que ainda assim havia de acertar com o caminho e levou a irman, mas elles perderam-se, andaram toda a noite e mais o dia seguinte, e, cançados por fim, pararam e dormiram. Caminharam mais um dia, porém não houve meio de sahir do mato; de mais a mais atormentava-os a fome, e de comer só encontraram umas poucas de frutinhas.

No terceiro dia proseguiram na marcha e

estava o sol a pino quando toparam com uma pequena casa toda feita de pão, as telhas eram de pedaços de doce, as vidraças de assucar-candi. “Ora, vamos sentar-nos á vontade e comer até não poder mais”, disse Henriquinho; “eu como do telhado, e tu, Joanninha, comes da janella”. Estava a menina occupada a arrancar pedaços de assucar da janella, eis que ouve uma voz lá de dentro que dizia assim:

“Arranha-tatanha, arranha-tatinha,
Quem anda arranhando a minha casinha?”

As crianças responderam:

“A viração, a ventania
E’ que soprava, e aqui zunia”.

E continuaram a comer. Joanninha arrancou uma vidraça inteira e Henriquinho quebrou um pedaço do doce do telhado. Nisto a porta se abriu e appareceu uma mulher muito velha. Henriquinho e Joanninha ficaram tão assustados que deixaram cahir o que tinham nas mãos. A velha veio andando e, meneando a cabeça, disse: “Ai, que bonitas crianças, donde é que vieram? Entrem, que nesta casa passarão vida regalada”. Pegou a ambas pelas mãos e levou-as para dentro. Effectivamente, foi-lhes servido um rico jantar de doces e frutas e, para dormir, tiveram duas bellas cami-

nhas, onde as crianças se deitaram com tanta alegria como se estivessem no paraíso.

O que ellas não sabiam é que a velha era simplesmente uma bruxa que tinha construido a tal casa só para attrahir crianças; sempre que lhe cahia alguma nas unhas, matava-a, depois a cozinhava e comia, e isto era um dia de festa para ella. Imaginem agora a sua satisfação, quando cahiam logo duas de uma vez na esparrela, como Henriquinho e Joanninha. No dia seguinte, de manhan muito cedo, estavam essas crianças ainda ferradas no somno, quando a bruxa entrou, olhou para as duas camas e disse entre dentes: “Isto ha de dar um prato delicioso para mim. “Agarrou em Henriquinho e metteu-o dentro de uma gaiola, onde o menino mal podia mexer-se. A Joanninha ella sacudiu e acordou dizendo: “Levanta-te, preguiçosa, e vai para a cozinha preparar o almoço; teu irmão está ali na gaiola para engordar; quando estiver bem gordo, irá para a panella; trata portanto de dar-lhe comida bastante todos os dias”.

Joanninha assustou-se e principiou a chorar, mas teve de fazer o que a bruxa lhe ordenava. Assim, cozinhou-se sempre comida muito boa para engordar o Henriquinho, emquanto que Joanninha tinha de contentar-se com as cascas de siris e outros restos que ninguem mais comia. Todos os dias a velha chegava ao

pé da gaiola e dizia: “Henriquinho, bota os dedos para fóra da gaiola, quero apalpal-os para saber se me estás engordando”. Henriquinho, porém, mostrava sempre uns ossinhos, e a velha, que não enxergava bem, pensando que eram os dedos do menino, muito se admirava que elle custasse tanto a engordar.

Passou-se um mez assim até que uma tarde a bruxa chamou a Joanninha e lhe dirigiu asperamente estas palavras: “Vai me buscar já uma caçamba de agua; o teu irmãosinho, gordo ou não, vai-me amanha para a panella; enquanto tu vais, eu preparo a massa do pão, porque não gosto de comer carne tenra sem pão fresco”. E lá foi a Joanninha muito triste a buscar a agua em que devia ser cozinhado o irmão. De manhan cedo teve de levantar-se, accender o fogo e pôr a ferver uma caldeira com agua. “Toma bem sentido, que a agua ferva depressa”, disse a bruxa, “eu vou accender o forno e pôr dentro o pão a cozer”. A menina ficou na cozinha e chorou amargamente: “Antes nos tivessem devorado os animaes selvagens, ao menos teriamos morrido juntos e eu não passaria pela dor de preparar a agua para a morte de meu bom irmãosinho. Deus do céu, vale-nos nesta grande afflicção”.

Nisto ouviu a velha gritar: “Joanninha, vem depressa aqui ao forno”. Quando Joanninha chegou, ella disse: “Espia lá dentro e vê

se o pão já está córado e bem cozido. 'Tenho a vista fraca e não posso enxergar até lá; se tu também achas que o pão está muito longe para olhares, assenta-te aqui nesta taboa, que eu te empurro até o interior do forno, de modo que consigas examinar o pão". O que a bruxa naturalmente queria era apanhar a Joanninha no forno quente, fechar a entrada e assar a menina e depois comel-a. A menina, porém, teve uma inspiração e respondeu: "Não sei fazer isso; assentai-vos na taboa primeiro, eu vos empurro até entrardes; ensinai-me então o resto". A velha assentou-se na taboa e, como era muito magra e leve, Joanninha não teve difficuldade em introduzil-a no forno. Depois fechou depressa a porta e correu o ferrolho. A velha começou a gritar como uma desesperada, porém Joanninha não fez caso, fugiu e deixou-a morrer queimada.

Joanninha correu para junto de Henriquinho, abriu a porta da sua gaiola e exclamou: "Vem depressa, Henriquinho, estamos salvos". E Henriquinho sahiu alegre como um passaro. Os dois abraçaram-se, beijaram-se e choraram de alegria. A casinha estava toda cheia de perolas e pedras preciosas, as crianças encheram os bolsos com ellas, retiraram-se e procuraram o caminho da casa paterna. Mais adiante encontraram um rio e não puderam atravessal-o. Porém a irmanzinha, vendo

um patinho branco a nadar, disse: “Meu bom patinho, leva-nos nas tuas costas”. E o patinho veio e levou a menina para o outro lado; depois voltou e veio buscar o irmão. Tendo atravessado o rio, Henriquinho e Joanninha não tardaram a encontrar a casa e foram recebidos pelo pai com alegria nunca vista. A mãe tinha morrido. As riquezas trazidas pelas crianças fizeram desaparecer para sempre as antigas preocupações.





BARBA-AZUL



ERTO cavalleiro, cujo verdadeiro nome hoje não se sabe, porque cahiu no esquecimento, era geralmente conhecido pelo appellido de Barba-Azul, por causa da sua enorme barba azulada.

Era muito rico e possuia não só dinheiro em abundancia, mas tambem grandes e sumptuosos castellos. Se estas riquezas podiam seduzir a alguma moça a casar-se com elle, a horrenda figura do cavalleiro inspirava a mais decidida antipathia. Não obstante, elle havia tido já diversas mulheres, as quaes se casaram unicamente pela vaidade de se tornarem ricas e fidalgas. Uma por uma tinha desapparecido repentinamente, sem que nunca se tivesse podido explicar tão profundo mysterio.

Um dia Barba-Azul chegou á casa de uma mulher que residia na sua vizinhança e tinha

duas filhas formosíssimas. Agradaram-lhe tanto, que logo pediu uma em casamento. A mãe assustou-se, mas como tinha medo do cavalleiro, não ousou recusar francamente e disse que fosse perguntar ás raparigas se alguma o queria por marido. O cavalleiro dirigiu-se ás moças. A mais velha, não querendo saber d'elle, aconselhou a irman que dissesse sim. Esta, porém, respondeu: “Tu és mais velha do que eu, logo debes casar-te antes de mim”. E assim nem uma nem outra se decidiu a casar-se.

Certo dia Barba-Azul convidou a mãe e as filhas, assim como a muitas amigas e companheiras dellas, para irem ao castello; naturalmente não podiam esquivar-se. Foram e não se arreponderam, porque o cavalleiro todos os dias lhes proporcionava os mais agradaveis passatempos e toda a especie de prazeres, como banquetes, caçadas, jogos, danças e outras festas mais.

Dias depois, a mãe já não achava o cavalleiro tão repellente; a filha mais moça não o achava tão feio e foi mudando de opinião até que, afinal, estava disposta a casar-se. E o casamento effectuou-se.

Passado algum tempo, Barba-Azul disse á sua mulher: “Ouve, minha filha; eu agora tenho de fazer uma viagem e sou obrigado a deixar-te só durante algum tempo. Aqui te entre-

go as chaves do castello e de todos os aposentos. Podes entrar em todos elles e admirar á vontade o que por lá encontrares; só não consinto que vás ao quarto que fica acolá no fundo do corredor. Toma as chaves, mas muito cuidado com esta pequenina aqui; porque, torno a dizer, prohibo-te, sob pena de morte, a entrada no tal quarto. Comprehendeste, não é verdade?” A mulher prometteu que cumpriria á risca as suas ordens.

Tinha o cavalleiro partido quando vieram os irmãos e mais a irman da mulher visital-a e passar algum tempo no castello. Um dia, quando os irmãos estavam a caçar na floresta, as duas irmans se lembraram de fazer uma revista em todos os aposentos e viram com satisfação as riquezas e o bom gosto que nelles havia. A mais velha, deslumbrada por tanto luxo e magnificencia, invejou no seu intimo a sorte da outra e disse de si para si: “Realmente, tola fui eu, que não quiz casar-me com o cavalleiro !”

Continuaram a andar até chegarem á porta que era prohibido abrir. A joven esposa, comquanto extraordinariamente curiosa, quiz passar adiante sem parar; mas a irman poz-se a zombar da sua obediencia e dos seus receios, dizendo : “Deixa-te de tolice ; que mal faz abrires a porta? O ponto é não contar nada a teu marido”.

A irman tanto insistiu, que ella afinal pegou na chavesinha e, com mão tremula, metteu-a no buraco da fechadura. A porta abriu-se. Mas que horroroso espectáculo! No assoalho, uma grande poça de sangue; no meio do aposento, um bloco de madeira e, em cima deste, uma reluzente machadinha; e das paredes pendiam os cadaveres e as cabeças decepadas das primeiras mulheres de Barba-Azul, as quaes tambem não haviam sabido resistir á sua curiosidade e por isso o marido as degolara.

Com o susto a mulher deixou cahir a chave; apanhou-a logo, fechou a porta atraz de si e fugiu acompanhada pela irman. Mas, oh fatalidade! a chave havia cahido no sangue e, por mais que a limpasse e lavasse, não havia meio de tirar-lhe as nodoas, que sempre appareciam de novo.

Nisto ouve-se lá fóra o soar de clarins. As irmans respiraram mais alliviadas, suppondo serem os irmãos que voltavam da caça. Não eram elles; era Barba-Azul, que regressava. Subiu rapidamente a escada e perguntou pela mulher. Vindo esta ao seu encontro, pallida e trémula, elle comprehendeu que tinha transgredido as suas ordens e exigiu a chavesinha.

“Vou buscal-a”, disse a mulher com voz quasi suffocada. O cavalleiro, porém, seguiu-a e tomou-lhe a chave das mãos. Vendo as no-

doas de sangue, o seu rosto, já por si tão feio, tomou um aspecto diabolico. “Vais morrer, mulher; já que entraste contra a minha vontade no quarto prohibido, entrarás agora contra a tua vontade”, exclamou Barba-Azul com voz horrorosa.

A mulher ajoelhou-se aos pés do marido, chorando e implorando misericordia; porém elle agarrou-a pelas longas tranças e arrastou-a pelo comprido e escuro corredor até o aposento de sangue.

“A tua vida chegou ao fim”, gritou ainda, “mas para que nos teus ultimos momentos não te possas queixar que não usei de brandura e amizade para contigo, concedo-te meio quarto de hora para te preparares para a morte”.

A mulher, quasi desfallecida de susto, ainda poudo subir a escada e foi ter com a irman, pedindo-lhe que corresse para o alto da torre a ver se enxergava os irmãos e içasse o signal de soccorro. Depois prostrou-se de joelhos e pediu a Deus que a salvasse. Terminada a primeira oração, gritou para o alto da torre: “Minha irman, minha irman, ainda não vês nada?”

“Não”, respondeu a irman, “não vejo senão o raio dourado da luz”.

“Mulher, desce, o teu prazo está a expirar”, bradou Barba-Azul em baixo. Então a mulher mais uma vez gritou para o alto da torre:

“Minha irman, minha irman, ainda não vêes nada!”

Ella tornou a responder: “Nada vejo senão o verde da folhagem e, ao longe, uma nuvem de pó”.

“Serão os irmãos?”

“Não, minha irman, é um rebanho de ovelhas”.

“Mulher, desce, ou eu vou te buscar”, rugiu furioso o marido impaciente.

E mais uma vez a mulher perguntou :

“Minha irman, os nossos irmãos não apparecem ainda?”

“Lá vêm elles”, respondeu a irman; “viram o meu signal e vêm correndo para cá com a rapidez do vento”.

“Mulher, agora eu vou buscar-te”, trovejou Barba-Azul pela terceira vez.

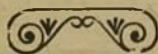
Ouvindo-o subir ruidosamente a escada, a mulher correu depressa o ferrolho e poz-se a rezar, emquanto que a irman na torre acenava para os irmãos e gritava por soccorro.

A porta acabava de abrir-se, cedendo ás machadadas do cavalleiro e já elle erguia a arma para matar a mulher — eis que de repente entram os irmãos como o raio pelo quarto a dentro e atravessam com a espada a Barba-Azul, que cae por terra morto, sem ter tempo de descarregar o golpe fatal.

Estava salva a mulher. Debulhada em la-

grimas, cahiu nos braços dos irmãos. Todos se alegraram com tão feliz successo. Aos irmãos deu a mulher uma parte da grande fortuna que lhe cabia por morte do marido, e deu também á irman um excellente dote.

Durante muito tempo, porém, lembrou-se do grande susto e do perigo que correra por causa da sua curiosidade, até que, passados alguns annos, tornou a casar-se e afinal esqueceu-se de todo daquelle transe terrivel.





O BARÃO DE MUNKAUSEN



AM AIS no mundo alguem passou por cousas mais extraordinarias e fez cousas mais inacreditaveis do que o Barão de Munkausen. Embora as suas aventuras de viagem e as suas multiplas façanhas na guerra e na caça pareçam ás vezes um tanto fantasticas e mentirosas, elle sempre afiançou que todas as historias eram a pura verdade; além disso, até appareceram impressas em um livro cheio de estampas illustrativas. O senhor Barão em primeiro lugar faz a narração das longas viagens, em seguida a das suas curiosas caçadas, em terceiro lugar dá conta de diversos episodios divertidos dos tempos da guerra e da paz, e, finalmente, narra-nos a sua afamada volta para a Allemanha.

I

VIAGEM DO BARÃO DE MUNKAUSEN A' RUSSIA

Encetei a minha viagem á Russia em pleno inverno, e parti a cavallo, porque julgava que nas regiões septentrionaes, em que as boas estradas e as commodidades para os viajantes não apparecem frequentemente, era esse o melhor meio para chegar depressa ao meu destino. Com o meu cavallo eu podia contar sempre; sabia-o por experiencia, pois elle já me havia prestado relevantes serviços em muitas occasiões.

Uma vez tinha eu cavalgado todo o dia, quando fui surpreendido pela noite sem ver nem ouvir signal de aldeia ou outra qualquer habitação humana. Toda a região estava coberta de neve, eu não distinguia nem estradas nem atalhos, e como estivesse muito fatigado, apeei-me e amarrei o cavallo a um poste pontudo que sahia da neve. Por segurança puz as minhas pistolas debaixo do braço, deitei-me sobre a neve ao lado do animal e dormi um somno tão bom que, quando acordei, já era dia claro. Qual não foi, todavia, a minha surpresa, ao ver que me achava deitado no meio de um cemiterio de aldeia! E onde estava o meu cavallo?! Procurei, tornei a procurar, e nada de achar o animal — eis que de repente

ouço-o a rinchar por cima de minha cabeça. Erguendo os olhos, vi que elle estava lá em cima suspenso e amarrado no alto da torre de uma igreja. Compreendi então tudo. A aldeia inteira havia estado coberta de neve e como durante a noite, com a mudança de tempo, a neve se derreteria rapidamente, eu havia descido suavemente até o lugar em que agora me achava. O que eu, na escuridão, havia tomado por um poste era a cruz da torre da igreja. Sem reflectir muito, peguei em uma das pistolas, apontei-a para as redeas do animal e acertei tão bem, que parti a correia ao meio. O pobre cavallo, assim libertado, veio ter em baixo junto de mim. Montei-o novamente e cheguei são e salvo á fronteira russa.

Na Russia, não sei se sabem, é costume viajar de trenó. Fiz portanto aquisição de um trenósinho, e lá fui eu muito satisfeito sentado nelle em direcção a S. Petersburgo. A principio a viagem correu ás mil maravilhas, porque o meu cavallo tambem era excellente animal de tracção. Mas depois — ora não me recordo se isto se passou na Esthonia ou na Ingria — o que sei com certeza é que me achava bem no centro de uma floresta medonha, eis que vejo um lobo horrivel a correr atraz de mim com aquella rapidez que só a fome de inverno dá aos animaes dessa especie. Não havia duvida que em poucos instantes me alcan-

çaria e então estava perdido. Assim, mais do que depressa deitei-me ao comprido dentro do trenó, confiando ao destino a minha vida e a do meu cavallo.

E o que aconteceu?! O lobo não fez caso da minha humilde pessoa, mas pulou por cima de mim, cahiu furiosamente sobre o cavallo e enguliu de uma só vez toda a parte trazeira do pobre bicho, o que fez que este de susto e de dôr corresse com maior velocidade ainda. Tendo eu escapado sem um arranhão, ergui cautelosamente a cabeça e notei, com grande admiração, que a fera já havia devorado quasi todo o cavallo e occupava o lugar d'elle. Aproveitei este ensejo e fustiguei-a com o meu chicote a valer. O lobo, assustado por tão inesperada aggressão, tratou de correr para diante; a pelle do cavallo cahiu por terra e quem agora estava mettido nos seus arreios era o lobo. Fustiguei então valentemente e sem cessar, o lobo corria, que era um gosto, e eu não tardei a chegar a todo o galope e incolume a S. Petersburgo.

Nem eu nem o lobo jámais nos havíamos figurado semelhante situação, e ás pessoas que assistiram á nossa chegada proporcionámos um espectáculo com certeza nunca visto.

II

ALGUNS CURIOSOS EPISODIOS DE CAÇA DO BARÃO
DE MUNKAUSEN

A minha primeira intenção era alistar-me no exercito russo ; passou-se, porém, muito tempo antes que pudesse obter uma commissão no exercito e por isso tive de procurar distrações e passatempos. Fui sempre grande amador de caçadas e, como na Russia se me offerceram muitas occasiões para esse nobre divertimento, estou nos casos de poder narrar aos meus caros leitores varios episodios bem extraordinarios e interessantes.

Achava-me eu um dia em uma excursão de caça quando avistei varias duzias de marrecos bravos a nadarem em uma lagôa isoladamente e tão distantes uns dos outros, que me era impossivel matar mais de um com um só tiro. Infelizmente só me restava o meu unico tiro na espingarda; no emtanto seria um achado se tudo aquillo me pudesse vir ter ás mãos, pois tencionava em dia proximo dar um jantar a todos os meus amigos e conhecidos.

Lembrei-me então de que na minha bolsa de viagem ainda havia um pedaço de toucinho resto do meu almoço. Tirei-o, amarrei-o á extremidade de um barbante forte, que tambem trazia commigo; escondi-me entre os juncos da margem e atirei o toucinho na lagôa. O mar-

reco que mais proximo estava nadou logo para junto do toucinho e enguliu-o; mas este, preso ao barbante, escorregou rapido pelo estomago e pelos intestinos, indo sahir sem estar digerido. Veio segundo marreco e enguliu-o do mesmo modo; depois veio o terceiro e assim por diante; emfim, o toucinho fez a viagem atravez de todos os marrecos sem desprender-se do barbante. Os marrecos ficaram todos enfiados no cordão como se fossem um collar de perolas. Puxei-os com geito para a terra, enrolei o barbante diversas vezes em torno de mim, pelo hombro e pela cintura, e fui para a casa conduzindo a minha presa. A minha casa, porém, ainda estava um pouco distante e o peso das aves começava a incommodar-me algum tanto. Já me ia arrependendo de haver apanhado tão grande numero de marrecos, quando se deu um facto muito interessante, do qual tratei logo de tirar partido. As aves estavam todas vivas ainda e, tendo-se restabelecido do primeiro susto, começaram a bater fortemente com as asas e ergueram-se nos ares levando-me a mim tambem. Não perdi a presença de espirito um só instante e, com as abas da minha casaca, puz-me a remar e a governar a embarcação aerea dirigindo-me direitinho para a minha morada. Assim que me achei bem por cima da casa, agarrei os marrecos um por um, torci-lhes o pescoço e desci pouco a

pouco, muito suavemente, e passando por dentro da chaminé vim parar em cima do fogão da cozinha, que por felicidade estava apagado naquelle momento. Quem levou um grande susto foi o meu cozinheiro; nem era para menos.

Uma outra vez tinha eu gasto todo o meu chumbo de caça sem ter sido lá muito feliz. De repente ergue-se na minha frente um bando de codornas, e eu com desejo enorme de ver algumas na minha mesa ao jantar. Marquei bem o lugar em que foram pousar, carreguei depois a espingarda com polvora e faltando-me o chumbo, como já disse, arranjei depressa uma ponta na vareta e enfiei-a no cano da espingarda.

Aproximei-me então do lugar em que as codornas estavam. Assim que levantaram o vôo, fiz pontaria e fogo e — imaginem só a minha felicidade! — tive a delicia de ver sete aves espetadas na vareta cahir a poucos passos de mim.

Um dia andava eu a perseguir raposas, eis que me apparece um bellissimo specimen preto. “Ah, que bellissima pelle!” pensei, “seria realmente pena metter-lhe uma bala”. Mas o que fazer? Tive uma feliz lembrança. Na ocasião em que a raposa se achava justamente ao pé de uma arvore, extrahi depressa a bala da espingarda, substitui-a por um prego muito

grande, fiz fogo e acertei com tanta felicidade, que o animal ficou pregado á arvore pela cauda. Depois, acerquei-me do bicho e, sacando do meu cutelo de caça, dei-lhe dois talhos em cruz na testa, peguei no chicote e zás, zás, cheguei-lhe ao lombo tão tremenda sova, que o animal, forcejando por fugir, foi sahindo de dentro da propria pelle, deixando-me essa bella preciosidade.

Triste do caçador a quem ás vezes não favorecem o acaso e a sorte. Eu por mim nunca tive razão de queixa. Uma vez encontrei em meio de densa floresta um javalzinho que vinha andando na frente de um javali femea. Atirei, mas a bala não acertou. Com grande espanto notei que o filhote fugiu, ao passo que a mãe ficou parada sem fazer o menor movimento, como se pregada estivesse no chão. Aproximei-me e verifiquei que a porca tinha na boca a caudasinha do filhote. O velho animal estava cego, sendo guiado por dever filial pelo javalzinho que lhe dava a cauda para segurar. A minha bala, tendo passado entre os dois, partira o freio de guia, e a porca não se sentindo mais puxada para diante, ficara parada. Eu então agarrei o pedaço restante da cauda do filhote e assim conduzi o velho e desamparado animal para casa, sem que elle offerecesse a menor resistencia.

Uma outra vez havia eu gasto todo o meu

chumbo quando me apparece de repente um majestoso veado. Poz-se a encarar-me com tal atrevimento e sem o minimo receio, como se tivesse adivinhado que não existia mais um só bago dentro da minha bolsa. Casualmente, porém, trazia eu ainda commigo algumas ginja. Comi-as depressa e, já que não podia carregar a minha arma com chumbo, careguei-a com os caroços das frutas, e mandei um tiro, que foi ferir o animal bem no meio da testa entre os galhos. A descarga, porém, não produziu o desejado effeito; pois, embora o veado vacillasse um pouco, não tardou a fugir.

Passados alguns annos, estava eu a caçar na mesma floresta quando fui surprehendido por um grande e formidavel veado que veio ao meu encontro trazendo entre os galhos uma ginjeira grande, de mais de tres metros de altura. Vi logo que era o meu antigo conhecido; fiz fogo e tive naquelle dia, além do assado que elle me offereceu, magnifica compota de ginja, pois a ginjeira estava carregadinha de frutos maduros e deliciosissimos como nunca antes eu havia saboreado.

Em uma caçada fui um dia inesperadamente atacado por um terrivel lobo de fórma tal, que só tive tempo de bater com o punho dentro da guela escancarada da fera. Mas em attenção á minha segurança introduzi o braço cada vez mais e consegui enfial-o até quasi ao

hombró. Mas o que fazer depois? Não posso dizer que esta situação era cousa muito agradável. Imaginem só o estar testa á testa com um lobo! Não era com ternura que olhávamos um para o outro. Se eu retirasse o braço, a fera me atacaria com maior furia, é o que me estavam a dizer aquelles olhos flammejantes. Em summa, só me restava um recurso unico. Agarrei o animal pelos intestinos, virei-o pelo avesso como uma luva, atirei-o ao chão e assim deixei-o estar.

A seguinte historia — eu lamento profundamente que mais de uma pessoa tenha ousado pôr eu duvida a sua veracidade — pertence ao numero das aventuras mais raras que podem succeder a um caçador. Andava eu a perseguir uma lebre já dois dias a fio. O meu cão, que em velocidade não tem rival, fel-a aproximar-se de mim mais de uma vez; mas apesar disso eu nunca conseguia fazer-lhe boa pontaria. Custou muito e já estavam perdidas as esperanças de matal-a quando por fim sempre consegui dar-lhe um tiro certo. E o que é que os meus olhos haviam de ver? Parece graça, mas é serio. A tal lebre tinha oito pernas, quatro na parte inferior do corpo e as outras quatro nas costas. Quando as de baixo se cansavam, ella virava-se de costas, exactamente como esses nadadores habeis que tanto sabem nadar de barriga para baixo como de barriga

para cima, e continuava a sua carreira vertiginosa com as pernas das costas. Não admira, pois, que me fossem precisos dois dias para atingil-a!

Referi-me ha pouco ao meu cão. Este animal, extraordinariamente veloz, correu tanto e tantas vezes quando ao meu serviço, que chegou a gastar as pernas; por fim, já se parecia com esses cães de pernas curtas que servem para caçar os animaes que vivem em tocas.

III

OUTRAS HISTORIAS INTERESSANTES DO BARÃO DE MUNKAUSEN

Sempre me admiraram não só como caçador de muita sorte, mas tambem como ousado e destro cavalleiro; creio que posso repetil-o sem presumpção. E' claro que grande parte dessa gloria — não nego — cabe ao extraordinario talento do meu excellente cavallo, cuja aquisição fiz de um modo mui curioso e especial.

Eu estava de visita em casa de um amigo, certo conde da Lithuania. Fiquei na sala do chá em companhia das senhoras, emquanto os outros cavalleiros se dirigiram para o pateo afim de examinar um cavallo novo que o conde acabava de comprar. De subito ouvimos gritos assustadores. Desci depressa e vi que o

animal estava tão bravo e indomavel, que até os mais provecos montadores se não atreviam a acercar-se delle. Não fiz muita cerimonia; de um salto achei-me sobre o dorso do cavallo e, devido em parte á sua surpresa e em parte ás minhas habilidades de equitação, fil-o logo aquietar-se e obedecer. Depois, transpuz com o cavallo uma janella que estava aberta e fui ter á sala do chá das senhoras, as quaes quasi desmaiaram ao receberem semelhante visita; obriguei o animal a andar pela sala, de um lado para o outro, ora a passo, ora a trote, ora a galope; por fim até o fiz saltar para cima da mesa do chá e ahi executei o que ha de mais delicado e difficil na alta escola de equitação, com o que muito se admiraram e deliciaram todas as damas. O animal executava tudo com habilidade tão rara, que não quebrou nem virou sequer uma unica chicara. O conde, meu amigo, gostou tanto daquillo, que me pediu que aceitasse o cavallo como presente.

Ora, quem é capaz de montar e domar um cavallo como aquelle meu lithuano, tambem é capaz de outras façanhas de equitação; não é verdade? Por conseguinte escutem mais esta.

Tendo-me engajado como soldado, tomei parte na guerra contra os Turcos. Uma vez sitiavamos uma cidade inimiga, tão bem defendida, que perdemos pouco a pouco todas as esperanças de tomal-a. “Ainda se podia arris-

car alguma cousa”, disse o marechal de campo, “mas era preciso obter informações exactas do que se passa lá dentro da fortaleza”. Parecendo de todo impossivel chegar até lá, por causa dos postos avançados, guardas e muralhas da fortaleza, e não tendo nenhum dos nossos soldados a necessaria coragem para tão arrojada empresa, resolvi-me a leval-a a effeito e colloquei-me ao pé de um dos grandes canhões que na occasião era disparado contra a fortaleza; mal a bala sahiu da boca da peça, pulei para cima della na intenção de ir assim montado até o interior da fortaleza. Em caminho, porém, fiz varias considerações. “Homem”, disse eu com os meus botões, “entrar, entras; mas depois como queres tornar a sahir? Quem sabe lá o que te vai acontecer dentro da fortaleza? Tomam-te naturalmente por espião e enforcam-te, já se vê; ora isto não te serve”. Mudei pois depressa de deliberação e aproveitei a occasião em que o inimigo mandava por sua vez uma bala para o nosso acampamento; saltei ligeiro da bala em que ia para a que vinha e cheguei são e salvo ao nosso acampamento, embora não tivesse dado conta da minha commissão.

Se eu era agil e seguro em pular, tambem o era o meu cavallo. Para nós não existiam fossos, cercas, arvores cahidas ou outros estorvos. Uma vez perseguia eu uma lebre, a qual

na sua carreira vertiginosa atravessou a estrada de um lado para o outro. Nisto passa, entre mim e a lebre, do outro lado, um carro conduzindo duas bellas damas. O meu cavallo, que vinha a toda e não podia parar instantaneamente, salta com tal velocidade atravez do carro (felizmente as portinholas estavam arriadas), que mal tive tempo para tirar o chapéu e pedir desculpa ás senhoras. Nessa passagem rapida o cavallo não tocou o carro nem as pessoas que estavam dentro.

D'outra vez, porém, ia-nos custando a vida essa ousadia em executar saltos difficeis. Foi o caso que cahimos tão fundo num atoleiro, que do meu cavallo nada mais se via, e da minha pessoa só estava fóra da lama o rabicho do cabello que me pendia da nuca. Agarrei-me, pois, com toda a força ao rabicho e puxei para cima a mim e ao cavallo, que eu segurava bem com as pernas, e assim consegui arrancar-nos do atoleiro e salvar-nos.

Na guerra a felicidade e a infelicidade se succedem muitas vezes com grande rapidez; até mesmo os cautelosos e os bravos não raro se vêem em perigo e em apuros. Assim tambem tive a desdita de ser feito prisioneiro na guerra contra os Turcos e ser vendido como escravo. Conduziram-me para a côrte do sultão, onde me encarregaram de levar, todas as manhans, as abelhas ao pasto. Posto que esse

officio de pastor não fazia suar, não obstante dava grande massada e era muito enfadonho. Uma vez levava eu as abelhas para casa, quando dei por falta de uma, mas ao mesmo tempo vi que dois ursos a tinham atacado para lhe roubarem o mel que trazia. Enfureci-me e, como não tinha commigo outra arma senão a machadinha de prata, que trazem todos os jardineiros e trabalhadores do campo empregados do sultão, arremessei-a contra as feras para afugental-as ao menos. A cousa realmente surtiu effeito, e a abelha, salva, foi-se reunir ás outras. Eu, porém, havia atirado a machadinha com demasiada força; pois ella, tendo batido contra o craneo de um dos ursos, ricochetou para cima e foi subindo até cahir na lua. Eis-me outra vez em apuros. Como reaver a machadinha ?

Por acaso trazia no bolso uma fava turca e, como sabia que taes favas crescem com extraordinaria rapidez, chegando a attingir uma altura colossal, enterrei logo a minha na terra. Aquillo grelou num instante; cresceu, cresceu e taes proporções tomou, que foi agarrar-se a um dos cornos da lua. Era exactamente o que eu queria. Subi pelo pé da fava, como um bom acrobata quando trepa por uma corda suspensa, e cheguei sem maior novidade á lua. O novo problema agora era achar a machadinha. Procural-a era difficil, porque na lua todos os ou-

tros objectos tambem têm aspecto prateado. Custou, mas enfim sempre a encontrei em cima de um monte de palha.

Ah, mas que espanto e horror quando me dispuz a descer novamente! O meu pé de fava tinha seccado. Como é que eu havia de tornar á terra? Resolvi então fazer o trabalho mais penoso do mundo; tomei uma porção de palha da lua e trançei uma corda bastante comprida. Amarrei uma extremidade a um dos cornos da lua e deixei-me escorregar pela corda. Infelizmente, porém, o cabo era muito, muitissimo curto; por isso não houve outro remedio senão, á medida que descia um trecho, cortar do lado de cima, com o auxilio da machadinha, a corda que já não precisava e emendal-a depressa na extremidade inferior, e assim successivamente. Mas, com a continuação de cortar e emendar, a corda de palha ficou afinal estragada; e quando me achava ainda a muitas milhas de distancia das primeiras nuvens, ella rompeu-se ao meio e eu fui cahir com tanta velocidade na terra, que com a forte pancada do meu corpo cá em baixo formou-se um buraco no chão, o qual tinha bem seus nove metros de profundidade. Cheguei completamente atordoado, já se vê; verdade é que não tardei a voltar a mim, mas o que não sabia era como sahir do tal buraco. Porém o que é que a necessidade não nos ensina? Com as minhas

unhas, que durante uns quarenta annos não haviam sido aparadas, cavei uma especie de escada e assim cheguei afinal a ver outra vez a claridade do dia.

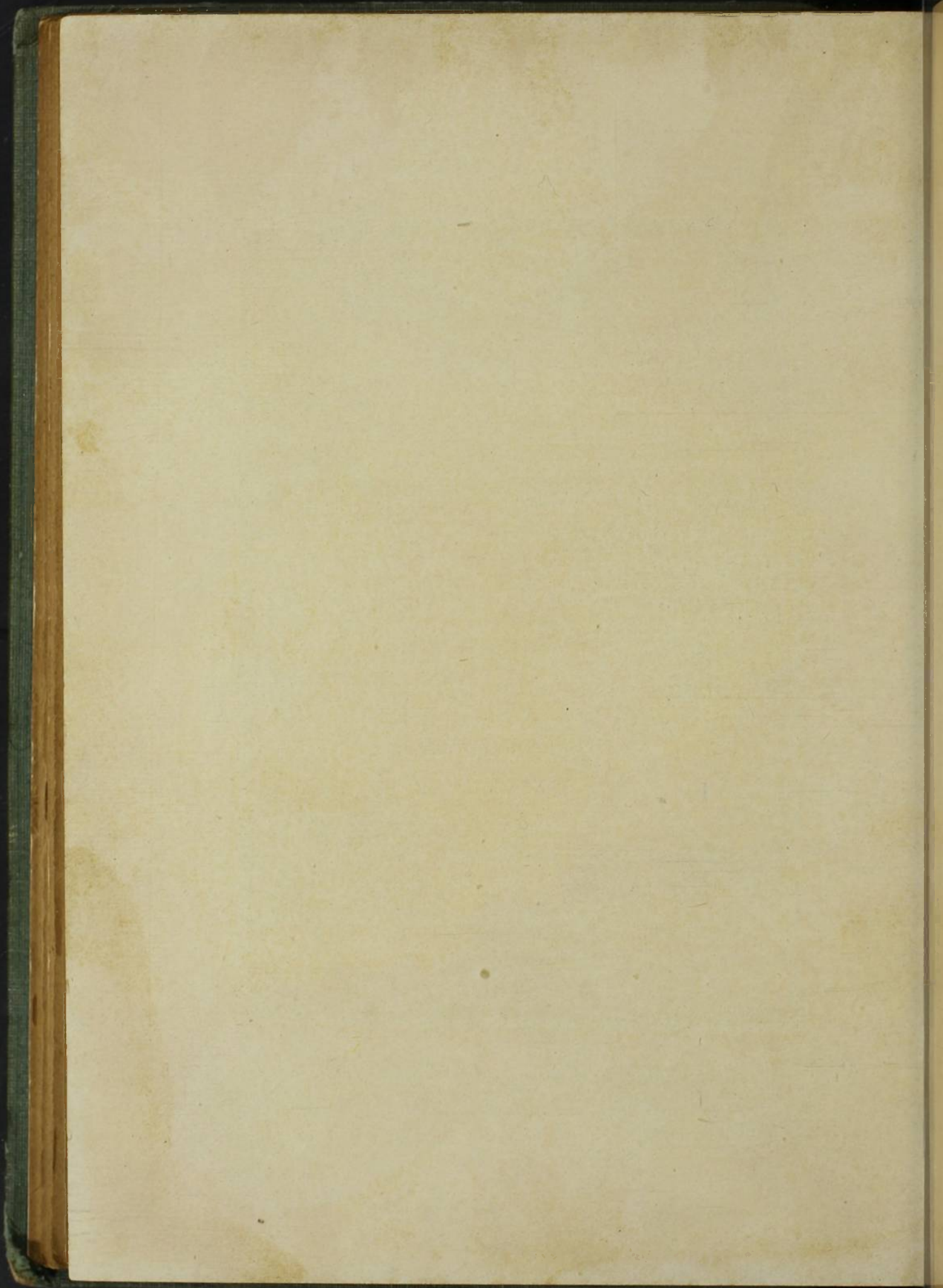
No dia seguinte recommçou o meu trabalho e o meu martyrio com as abelhas. Desta vez, porém, engendrei um plano mais efficaz para livrar-me dos importunos ursos. Besuntei de mel a lança de um carroção e puz-me na expectativa dos acontecimentos, conservando-me a alguma distancia. Não tardou a vir um enorme urso, que havia farejado o doce mel, e principiou a lamber a ponta da lança, mas com tanta avidéz, que pouco a pouco foi engulindo a propria lança, e esta lhe entrou pela guela, pelo estomago e pelos intestinos, para afinal sahir do outro lado do corpo. Achando-se o urso assim enfiado no espeto, cheguei-me a elle, atravessei um pau no orificio anterior da lança, impedindo assim que o animal se desenfiasse, e deixei-o assim ficar até a manhan seguinte. O grão-sultão, que por acaso por ali passou, quasi morreu de riso quando viu a peça que eu pregara ao urso.

IV

O BARÃO DE MUNKAUSEN DE VOLTA DA RUSSIA

O meu captiveiro junto do sultão chegou ao termo por occasião da conclusão da paz en-





tre os Russos e os Turcos, quando houve a troca de prisioneiros. Regressei á Russia, mas não me demorei ahi; pedi a minha demissão e, mal a obtive, tratei de voltar para a Allemanha. O meu esplendido cavallo lithuano tinha ficado na Turquia, de sorte que fui obrigado a viajar na mala-posta. Durante esta viagem tivemos de lutar com o maior frio de inverno que jamais senti. Um dia, ao passarmos por um desfiladeiro, lembrei ao postilhão que dêsse signal para evitar o encontro com alguma outra carruagem que viesse em sentido opposto. O homem poz logo a corneta á boca; mas por maiores esforços que fizesse, nem um unico som conseguiu tirar do instrumento. Olhámos uns para os outros muito attonitos; mas a cousa ficou nisso, porque ninguem soube explicar o enigma. — Eu não quero falar das outras cousas pasmosas e inacreditaveis que se deram ainda no tal desfiladeiro (póde alguém duvidar, e Deus me livre que desconfiem da veracidade do que narro), basta que lhes affirme que, apoz muitas peripecias, conseguimos chegar sem novidade a uma hospedaria.

Ahi, sim, sentimo-nos melhor; sentámo-nos junto do fogão e mandámos vir de comer e de beber. O postilhão, sentado na minha frente, pendurara a sua corneta a um prego, na parede, bem por detraz de si. De repente

ouvimos: Tá tá rá ! tá tá ! tá tá ! Foi uma surpresa geral, mas logo depois atinámos com a causa dessa curiosa musica. E' que os sons tinham-se gelado dentro da corneta e agora, que nos achavamos em uma temperatura mais elevada, elles sahiam do instrumento á medida que se iam degelando. O postilhão havia soprado dentro delle trechos de musica bem bonitos. Sem. que se tivesse necessitado de levar a corneta á boca, ella nos deliciou por muito tempo com as suas bellas melodias. A ultima (ainda me lembro como se fosse hoje) foi a conhecida canção "Que paz tranquilla nas florestas!"

E com esta termino a narrativa das minhas aventuras.





FALADÁ



ERA uma vez uma velha rainha que enviuvara muito cedo e tinha uma filha formosíssima. Chegando esta á idade de casar, prometeu-se-lhe por esposo um príncipe que vivia em terra longinqua. Competindo á noiva partir para o paiz do futuro consorte, a mãe arrumou-lhe as malas, nas quaes poz um riquissimo enxoval, valiosas joias e outros objectos de ouro e prata. Deu-lhe uma camareira para acompanhal-a até ao castello do noivo e mandou sellar dois bons cavallos para a viagem das duas moças. O animal destinado á princeza chamava-se Faladá e tinha o dom da palavra. Quando chegou a hora da partida a rainha entrou no seu aposento de dormir, tomou uma pequena faca e deu um talho num dos dedos e este começou a sangrar. Tomou um lençinho de fina cambraia, deixou cahir tres go-

tas em cima, entregou-o depois á filha, dizendo: “Guarda bem este lenço, que te valerá sempre”.

Mãe e filha separaram-se debulhadas em lagrimas. A princeza guardou o lencinho no seio, montou a cavallo e partiu. Tendo cavalgado durante uma hora e sentindo-se atormentada pela sêde, disse para a camareira: “Apeia-te e apanha-me ali na ribeira um pouco de agua com a taça que está confiada á tua guarda; tenho muita sêde”. “Se tendes sêde”, respondeu a camareira, “descei vós mesma e ide beber, eu é que não estou disposta a ser vossa criada”. A princeza desceu do cavallo, e foi á ribeira beber, servindo-se da mão porque lhe era negado o copo de ouro. E ella exclamou: “Ah, meu Deus!” As tres gotas de sangue responderam: “Se tua mãe soubesse, morreria de dôr”. A princeza era muito humilde, não disse palavra e tornou a montar. Continuaram a cavalgar e haviam feito algumas milhas quando a princeza sentiu outra vez sêde. E como havia um rio perto, a noiva disse novamente para a camareira: “Apeia-te e traze-me agua no meu copo de ouro, que preciso beber”. Mas a camareira, mais arrogante do que da primeira vez, respondeu: “Se quizerdes beber, ide sósinha, que eu não estou aqui para ser vossa criada”. A sêde era muita, e a noiva teve de descer do cavallo, ir ao rio

e agachar-se para beber agua. Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas e ella exclamou: “Ah, meu Deus!” As gotas de sangue tornaram a responder: “Se tua mãe soubesse, morreria de dôr”. Tendo-se debruçado por demais por cima da agua, cahiu-lhe do seio o lencinho com as tres gotas de sangue, que foi logo arrebatado pela corrente antes que a afflicta donzella o visse. Vira-o, porém, a camareira, que ficou muito contente porque adquiriu poder sobre a noiva, a qual, tendo perdido o lenço com as gotas de sangue, era toda fraqueza. Quando quiz tornar a montar no cavallo Faladá, oppoz-se a isso a camareira dizendo: “Agora compete-me a mim montar no Faladá, passa tu portanto para o meu rocim”. Obrigou-a tambem a despir o seu vestido riquissimo de princeza e pôr, em lugar delle, o traje de camareira, por fim forçou-a tambem a jurar que nada diria na côrte do que acabava de succeder. Faladá assistiu a tudo e observou bem o que se passava.

A camareira montou em Faladá; a verdadeira noiva, no cavallo rocim; e as duas continuaram a viagem até chegarem ao castello real. Grande regosijo houve pela chegada, o principe veio ao encontro das donzellas e ajudou a camareira a apear-se, cuidando que era a sua noiva. Deu-lhe o braço e conduziu-a pelas escadas do castello, emquanto que a prin-

ceza teve de ficar em baixo. O velho rei, olhando pela janella, viu-a no pateo e, notando que era esbelta e formosa, voltou-se para a noiva e perguntou quem era essa moça que estava lá embaixo. “E’ uma rapariga que encontrei em viagem e que levei para me fazer companhia; dai-lhe trabalho, não é bom ter criada ociosa”. O rei, não tendo serviço para ella, respondeu: “Tenho ahi um rapazito, que me toma conta dos gansos, a moça poderá auxiliá-lo”. Chamava-se Robertinho o tal menino, a quem a verdadeira noiva devia ajudar.

Passado algum tempo, disse a noiva falsa ao principe: “Querido esposo, se eu vos pedir um favor, fal-o-eis?” E elle respondeu: “A vossa vontade será feita”. “Mandai então cortar a cabeça ao cavallo em que aqui vim montada, porque muito me aborreceu esse animal durante a viagem”. E’ claro que a moça receava que o cavallo denunciasse o seu procedimento com a princeza. Assim o pobre Faladá teve de morrer. A princeza verdadeira, sabendo do caso, prometeu ao criado incumbido de matar o animal uma boa gorgeta se lhe quizesse prestar um serviço. Havia na cidade uma grande porta, por onde a donzella passava todas as manhans e todas as tardes com os gansos; queria ella que ahi fosse pregada a cabeça de Faladá, queria vel-a ainda. O criado não fez

difficuldades, decepou a cabeça do cavallo e pregou-a na porta da cidade.

De manhan cedo, a donzella quando veio com Robertinho a tocar os gansos para o campo, parou diante da porta e exclamou: “Oh, pobre Faladá!” E a cabeça respondeu: “Oh, pobre donzella princeza, se tua mãe soubesse disso, morreria de dôr”.

Ella continuou a andar e, chegando com os gansos ao campo, sentou-se e desfez os seus cabellos. Eram fios de prata que se espalharam pelo collo e pelos hombros. Robertinho, encantado pelo seu brilho, quiz arrancar alguns fios. A donzella, porém, falou assim:

“Vento sopra, vento leve
De Roberto o chapéusinho,
Vento leve Robertinho,
Té que eu finde o meu penteado
E o cabello haja trançado”.

E um vento rijo principiou a soprar e arrebatou o chapéu de Roberto, que correu atraz d'elle, e, quando voltou, a donzella já tinha acabado de pentear-se e enrolado as tranças sobre a cabeça. Robertinho ficou resentido, não disse mais palavra e, ao cahir do dia, elle e a donzella tocaram os gansos para casa.

Na manhan seguinte, quando chegaram á porta da cidade, ao partirem para o campo, a donzella tornou a exclamar: “Oh, pobre Fa-

ladá”, e de novo ouviu a resposta: “Oh, pobre donzella princeza, se tua mãe soubesse disso, morreria de dôr”.

E lá fóra na campina, a moça sentou-se, desfez as tranças e principiou a pentear-se. Quando Robertinho veio correndo para pegar-lhe nos cabellos, ella gritou:

“Vento sopra, vento leve
De Roberto o chapéusinho,
Vento leve Robertinho,
Té que eu finde o meu penteado
E o cabello haja trançado”.

E uma rajada de vento arrebatou o chapéusinho de Roberto, que correu atraz d'elle, e, quando voltou, a donzella tinha acabado de arranjar o cabello, não podendo o menino apanhar um só fio. Robertinho e a donzella tomaram conta dos gansos até o anoitêcer.

De noite, quando chegaram á casa, Robertinho procurou o velho rei e disse-lhe: “Não posso continuar a guardar os gansos com essa moça”. “E porque razão?” perguntou o rei. “Ella me faz zangar o dia inteiro”. Exigiu então o rei que se explicasse. Robertinho disse: “De manhan quando sahimos pela porta da cidade com os gansos, está lá uma cabeça de cavallo na parede, e a moça dirige-se sempre para ella assim: “Oh, pobre Faladá”, e a tal cabeça responde: “Oh, pobre donzella prince-

za, se tua mãe soubesse disso, morreria de dôr”. Narrou mais o Robertinho o que succedia na campina e que vinha sempre um pé de vento muito forte que o obrigava a correr atraz do chapéu.

Ordenou então o rei ao menino que no dia seguinte levasse ainda os gansos ao pasto e elle foi em pessoa de manhan sentar-se atraz da porta, onde ouviu a donzella conversar com a cabeça de Faladá. Seguia-a de longe pela campina e escondeu-se em uma moita á espera dos acontecimentos. Não tardou a ver com os proprios olhos o que lhe fôra referido pelo pastorzinho. Viu a donzella desfazer as suas tranças brilhantes e logo depois ouviu-a dizer:

“Vento sopra, vento leve,
De Roberto o chapéusinho,
Vento leve Robertinho,
Té que eu finde o meu penteado
E o cabello haja trançado”.

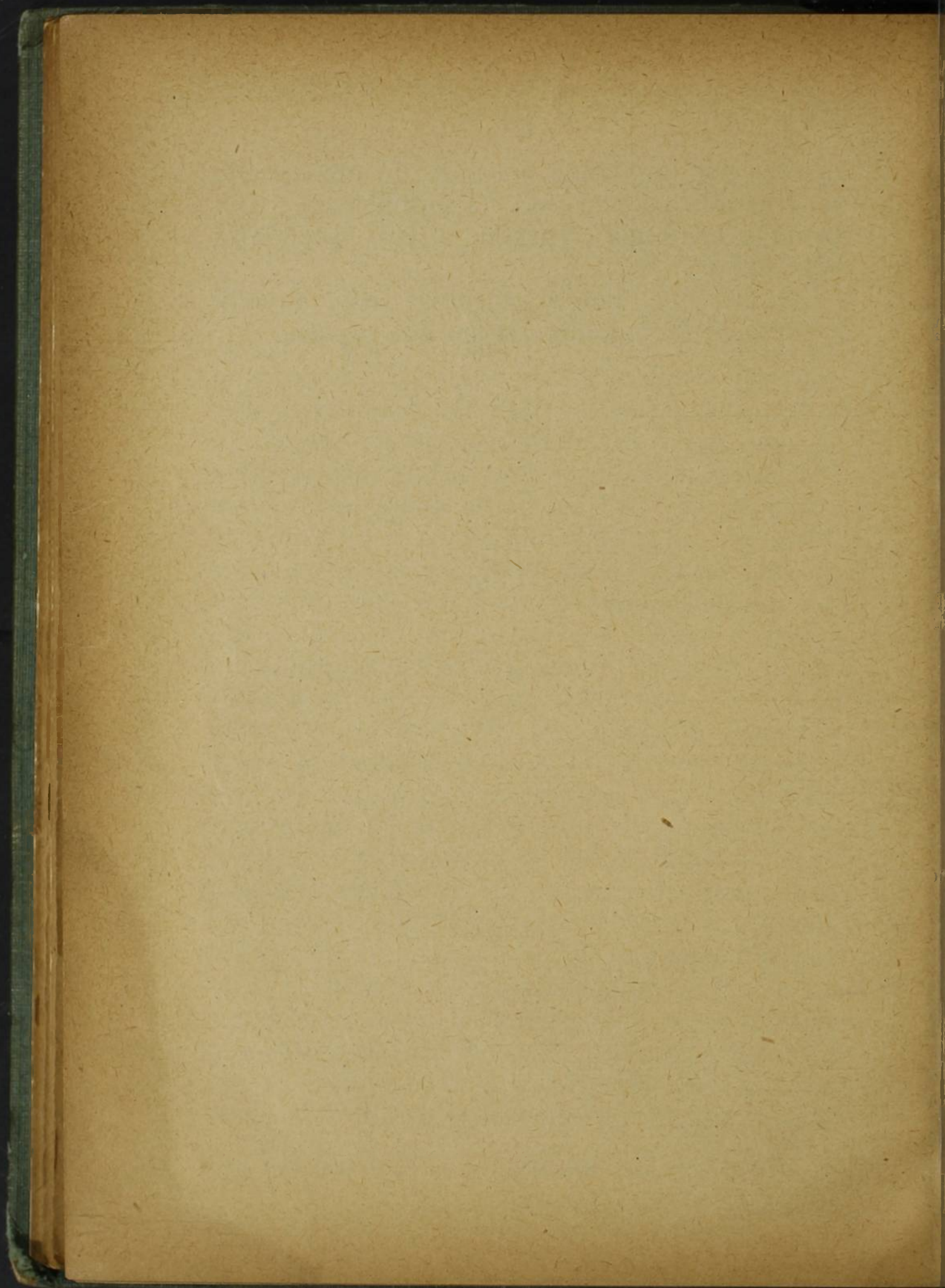
Uma rajada de vento arrebatou o chapéu de Robertinho, que teve de correr muito para apanhal-o, enquanto a moça penteava e arranjava os cabellos. Tendo presenciado tudo, o rei retirou-se sem ser visto e, de tarde, quando a donzella voltou, elle chamou-a de parte e perguntou pelo motivo do seu estranho procedimento durante o dia. “Não o posso dizer

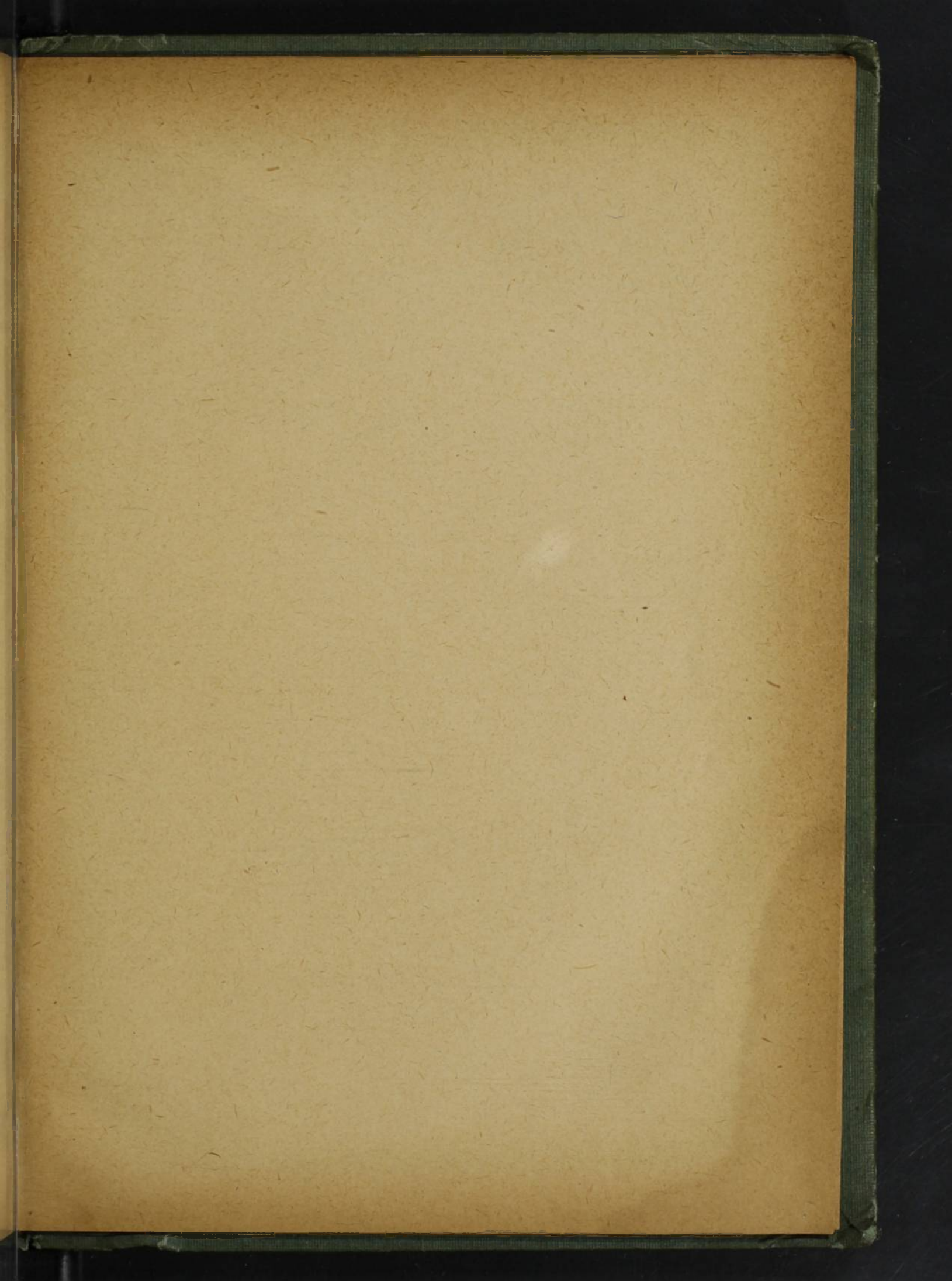
nem a vós nem a outra creatura humana, porque assim jurei para não ser morta”. Elle, porém, insistiu e disse por fim: “Se não o queres dizer a mim, dize-o ás paredes daquelle quarto, que a tanto não vai o teu juramento”. “Isso eu posso fazer”, respondeu ella, e entrou no quarto e ahi abriu o seu coração diante das quatro paredes, referindo o que a camareira lhe fizera e como a illudira. Em uma das paredes, porém, havia uma pequena abertura, por onde o rei poude ouvir toda a triste historia da donzella. E o resultado foi que o rei ordenou logo que a vestissem como princeza, e ella assim trajada era formosissima. Chamou depois o filho e fez-lhe ver que não passava de uma simples camareira essa mulher que se insinuara junto d'elle como princeza, e a verdadeira noiva era aquella que até então figurava como pastora de gansos. O principe mandou preparar um grande banquete, para o qual foi convidada muita gente. Elle sentou-se na cabeceira, a princeza teve de collocar-se num lado e a camareira no outro; esta ficou deslumbrada e não reconheceu a sua rival. Tendo todos comido e bebido, o rei, que então estava de bom humor, deu á sociedade esta questão a resolver: o que é que merecia uma mulher que houvesse illudido o seu senhor de tal e tal modo, e narrou toda a historia. Foi a falsa noiva a primeira a responder: “Mulher assim

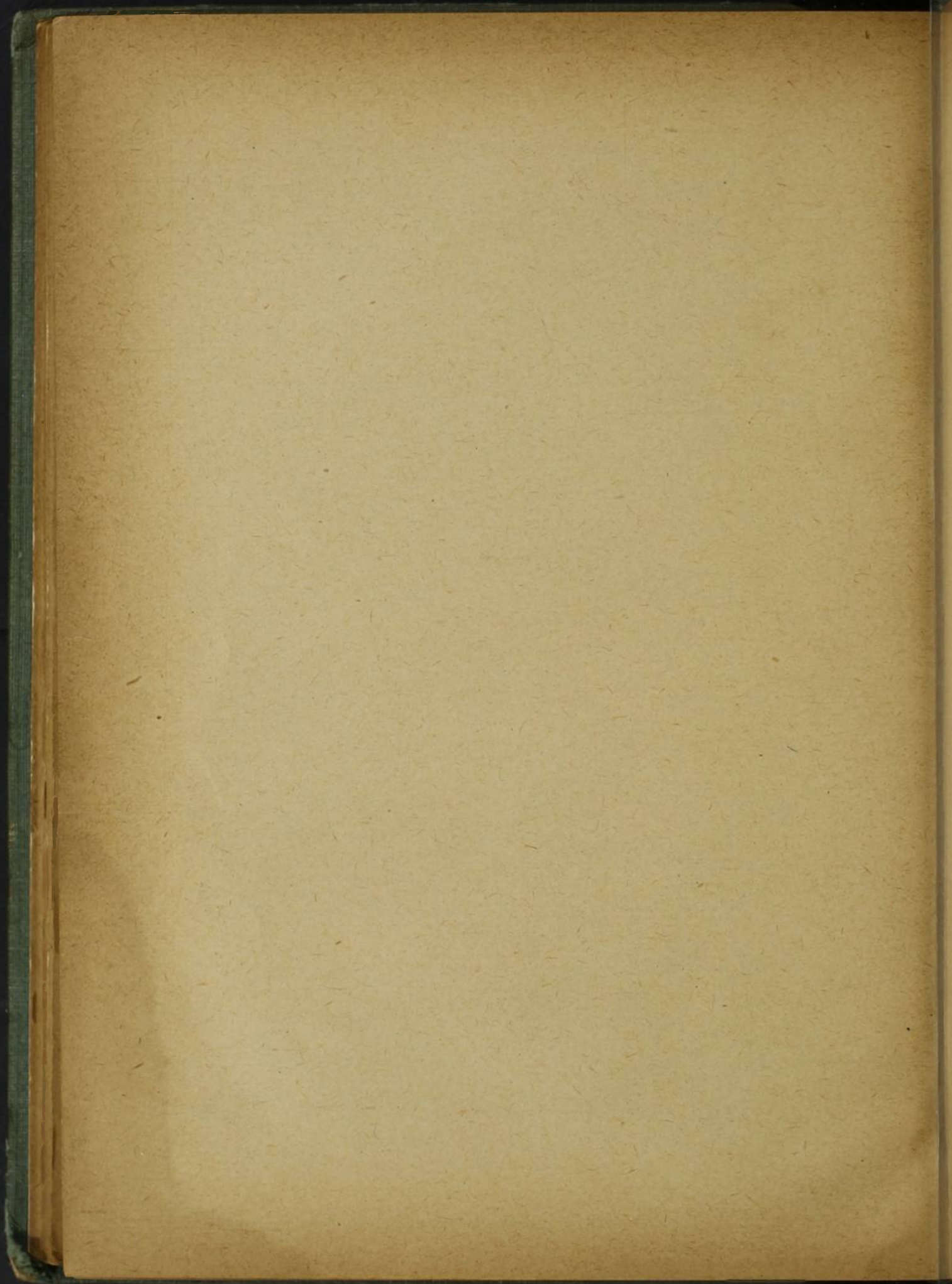
merece ser amarrada á cauda de um cavallo e arrastada pelas ruas”. “Pronunciaste a tua propria sentença”, tornou o rei, “mandarei executal-a”.

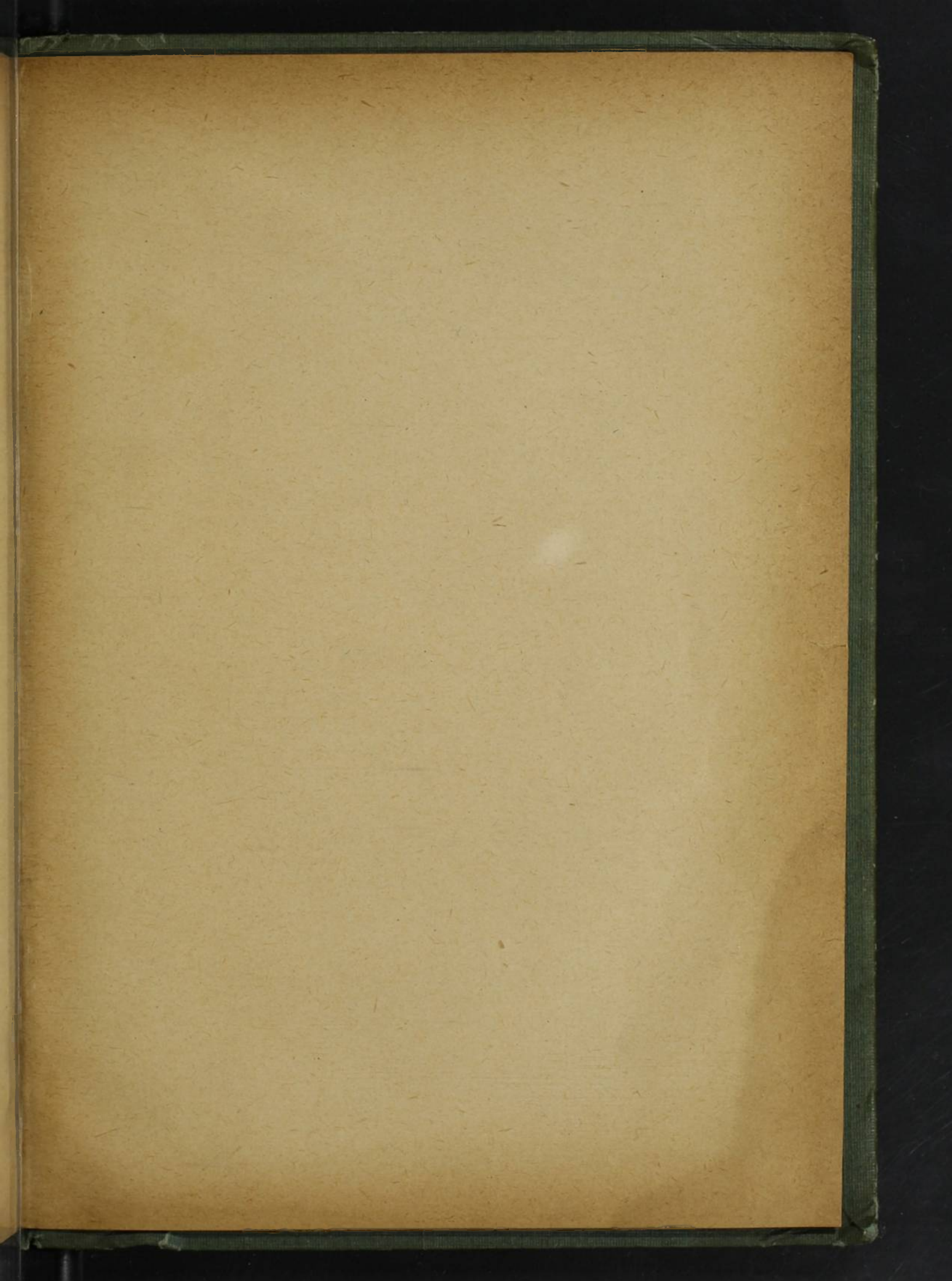
O principe, porém, casou-se com aquella a quem de facto competia ser **sua** esposa.

FIM

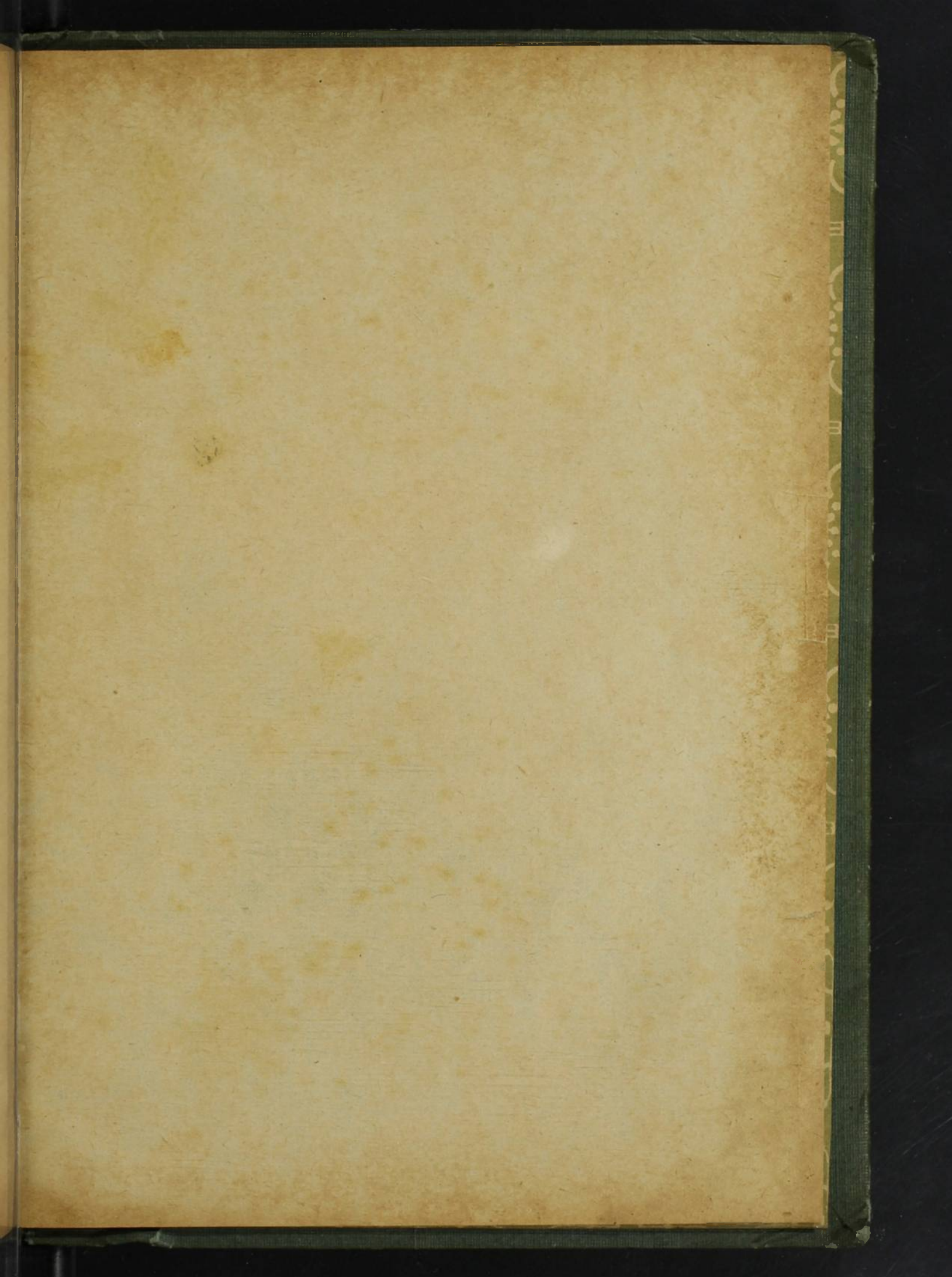








36108



1855
6



